



# A BALADA DO VELHO MARINHEIRO multilíngue

Gratuito para fins educacionais

# **A BALADA DO VELHO MARINHEIRO multilíngue**

*Organização*

Daniel Serravalle de Sá & Gisele Tyba Mayrink Orgado

Florianópolis

DLLE | CCE | UFSC

2018

---

## FICHA TÉCNICA

### Conselho Editorial

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão  
André Fiorussi  
Andréia Guerini  
Izabela Maria Drozdowska-Broering  
José Roberto O'Shea  
Karine Simoni  
Luciana Wrege Rassier  
Marcio Markendorf  
Marcos Antonio Morgado de Oliveira  
Maria Lúcia de Barros Camargo  
Noêmia Guimarães Soares  
Werner Ludger Heidermann

### Design Editorial

Alice Ormeneze  
Beatriz Rocha  
Emilene Lubianco de Sá

### Organização

Daniel Serravalle de Sá & Gisele Tyba Mayrink Orgado

Núcleo de Estudos Góticos  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Bloco B. Sala 120.  
Campus Universitário – Trindade  
Florianópolis – Santa Catarina  
88010-970

✉ d.serravalle@ufsc.br

☎ +55 (48) 3721- 9455

B171

A balada do velho marinheiro [recurso eletrônico] : multilíngue / organização,  
Daniel Serravalle de Sá, Gisele Tyba Mayrink Orgado. – Dados eletrônicos.–  
Florianópolis : CCE/UFSC, 2018.  
123 p.

Textos em Inglês, Francês, Italiano, Alemão, Espanhol, Português.  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-45535-80-5  
E-book (PDF)

1. Literatura Inglesa. 2. Poesia inglesa. 3. Coleridge, Samuel Taylor, 1772-  
1834. I. Sá, Daniel Serravalle de. II. Orgado, Gisele Tyba Mayrink.

CDU: 820

## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| “The Rime of the Ancient Mariner”, a história do poema e de suas traduções ..... | 5   |
| <b>Inglês</b>  |     |
| The Rime of the Ancient Mariner — Samuel Taylor Coleridge, 1798 .....            | 13  |
| <b>Francês</b>   |     |
| La Complainte du Vieux Marin — tradução de Auguste Barbier, 1877 .....           | 31  |
| <b>Italiano</b>  |     |
| La Leggenda del Vecchio Marinaio — tradução de Enrico Nencioni, 1889 .....       | 51  |
| <b>Alemão</b>  |     |
| Der Alte Matrose — tradução de Ferdinand Freiligrath, 1924 .....                 | 69  |
| <b>Espanhol</b>  |     |
| La Rima del Anciano Marinero — tradução de José María Martín Triana, 1982.....   | 87  |
| <b>Português</b>   |     |
| A Balada do Velho Marinheiro — tradução de Paulo Vizioli, 1995 .....             | 105 |

**Página intencionalmente deixada em branco**



## A balada do velho marinheiro, a história do poema e de suas traduções

Daniel Serravalle de Sá & Gisele Tyba Mayrink Orgado

“*The rime of the ancient mariner*” ou “A balada do velho marinheiro”, poema narrativo que abre a primeira edição da coletânea *Lyrical Ballads* (1798),<sup>1</sup> é o mais longo e emblemático poema de Samuel Taylor Coleridge; contendo sete partes e 625 versos, é considerado um dos marcos inaugurais do Romantismo inglês. Valendo-se de antigas formas da poesia popular – pois a balada tem origens medievais – o poema narra a incrível história de um marujo que, sem motivos, mata com uma flecha de sua besta um albatroz que acompanhava o navio, provocando a perdição de sua nau e de toda a tripulação.

Em 2018, “A balada” completa 220 anos da sua primeira publicação e a sua permanência na cultura popular pode ser verificada nas inúmeras alusões, homenagens e paródias que possui.<sup>2</sup> O albatroz, o navio fantasma, o velho marinheiro sentenciado a vagar pelo mundo consumido pela angústia que o impele a relatar sua história funesta (que Harold Bloom interpreta à luz da narrativa do judeu errante) são elementos que até quem nunca leu o poema poderá reconhecer. O conjunto de referências, símbolos e imagens literárias presentes nos versos inspirou a imaginação de artistas em diferentes épocas, que recriaram e disseminaram seus elementos temáticos em outras artes.

### Uma nova linguagem poética

Se hoje “A balada” desfruta de uma posição canônica dentro da literatura mundial, com repercussões nas artes gráficas, no teatro, no cinema e na música, essa reputação foi construída de modo gradual. Elinor Shaffer e Edoardo Zucatto explicam que o trabalho de Coleridge demorou para ser reconhecido fora dos países anglófonos por duas razões: a primeira é que só no século XX a obra completa de Coleridge foi consolidada por meio de pesquisas que editaram e compilaram seus textos. A outra razão é que as relações de Coleridge com a Europa costumam ser estudadas à luz das apropriações que ele fez de pensadores europeus, sendo uma das principais fontes a filosofia idealista alemã,<sup>3</sup> a qual confere à subjetividade um papel essencial na experiência humana. Coleridge teria feito uma leitura estética desses conceitos filosóficos, principalmente no que diz respeito à centralidade da imaginação e da fantasia, atribuindo formas literárias às teses do idealismo alemão. Para Coleridge, a poesia é uma forma de pensamento que não é possível de ser pensada de outro lugar, e o que o poeta almeja é justamente promover a coincidência entre pensamento e poesia.

1 A coletânea *Lyrical Ballads* e seu famoso prefácio inaugura um novo idioma poético que viria a ser chamado de romântico. Planejado em conjunto por S. T. Coleridge (1772-1834) e William Wordsworth (1770-1850), a origem do volume remonta às caminhadas que os amigos faziam em Alfoxton para discutir a poesia do passado e do presente. As conclusões a que chegaram, mais expressas na voz de Wordsworth do que na de Coleridge, estabeleceram os fundamentos da poesia moderna. O trabalho de Wordsworth predomina no livro, ele escreveu dezenove poemas e Coleridge apenas quatro, entretanto, “*The rime of the ancient mariner*” talvez seja o poema mais lembrado da coleção.

2 “A balada do velho marinheiro” foi ilustrada por desenhistas talentosos como David Scott (1837), Gustave Doré (1877) e David Jones (1929). O livro de W.H. Auden, *Look, Stranger* (1936), parece um eco do “listen, stranger!” do marinheiro. Anos depois, a banda Iron Maiden fez uma releitura musical do poema no álbum *Powerslave* (1984). A banda Nightwish cita o poema na música “Sahara”, do álbum *Dark Passion Play* (2007). Em 2012, a banda Tiger Lillies fez um álbum baseado no poema.

3 No contexto das teorias do conhecimento e da filosofia especulativa, a palavra idealismo significa que as propriedades ou características de determinados objetos dependem da maneira como os percebemos. Em outras palavras, as coisas não possuiriam uma propriedade *per se*, existindo apenas enquanto funções dentro de um conjunto de operações mentais e experiências individuais. A própria noção de uma “coisa em si”, ou seja, as propriedades físicas ou intrínsecas de um objeto (exterior à mente), é um ponto de discussão no âmbito da tradição idealista. Alguns dos principais pensadores desse movimento foram Johann Gottlieb Fichte, Schelling e Friedrich Georg Wilhelm Friedrich Hegel e, de uma posição contrária, Immanuel Kant.

---

Por ser deliberadamente experimental com a linguagem e repleto de incidentes sobrenaturais, “A balada” não obteve uma boa recepção quando foi publicada no final do século XVIII.<sup>4</sup> O poema foi criticado devido ao seu vocabulário rebuscado e dicção arcaica, o que é irônico, pois, hoje é um consenso que o estilo inovador do poeta foi decisivo para a gênese e ascensão do Romantismo na Inglaterra. Enquanto releitura da tradição bardística medieval, as formas utilizadas por Coleridge (métrica, rimas, aliterações) causaram estranheza aos leitores da época, que ainda estavam acostumados com a poética neoclássica. O poeta iria esclarecer depois quais eram as suas ideias ao lançar uma obra que ia de encontro à literatura produzida no período, a qual ele considerava envolta em uma aura de artificialidade que regia não somente as expressões artísticas, mas, também, o estilo de vida das pessoas. O próprio título escolhido para a coletânea *Lyrical Ballads* já configurava uma certa controvérsia, pois a associação do termo “balada” (de extrato popular, narrativo, dramático) à expressão “lírica”, consistiria em uma aliança entre diferentes formas de poesia. De certo modo, a escolha é uma afronta aos velhos cânones, pois, na poética neoclássica os gêneros literários são considerados herméticos e não favoráveis a hibridismos.

Além disso, as histórias inverossímeis do velho marinheiro e o seu próprio caráter também geraram questionamentos, pois, é em decorrência de um ato de violência gratuita que o marinheiro e seus companheiros são acometidos por uma série de desgraças, inclusive um pesadelo gótico repleto de visões marinhas espectrais e a aparição de um barco fantasma. Esse interesse pelo sobrenatural e pelo místico – também presente nos poemas “Kubla Khan” e “Christabel” – é uma outra característica do revivalismo da poesia e dos mitos da Idade Média, um período histórico desprestigiado pelo racionalismo iluminista. Para os românticos, todavia, a Idade Média representava um período social e cultural que se contrapunha às tendências individualistas do liberalismo europeu em ascensão. Nessa recriação poética, a Idade Média foi idealizada como a era de gestação das nacionalidades europeias, ainda imaculadas e sem qualquer influência alheia. A arte medieval era considerada uma expressão natural e genuína do espírito do povo de cada lugar, independentemente de regras, modelos e deformações racionalistas.

Ao longo dos versos do poema, as referências religiosas são frequentes e uma das possíveis formas de interpretação da narrativa se dá pela revelação divina, materializada na forma de um imaginário cristão que desperta no leitor emoções diversas e fornece uma espécie de código de valores morais, ressaltando o conceito de pecado e castigo, com base em ações e suas consequências. De modo que, uma leitura corrente de “A balada” é desenvolvida a partir de sua simbologia cristã, com destaque para as alegorias religiosas do poema. Essa forma de interpretar o poema também estabelece conexões com o universo religioso medieval, nas quais elementos como o albatroz morto se torna uma cruz, que é pendurada no pescoço do marinheiro. Ainda dentro dessa leitura, o enredo apresenta uma sequência de acontecimentos que encerram: crime, pecado, queda, culpa, penitência, purgação e redenção. Interpretado à luz de uma visão teológica-medieval, a solução moral que o poema apresenta pode ser resumida na angústia que impele o marinheiro a relatar sua tragédia e ensinar o amor pelas criaturas de Deus.

O crítico Robert Fowke (2010), por sua vez, remonta as origens do poema ao início do período moderno, mais especificamente à Época de Ouro da pirataria (1650-1730) e, em particular, à história de um marinheiro chamado Simon Hatley, que navegou durante a era dos bucaneiros e corsários, setenta e oito anos antes do poema de Coleridge. Hatley, que foi preso duas vezes pela Inquisição e se viu acusado de pirataria, participou de uma das mais perigosas aventuras marítimas do início do século XVIII, que foi a travessia do Cabo Horn, conhecido como o fim do mundo.

---

4 Para entender melhor a recepção do poema em sua época e contexto, ver análise de Rosemary Ashton. *The Life of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford: Blackwell, 1996.

A bordo do navio *Speedwell*, Hatley saiu de Plymouth, em 13 de fevereiro de 1719, sob comando do capitão George Shelvocke, em direção ao Pacífico Sul, para lutar contra os espanhóis, por ocasião da Guerra da Quádrupla Aliança – inclusive esse navio fez uma parada em Florianópolis para abastecimento. Na história relatada pelo próprio capitão Shelvocke em seu livro *A Voyage round the World by way of the Great South Sea* (1726), Simon Hatley teria abatido um albatroz negro durante a passagem pelo ponto extremo da América do Sul, um lugar intrigante e melancólico. Quase oito décadas depois, o episódio se tornaria a inspiração para o enredo central de “A balada” de Coleridge.<sup>5</sup>

Misturando o épico e o trágico, o poema revisita temas e imagens do imaginário medieval, simbologias e alegorias do cristianismo e também faz referência às grandes navegações do século XV e XVI, que na época de Coleridge já constituíam um pastiche – para o leitor do século XVIII, a viagem insólita do velho marinheiro, ambientada nos mares sinistros do Atlântico Sul, já era algo do passado. Em virtude das muitas críticas que enfrentou, relacionadas à sua linguagem poética inovadora e suas referências pseudomedievais, Coleridge foi forçado a rever o poema em 1815 e, na reedição de 1834, além da revisão de algumas estrofes, ele inseriu glosas (elementos paratextuais) em prosa à margem esquerda do texto, explicando o que acontecia em cada momento do poema. Essa edição com os comentários explicativos se tornou referência e atualmente é a versão mais encontrada, de maior circulação.

### Hibridismos poéticos, ironia e jogos de linguagem

Ainda outra maneira de interpretar o poema é percebendo como o velho marinheiro não é o único narrador. Antes dele, há uma voz narrativa que introduz o primeiro encontro entre o velho marinheiro e o jovem convidado do casamento, que também possui a uma voz narrativa. A partir da edição de 1834, mais uma voz discursiva é introduzida por meio das glosas marginais, consequentemente, acrescentando mais uma camada narrativa. Nesse desdobramento de narradores, cada vez que a voz narrativa se distancia da narrativa central do velho marinheiro, ela também se distancia da visão religiosa, caminhando para uma interpretação mais próxima da ironia. A chave interpretativa aqui são os jogos de linguagem do poema, que está repleto de vozes que contêm e que estão contidas umas nas outras, os diferentes desdobramentos e níveis narrativos que a leitura atenta revela.

Por exemplo, o velho marinheiro que fala ao jovem convidado do casamento sobre como foi vítima da sua própria ignorância e como se tornou responsável pelo sofrimento da humanidade (o pecado original) é um homem que possui olhos esbugalhados, mãos esqueléticas e que está vestindo farrapos. Ele pode ser dito um ser transtornado, louco, não apenas por causa da sua aparência física, mas também devido à sua narrativa inverossímil, repleta de acontecimentos fantasiosos. Embora o marinheiro esteja sentenciado a contar e recontar eternamente a sua história, esse narrar (a linguagem) tem o propósito de restaurar a relação do eu com o mundo. Entretanto, parece que a linguagem não dá conta de operar essa reconciliação do *eu dividido*, ou seja, resolver a tensão entre o comportamento desnorteado do marinheiro e o seu lugar no mundo. “A balada” acaba em irresolução, tragédia e ironia, possível representação de uma vida que só se reconhece no instante em que já ficou para trás. Tais continuidades e descontinuidades da consciência, que já estão no âmago do Romantismo, hoje são conhecidas como questões da Modernidade.

O tom irônico também se manifesta no efeito que o velho marinheiro parece ter sobre o jovem convidado e na imitação de gêneros poéticos. O rapaz fica paralisado com o olhar magnético

<sup>5</sup> A história de Hatley se conecta com as histórias de outros marinheiros, cujas aventuras, por sua vez, geraram outras famosas ramificações e conexões literárias. Em 1709, Simon Hatley estava no barco *Duke*, que resgatou o náufrago Alexander Selkirk, cuja história serviu de base para Daniel Defoe escrever *Robinson Crusó* (1719). A bordo do mesmo barco também estava William Dampier, que serviu de inspiração para Jonathan Swift escrever *As Viagens de Gulliver* (1726).



---

do marinheiro e parece ter um verdadeiro pavor das suas histórias. Da mesma forma que os leitores da época de Coleridge se distanciaram da história do velho marinheiro, pode-se pensar que eles também irão duvidar da reação do convidado, cujo medo pueril serve ao propósito irônico. O hibridismo entre a poética clássica e a medieval, o choque entre gêneros opostos, que antes só existiam de forma separada, criam desdobramentos e distanciamentos que são indicativos da atitude irônica de Coleridge sobre os gêneros literários.

Partindo de uma visão teológica, das quais muitos escritores ainda não tinham conseguido se desligar, “A balada” desenvolve jogos de linguagem abordando formas literárias do presente e do passado, estabelecendo uma leitura poética sobre o desenvolvimento do pensamento humano, sobre o *eu fragmentado* diante da constatação da sua existência trágica no mundo. Esse é o espírito romântico que, por meio da linguagem poética, da ironia e da tragédia, chega para alterar as formas culturais e filosóficas que imperavam no final do século XVIII.

### **Sobre a recepção do poema e o reconhecimento literário por meio de traduções**

Atualmente “A balada” se encontra traduzida em mais de trinta idiomas diferentes, todavia, mesmo no continente europeu, há um hiato de mais de trinta anos desde a publicação em 1798 até a sua primeira tradução. Considerando somente as línguas escolhidas para esta coletânea, as primeiras traduções localizadas foram a de Ferdinand Freiligrath para o alemão (1831); de Auguste Barbier para o francês (1877); de Enrico Nencioni para o italiano (1889); de B. Archer para o espanhol (1895) e a de Paulo Vizioli para o português (1995).

De certa forma, pode-se dizer que o reconhecimento literário de Coleridge se deu a partir do seu trabalho como tradutor. Ao listar os principais escritores ingleses no livro *Das Gelehrte England* (1804), Jeremias David Reuss menciona a tradução que Coleridge fez da tragédia *Wallenstein*, de Friedrich Schiller, em 1798. Logo outros de seus trabalhos passaram a circular no meio literário a exemplo de poemas selecionados publicados pelos editores franceses Baudry e Galignani no livro *The living poets of England* (1827). Posteriormente, mais poemas seus entrariam na coletânea *The British poets of the nineteenth century* (1828), de J. W. Lake, publicado simultaneamente na França e na Alemanha. O livro *The poetical works of S. T. Coleridge*, publicado por William Pickering, em 1828, 1829 e 1834, estabeleceu, por fim, a posição de Coleridge como um dos principais poetas da Inglaterra, garantindo a presença de seus poemas em antologias sobre poesia e Romantismo inglês, tanto em língua inglesa quanto em traduções para outros idiomas. Não obstante, foi realmente o poema “A balada do velho marinheiro” que consolidou o reconhecimento de Coleridge, auxiliado pelas belíssimas ilustrações que Gustave Doré (1832-1883) fez para o poema em 1876.

O poeta romântico e tradutor Ferdinand Freiligrath (1810-1876), publicou sua primeira tradução de “A balada” em um periódico (1831), depois em uma coletânea chamada *Gedichte* (1838), integrando uma seção específica de suas traduções, para, enfim, lançar o volume *Der alte Matrose*, em 1877 – o texto que utilizamos neste volume é uma versão publicada em 1924. Em seu trabalho, Freiligrath seguiu o mesmo formato de Coleridge, introduzindo o texto paralelo às margens do poema, recriando a métrica e as rimas ao longo das sete partes. Entretanto, considerando-se os contatos literários, filosóficos e acadêmicos com a Universidade de Göttingen, note-se que há somente duas traduções para a língua alemã, a de Freiligrath e a de Heinz Politzer (1910-1978), intitulada “*Der alte Seefahrer*” e publicada em 1963. Há também uma ecofábula em quadrinhos (lançada originalmente em inglês), de autoria de Nick Hayes, a qual foi publicada em alemão sob o título *Die Ballade von Seemann und Albatros: graphic novel* (2012), com tradução de Henning Ahrens.

A primeira tradução que se tem conhecimento na França foi realizada em 1877 por Auguste Barbier (1805-1882) sob o título “*La complainte du vieux marin*”, também localizada com os títulos

“*La ballade du vieux marin*” e “*La chanson du vieux marin*”. Sua tradução, diferentemente do poema de Coleridge, dispensou o recurso das rimas e da métrica, percorrendo sobre a trajetória do personagem em prosa – o poema de Coleridge inspirou renomados poetas na França, como Charles Baudelaire (1821-1867), em *Le fleurs du mal* (1861), e Arthur Rimbaud (1854-1891), em *Le bateau ivre* (1871). Não é raro encontrarmos dentro do campo dos Estudos da Tradução, referências aos obstáculos encontrados face à “intraduzibilidade” de poemas, principalmente diante de trocadilhos, jogos de palavras, ou metáforas, uma vez que tais elementos são difíceis de serem traduzidos com perfeição, por conterem diferentes níveis de significados implícitos em seus significantes. Desconhecemos se esse foi o motivo que levou Barbier a optar por um texto narrativo, resultando em um acréscimo de quase cem linhas, ou, ainda, qual seria a justificativa para a omissão das glosas marginais. A partir dessa, outras tantas se seguiram, como a do crítico e escritor Valéry Larbaud (1881-1957), tradutor de *Ulysses*, de James Joyce; a de A. Barbeau, “*La chanson du vieux marin*” (1926; 1932), que se assemelha bastante ao texto de partida em inglês em forma, rimas e paratextos;<sup>6</sup> “*Le vieux marin: poème*” (J.A. Moisan, 1939); “*La ballade du vieux marin: en sept parties*” (Guy Lévis Mano, 1946); “*Le dit du vieux marin*” (Henri Parisot, 1989); e algumas mais recentes, “*La ballade du vieux marin*” (Jacques Darras, 2005; e Patrick Calais, 2015).

Pouco mais de uma década após o lançamento das primeiras traduções em francês e alemão, foram publicadas simultaneamente na Itália as versões de Enrico Nencioni (1837-1896), intitulada “*La leggenda del vecchio marinaio*” e a de Emilio Teza (1831-1912), intitulada “*La rima del vecchio marinaio*”, ambas em 1889. A obra de Nencione tem as ilustrações de Doré, assim como a do poeta Mario Luzi (1914-2005), que lançou duas edições intituladas *La ballata del vecchio marinaio*, em 1949 e 1973, e incluiu “Kubla Khan” em sua publicação dedicada à poesia simbolista. O texto de Nencione, apesar de ser uma tradução direta, seguiu os mesmos padrões da versão francesa de Barbier, isto é, com o poema em texto narrativo, sem rimas e sem as glosas marginais, as quais foram incluídas em publicações posteriores por outros tradutores. As traduções para a língua italiana são numerosas e incluem ainda “*La ballata del vecchio marinaio*” (Mario Praz, 1925; e Beppe Fenoglio, 1955, 1964); “*La rima del vecchio marinaio*” (em 1987, uma por Giovanni Giudici; e outra por Franco Buffoni); “*La ballata del vecchio marinaio: colpa ed espiazione: il mare dell’anima*” (Alessandro Quattrone, 1995); “*La ballata dell’antico marinaio*” (Piero Malvano, 2008); e mais de uma dezena de outras catalogadas, incluindo uma lançada recentemente, em 2018. Outras representações intersemióticas também adaptaram a obra, como a peça de teatro *La ballata del vecchio marinaio* (Damiano Grasselli, 2011), e duas óperas, *Ballata: opera in due atti* (Luca Francesconi, 2002) e *The legend of the ancient mariner* (Marco Sofianopulo, 2009).

Na Espanha, o escritor e tradutor Santiago Gonzalez Corugedo, em seu artigo “Traducciones y adaptaciones españolas de ‘The Rime of the Ancient Mariner’ de S. T. Coleridge” (1989), desenvolve um detalhado trabalho de investigação sobre as traduções da obra de Coleridge para a língua espanhola, que recebeu diferentes títulos ao longo dos anos. A partir da tradução de B. Archer, intitulada “*El viejo Marino*” (1895), publicada alguns anos depois das traduções lançadas na França, Alemanha e Itália, outras surgiram, tais como “*La oda del viejo mariner*”, de Eduardo Chamorro (1975), “*La balada del marinero de antaño*” (José Siles Artés, 1981); a “*Balada del viejo marinero*” (José María Martín Triana, 1982); e “*La rima del viejo navegante*” (Adolfo Sarabia Santander, 1983), para citar algumas das principais. A excelente pesquisa de Corugedo passa ainda pela tradução catalã de Marià Manent, “*Poema del vell mariner*” (1945); as traduções de Edison Simons (1975); José Maria Valverde (1989); a sua própria tradução em conjunto com José Chamosa Gonzalez (1990); e uma mais recente, “*La cancion del viejo mariner*”, de Luíz Hermán Rodriguez

6 Disponível na Biblioteca Nacional da França, em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k853125j/f9.image>>.

---

Felder (2009). No que diz respeito à América do Sul, encontramos a tradução do colombiano Otto de Greiff, intitulada “*La canción del viejo marino*” (1998), e da argentina Karina Macció, intitulada “*La canción de viejo marinero*” (2001). A “*Balada del viejo marinero*” ou “*La rima del anciano marinero*”, na versão de Martin Triana, escolhida para integrar esta edição, é uma tradução direta de edições originais em inglês e, embora não inclua as ilustrações de Gustave Doré, utiliza o recurso paratextual à margem de seu texto, apresentando, entretanto, poucas rimas entre suas estrofes, como foi comum observar em outras traduções para o idioma espanhol.

Por fim, as horas passadas em busca de uma versão para o português de “A balada” não resultaram em mais que três traduções completas da obra de Coleridge, todas relativamente recentes. Causa certo estranhamento perceber que, diante de tantas traduções para outras línguas desde o século XIX, a primeira tradução em português europeu foi feita mais de duzentos anos após a publicação de Coleridge, com a “*Rima do velho marinheiro*”, de Gualter Cunha (2005), uma edição trilingue em inglês, espanhol e português; “*O poema do velho marujo*”, com tradução de M. António C. Costa (2013); e a recém lançada “*A balada do velho marinheiro*”, de Alberto Pimenta<sup>7</sup> (2017). Os tradutores do Brasil também lançaram as primeiras edições tardiamente: “*A balada do velho marinheiro*”, traduzida pelo crítico literário Paulo Vizioli (1934-1999), é de 1995 e foi seguida das traduções de Alípio Correa de Franca Neto (2005) e Weimar de Carvalho (2006).

A versificação e métrica do poema pode ter sido um dos grandes desafios enfrentados por tradutores nas mais diversas línguas, no entanto, a tradução de Vizioli, selecionada para compor essa coletânea, não deixa a desejar. Suas estrofes compostas predominantemente por quadras (com algumas variações), apresentam quatro pés métricos no primeiro verso e três no segundo, sempre com rimas ao final do segundo e quarto versos, e, esporadicamente, rimas internas nas estrofes com seis versos. Essa forma métrica foi respeitada na versão em português em todos os versos do poema, como se pode cotejar por meio do exemplo a seguir, composto graciosamente com rimas, ritmo e aliterações em inglês, o que foi mantido por poucos tradutores em outros idiomas:

*Stunned by that loud and dreadful sound,  
Which sky and ocean smote,  
Like one that hath been seven days drowned  
My body lay afloat;  
But swift as dreams, myself I found  
Within the Pilot's boat.*

*Aturdido deixou-me o som alto e medonho,  
Que sacudiu o oceano e o céu;  
Como afogado há sete dias (eu suponho)  
Boiou o corpo meu;  
Porém, com o Piloto, rápido qual sonho,  
No bote vejo-me eu.*

Também fazem parte da sua publicação bilíngue as glosas marginais, o Argumento, a Epígrafe publicada por Coleridge no texto em inglês, sendo mantida sua reprodução em Latim, e traduzida em nota ao final da publicação. O papel exercido pela Epígrafe descrita a seguir, de T. Burnet, publicada em *Archaeologiae Philosophicae: sive Doctrina Antiqua de Rerum Originibus* (1692), parece ser o

---

<sup>7</sup> A balada do velho marinheiro foi adaptada para o teatro, sob a direção de Steve Johnson, e encenada pela Companhia Teatro do Mar, de 2015 a 2017.

mesmo das glosas, isto é, o de antecipar o jogo de incertezas e contradições que surgem a partir do texto, repleto de mistérios a serem interpretados, dos quais faz parte, ainda, um texto em latim:

*Facile credo, plures esse Naturas invisibiles quam visibiles in rerum universitate. Sed horum omnium familiam quis nobis enarrabit? et gradus et cognationes et discrimina et singulorum munera? Quid agunt? quae loca habitant? Harum rerum notitiam semper ambivit ingenium humanum, nunquam attigit. Juvat, interea, non diffiteor, quandoque in animo, tanquam in tabula, majoris et melioris mundi imaginem contemplari: ne mens assuefacta hodiernae vitae minutiis se contrahat nimis, et tota subsidat in pusillas cogitationes. Sed veritati interea invigilandum est, modusque servandus, ut certa ab incertis, diem a nocte, distinguamus. – T. BURNET, *Archaeol. Phil.*, p. 68.*

Com relação ao Argumento, encontrado apenas em algumas traduções, suas poucas linhas suscitam reflexões por parte do leitor, propondo um questionamento diante de situações tão inusitadas quanto incrédulas, sobre a trajetória percorrida pelo Marinheiro ao longo de sua jornada, conforme vemos:

#### ARGUMENT

*How a Ship having passed the Line was driven by storms to the cold Country towards the South Pole; and how from thence she made her course to the tropical Latitude of the Great Pacific Ocean; and of the strange things that befell; and in what manner the Ancyent Marinere came back to his own Country.*

#### ARGUMENTO

Como um navio, tendo cruzado o Equador, foi impelido por tempestades à Terra Fria a caminho do Pólo Sul; e como de lá fez seu trajeto para a Latitude tropical do Grande Oceano Pacífico; e das coisas estranhas que aconteceram; e de que modo o Velho Marinheiro retornou a seu próprio País.

Se alguns autores reportam a previamente mencionada ‘intraduzibilidade’ da poesia, é graças ao empenho e dedicação de outros, que clássicos como “A balada do velho marinheiro” circulam entre os públicos mais distantes no tempo e na história, apesar dos desafios e dos inúmeros obstáculos que, certamente, surgiram, como atestam as palavras de Corugedo (1989):

A tradução de poesias não é apenas possível, como também é um exercício cultural excepcional e, em muitos casos, imprescindível no sentido de aproximar um público de uma obra ou de um conjunto de obras às quais não teria acesso por não ter como entendê-la em sua língua original.<sup>8</sup>

As diferentes traduções que integram a edição foram selecionadas por motivos históricos, levando-se em consideração o impacto que tiveram ao serem publicadas e sua capacidade de permanecer em evidência ao longo dos anos – se o texto de Coleridge sobrevive, ao menos em parte, é por causa das traduções. Agradecemos a preciosa colaboração dos colegas Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, André Fiorussi, Andréia Guerini, Izabela Maria Drozdowska-Broering, José Roberto O’Shea, Karine Simoni, Luciana Wrege Rassier, Marcio Markendorf, Marcos Antonio Morgado de Oliveira, Maria Lúcia de Barros Camargo, Noêmia Soares e Werner Ludger Heidermann

<sup>8</sup> González y Fernández–Corugedo, 1989, p.225, tradução-adaptação dos editores.



que compõem o Conselho Editorial desta edição, nos deram ótimas sugestões e ajudaram a revisar os poemas. Os textos originais estão em domínio público ou foram autorizados pelos detentores dos direitos autorais. De qualquer forma, todos os direitos pertencem aos autores e aos que lhe são conexos (Lei nº 9.610/1998), nós os colocamos à disposição do público apenas enquanto referência. Nossa coletânea tem fins educacionais e distribuição gratuita, nosso objetivo é a democratização da informação, do conhecimento e da cultura, conceitos essenciais para o desenvolvimento da educação. Finalmente gostaríamos de agradecer ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) da Universidade Federal de Santa Catarina pelo apoio que tornou possível a realização deste projeto. Os textos aparecem aqui organizados pela data de publicação: primeiro a versão do poema em inglês (a edição final de Coleridge, com as glosas marginais) e as versões para as línguas estrangeiras ordenadas cronologicamente. Cada uma dessas traduções é tão representativa da criatividade de Coleridge como da criatividade de cada um dos escritores que se aventurou a traduzir o poema.

## Referências

- ASHTON, Rosemary. *The life of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford: Blackwell, 1996.
- BARBIER, Auguste. *La ballade du vieux marin*. Paris: Hachette, 1877.
- BLOOM, Harold. *How to Read and Why*. New York: Scribner, 2000
- COLERIDGE, Samuel Taylor. *The rime of the ancient mariner*. 1789.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. A balada do velho marinheiro. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Ateliê, 2005.
- FOWKE, Robert. *The real ancient mariner: pirates and poesy on the south sea*. Bishop's Castle: Travelbrief Publications, 2010.
- FREILIGRATH, Ferdinand. *Der alte Matrose*. Leipzig: C. F. Amelang, 1877.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GONZÁLEZ Y FERNÁNDEZ-CORUGEDO, Santiago. *Traducciones y adaptaciones españolas de The Rime of the Ancient Mariner de S. T. Coleridge*. Archivum 39–40 (1989), p.225–248.
- HOLMES, Richard. *Coleridge: early visions, 1772–1804*. New York: Pantheon Books. 1989.
- LOWES, John Livingstone. *Road to Xanadu*. Boston: Houghton Mifflin, 1927.
- NENCIONI, Enrico. *La leggenda del vecchio marinaio*. Milano: Tipografia Bernardoni di C. Rebeschini, 1889.
- PAGLIA, Camille. *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson*. New Haven: Yale UP, 1990.
- POOLMAN, Kenneth. *The Speedwell voyage: a tale of piracy and mutiny in the eighteenth century*. Annapolis, Md.: Naval Institute Press, 1999.
- SHAFFER, Elinor e ZUCATTO, Edoardo. *The reception of S. T. Coleridge in Europe*. London: Continuum, 2007.
- SHAFFER, Elinor. Coleridge's reception on the continent. In: Burwick, Frederick. *The Oxford Handbook of Samuel Taylor Coleridge*. Oxford: University Press, 2009.
- SHELVOCKE, George. *A voyage round the world by way of the great south sea*. London: J. Senex. 1726.
- TRIANA, José María Martín. *S. T. Coleridge, balada del viejo marinero y otros poemas*. Madrid: Visor Libros, 1982.
- VIZIOLI, Paulo. *S. T. Coleridge, poemas e excertos de Bibliografia Literária*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

# THE RIME OF THE ANCIENT MARINER

Samuel Taylor Coleridge, 1798

## PART I

An ancient Mariner meeteth  
three gallants bidden to a  
wedding feast, and detaineth  
one

It is an ancient Mariner,  
And he stoppeth one of three.  
“By thy long grey beard and glittering eye,  
Now wherefore stopp’st thou me?

The Bridegroom’s doors are opened wide, 5  
And I am next of kin;  
The guests are met, the feast is set:  
May’st hear the merry din.”

He holds him with his skinny hand, 10  
“There was a ship,” quoth he.  
“Hold off! unhand me, grey-beard loon!”  
Eftsoons his hand dropt he.

The Wedding-Guest is spell-  
bound by the eye of the old  
seafaring man, and constrained  
to hear his tale.

He holds him with his glittering eye — 15  
The Wedding-Guest stood still,  
And listens like a three years child:  
The Mariner hath his will.

The Wedding-Guest sat on a stone:  
He cannot choose but hear;  
And thus spake on that ancient man,  
The bright-eyed Mariner. 20

“The ship was cheered, the harbour cleared,  
Merrily did we drop  
Below the kirk, below the hill,  
Below the lighthouse top.

The Mariner tells how the  
ship sailed southward with a  
good wind and fair weather,  
till it reached the Line.

The Sun came up upon the left, 25  
Out of the sea came he!  
And he shone bright, and on the right  
Went down into the sea.

Higher and higher every day, 30  
Till over the mast at noon —”  
The Wedding-Guest here beat his breast,  
For he heard the loud bassoon.

|  |  |          |
|--|--|----------|
| The Wedding-Guest heareth<br>the bridal music; but the<br>Mariner continueth his tale.   | The bride hath paced into the hall,<br>Red as a rose is she;<br>Nodding their heads before her goes<br>The merry minstrelsy.   | 35       |
|  | The Wedding-Guest he beat his breast,<br>Yet he cannot choose but hear;<br>And thus spake on that ancient man,<br>The bright-eyed Mariner.   | 40       |
| The ship drawn by a storm<br>toward the South Pole.  | And now the STORM-BLAST came, and he<br>Was tyrannous and strong:<br>He struck with his o'ertaking wings,<br>And chased us south along.  |          |
|  | With sloping masts and dipping prow,<br>As who pursued with yell and blow<br>Still treads the shadow of his foe,<br>And forward bends his head,<br>The ship drove fast, loud roared the blast,<br>And southward aye we fled. | 45<br>50 |
|  | And now there came both mist and snow,<br>And it grew wondrous cold:<br>And ice, mast-high, came floating by,<br>As green as emerald.  |          |
| The land of ice, and of fearful<br>sounds, where no living thing<br>was to be seen.  | And through the drifts the snowy clifts<br>Did send a dismal sheen:<br>Nor shapes of men nor beasts we ken —<br>The ice was all between.   | 55       |
|  | The ice was here, the ice was there,<br>The ice was all around:<br>It cracked and growled, and roared and howled,<br>Like noises in a swound!  | 60       |
| Till a great sea-bird, called<br>the Albatross, came through<br>the snow-fog, and was<br>received with great joy and<br>hospitality. | At length did cross an Albatross,<br>Thorough the fog it came;<br>As if it had been a Christian soul,<br>We hailed it in God's name.   | 65       |
|  | It ate the food it ne'er had eat,<br>And round and round it flew.<br>The ice did split with a thunder-fit;<br>The helmsman steered us through!   | 70       |

And lo! the Albatross proveth  
a bird of good omen, and  
followeth the ship as it  
returned northward through  
fog and floating ice.

And a good south wind sprung up behind;  
The Albatross did follow,  
And every day, for food or play,  
Came to the mariner's hollo!

In mist or cloud, on mast or shroud, 75  
It perched for vespers nine;  
Whiles all the night, through fog-smoke white,  
Glimmered the white Moon-shine."

The ancient Mariner  
inhospitably killeth the  
pious bird of good omen.

"God save thee, ancient Mariner!  
From the fiends, that plague thee thus! — 80  
Why look'st thou so?" — With my cross-bow  
I shot the ALBATROSS.

## PART II

The Sun now rose upon the right:  
Out of the sea came he,  
Still hid in mist, and on the left 85  
Went down into the sea.

And the good south wind still blew behind,  
But no sweet bird did follow,  
Nor any day for food or play  
Came to the mariner's hollo! 90

His shipmates cry out against  
the ancient Mariner for  
killing the bird of good luck.

And I had done a hellish thing,  
And it would work 'em woe:  
For all averred, I had killed the bird  
That made the breeze to blow.  
Ah wretch! said they, the bird to slay,  
That made the breeze to blow! 95

But when the fog cleared  
off, they justify the same,  
and thus make themselves  
accomplices in the crime.

Nor dim nor red, like God's own head,  
The glorious Sun uprist:  
Then all averred, I had killed the bird  
That brought the fog and mist. 100  
'Twas right, said they, such birds to slay,  
That bring the fog and mist.

The fair breeze continues; the  
ship enters the Pacific Ocean,  
and sails northward, even till  
it reaches the Line.

The fair breeze blew, the white foam flew,  
The furrow followed free;  
We were the first that ever burst  
Into that silent sea. 105



The ship hath been suddenly  
becalmed.

Down dropt the breeze, the sails dropt down,  
'Twas sad as sad could be;  
And we did speak only to break  
The silence of the sea! 110

All in a hot and copper sky,  
The bloody Sun, at noon,  
Right up above the mast did stand,  
No bigger than the Moon.

Day after day, day after day, 115  
We stuck, nor breath nor motion;  
As idle as a painted ship  
Upon a painted ocean.

And the Albatross begins to  
be avenged.

Water, water, every where, 120  
And all the boards did shrink;  
Water, water, every where,  
Nor any drop to drink.

The very deep did rot: O Christ!  
That ever this should be!  
Yea, slimy things did crawl with legs 125  
Upon the slimy sea.

About, about, in reel and rout  
The death-fires danced at night;  
The water, like a witch's oils,  
Burnt green, and blue and white. 130

A Spirit had followed  
them; one of the invisible  
inhabitants of this planet,  
neither departed souls  
nor angels; concerning  
whom the learned Jew,  
Josephus, and the Platonic  
Constantinopolitan, Michael  
Psellus, may be consulted.  
They are very numerous, and  
there is no climate or element  
without one or more.

And some in dreams assured were  
Of the Spirit that plagued us so;  
Nine fathom deep he had followed us  
From the land of mist and snow.  
And every tongue, through utter drought, 135  
Was withered at the root;  
We could not speak, no more than if  
We had been choked with soot.

The shipmates in their sore  
distress, would fain throw  
the whole guilt on the ancient  
Mariner: in sign whereof they  
hang the dead sea-bird round  
his neck.

Ah! well a-day! what evil looks  
Had I from old and young! 140  
Instead of the cross, the Albatross  
About my neck was hung.

## PART III

The ancient Mariner  
beholdeth a sign in the  
element afar off.

There passed a weary time. Each throat  
Was parched, and glazed each eye.  
A weary time! a weary time! 145  
How glazed each weary eye,  
When looking westward, I beheld  
A something in the sky.

At first it seemed a little speck,  
And then it seemed a mist; 150  
It moved and moved, and took at last  
A certain shape, I wist.

A speck, a mist, a shape, I wist!  
And still it neared and neared:  
As if it dodged a water-sprite, 155  
It plunged and tacked and veered.

At its nearer approach, it  
seemeth him to be a ship;  
and at a dear ransom he  
freeth his speech from the  
bonds of thirst.

With throats unslaked, with black lips baked,  
We could nor laugh nor wail;  
Through utter drought all dumb we stood!  
I bit my arm, I sucked the blood, 160  
And cried, A sail! a sail!

A flash of joy;

With throats unslaked, with black lips baked,  
Agape they heard me call:  
Gramercy! they for joy did grin,  
And all at once their breath drew in. 165  
As they were drinking all.

And horror follows. For can it  
be a ship that comes onward  
without wind or tide?

See! see! (I cried) she tacks no more!  
Hither to work us weal;  
Without a breeze, without a tide,  
She steadies with upright keel! 170

The western wave was all a-flame.  
The day was well nigh done!  
Almost upon the western wave  
Rested the broad bright Sun;  
When that strange shape drove suddenly 175  
Betwixt us and the Sun.

It seemeth him but the  
skeleton of a ship.

And straight the Sun was flecked with bars,  
(Heaven's Mother send us grace!)  
As if through a dungeon-grate he peered  
With broad and burning face. 180

|   |  |     |
|---|--|-----|
|   | Alas! (thought I, and my heart beat loud)<br>How fast she nears and nears!<br>Are those her sails that glance in the Sun,<br>Like restless gossameres?   |     |
| And its ribs are seen as bars<br>on the face of the setting Sun.<br>The Spectre-Woman and her<br>Death-mate, and no other on<br>board the skeleton ship. Like<br>vessel, like crew! | Are those her ribs through which the Sun<br>Did peer, as through a grate?<br>And is that Woman all her crew?<br>Is that a DEATH? and are there two?<br>Is DEATH that woman's mate?   | 185 |
|   | Her lips were red, her looks were free,<br>Her locks were yellow as gold:<br>Her skin was as white as leprosy,<br>The Night-mare LIFE-IN-DEATH was she,<br>Who thicks man's blood with cold.   | 190 |
| Death and Life-in-Death have<br>diced for the ship's crew, and<br>she (the latter) winneth the<br>ancient Mariner.  | The naked hulk alongside came,<br>And the twain were casting dice;<br>"The game is done! I've won! I've won!"<br>Quoth she, and whistles thrice.   | 195 |
| No twilight within the courts<br>of the Sun.  | The Sun's rim dips; the stars rush out;<br>At one stride comes the dark;<br>With far-heard whisper, o'er the sea,<br>Off shot the spectre-bark.  | 200 |
|   | We listened and looked sideways up!<br>Fear at my heart, as at a cup,<br>My life-blood seemed to sip!  | 205 |
| At the rising of the Moon,  | The stars were dim, and thick the night,<br>The steersman's face by his lamp gleamed white;<br>From the sails the dew did drip —<br>Till clombe above the eastern bar<br>The horned Moon, with one bright star<br>Within the nether tip. | 210 |
| One after another,  | One after one, by the star-dogged Moon,<br>Too quick for groan or sigh,<br>Each turned his face with a ghastly pang,<br>And cursed me with his eye.  | 215 |
| His shipmates drop down<br>dead.  | Four times fifty living men,<br>(And I heard nor sigh nor groan)<br>With heavy thump, a lifeless lump,<br>They dropped down one by one.  |     |

But Life-in-Death begins her  
work on the ancient Mariner.      The souls did from their bodies fly, —      220  
They fled to bliss or woe!  
And every soul, it passed me by,  
Like the whizz of my CROSS-BOW!

#### PART IV

The Wedding-Guest feareth  
that a spirit is talking to him;      “I fear thee, ancient Mariner!  
I fear thy skinny hand!      225  
And thou art long, and lank, and brown,  
As is the ribbed sea-sand.

But the ancient Mariner  
assureth him of his bodily  
life, and proceedeth to relate  
his horrible penance.      I fear thee and thy glittering eye,  
And thy skinny hand, so brown.” —  
Fear not, fear not, thou Wedding-Guest!      230  
This body dropt not down.

Alone, alone, all, all alone,  
Alone on a wide wide sea!  
And never a saint took pity on  
My soul in agony.      235

He despiseth the creatures of  
the calm.      The many men, so beautiful!  
And they all dead did lie:  
And a thousand thousand slimy things  
Lived on; and so did I.

And envieth that they should  
live, and so many lie dead.      I looked upon the rotting sea,      240  
And drew my eyes away;  
I looked upon the rotting deck,  
And there the dead men lay.

I looked to heaven, and tried to pray;  
But or ever a prayer had gusht,      245  
A wicked whisper came, and made  
My heart as dry as dust.

I closed my lids, and kept them close,  
And the balls like pulses beat;  
For the sky and the sea, and the sea and the sky      250  
Lay dead like a load on my weary eye,  
And the dead were at my feet.



|   |   |     |
|---|---|-----|
| But the curse liveth for him in<br>the eye of the dead men.   | The cold sweat melted from their limbs,<br>Nor rot nor reek did they:<br>The look with which they looked on me<br>Had never passed away.  | 255 |
|   | An orphan's curse would drag to Hell<br>A spirit from on high;<br>But oh! more horrible than that<br>Is the curse in a dead man's eye!<br>Seven days, seven nights, I saw that curse,<br>And yet I could not die. | 260 |
| In his loneliness and fixedness<br>he yearneth towards the<br>journeying Moon, and the<br>stars that still sojourn, yet<br>still move onward; and<br>everywhere the blue sky<br>belongs to them, and is their<br>appointed rest and their<br>native country and their own<br>natural homes, which they<br>enter unannounced, as lords<br>that are certainly expected,<br>and yet there is a silent joy at<br>their arrival. | The moving Moon went up the sky,<br>And no where did abide:<br>Softly she was going up,<br>And a star or two beside —   | 265 |
|   | Her beams bemoaned the sultry main,<br>Like April hoar-frost spread;<br>But where the ship's huge shadow lay,<br>The charmed water burnt away<br>A still and awful red.   | 270 |
| By the light of the Moon he<br>beholdeth God's creatures of<br>the great calm.  | Beyond the shadow of the ship,<br>I watched the water-snakes:<br>They moved in tracks of shining white,<br>And when they reared, the elfish light<br>Fell off in hoary flakes.                                    | 275 |
|   | Within the shadow of the ship<br>I watched their rich attire:<br>Blue, glossy green, and velvet black,<br>They coiled and swam; and every track<br>Was a flash of golden fire.                                    | 280 |
| Their beauty and their<br>happiness.  | O happy living things! no tongue<br>Their beauty might declare:<br>A spring of love gushed from my heart,<br>And I blessed them unaware:  | 285 |
| He blesseth them in his heart.  | Sure my kind saint took pity on me,<br>And I blessed them unaware.  |     |
| The spell begins to break.  | The self-same moment I could pray;<br>And from my neck so free<br>The Albatross fell off, and sank<br>Like lead into the sea.   | 290 |

## PART V

Oh sleep! it is a gentle thing,  
 Beloved from pole to pole!  
 To Mary Queen the praise be given!  
 She sent the gentle sleep from Heaven, 295  
 That slid into my soul.

By grace of the holy Mother,  
 the ancient Mariner is  
 refreshed with rain.

The silly buckets on the deck,  
 That had so long remained,  
 I dreamt that they were filled with dew;  
 And when I awoke, it rained. 300

My lips were wet, my throat was cold,  
 My garments all were dank;  
 Sure I had drunken in my dreams,  
 And still my body drank.

I moved, and could not feel my limbs: 305  
 I was so light — almost  
 I thought that I had died in sleep,  
 And was a blessed ghost.

He heareth sounds and  
 seeth strange sights and  
 commotions in the sky and  
 the element.

And soon I heard a roaring wind:  
 It did not come anear;  
 But with its sound it shook the sails,  
 That were so thin and sere. 310

The upper air burst into life!  
 And a hundred fire-flags sheen,  
 To and fro they were hurried about! 315  
 And to and fro, and in and out,  
 The wan stars danced between.

And the coming wind did roar more loud,  
 And the sails did sigh like sedge,  
 And the rain poured down from one black cloud; 320  
 The Moon was at its edge.

The thick black cloud was cleft, and still  
 The Moon was at its side:  
 Like waters shot from some high crag,  
 The lightning fell with never a jag, 325  
 A river steep and wide.

The bodies of the ship's crew  
are inspired, and the ship  
moves on;

The loud wind never reached the ship,  
Yet now the ship moved on!  
Beneath the lightning and the Moon  
The dead men gave a groan. 330

They groaned, they stirred, they all uprose,  
Nor spake, nor moved their eyes;  
It had been strange, even in a dream,  
To have seen those dead men rise.

The helmsman steered, the ship moved on; 335  
Yet never a breeze up-blew;  
The mariners all 'gan work the ropes,  
Where they were wont to do;  
They raised their limbs like lifeless tools —  
We were a ghastly crew. 340

The body of my brother's son  
Stood by me, knee to knee:  
The body and I pulled at one rope,  
But he said nought to me.

But not by the souls of the  
men, nor by demons of earth  
or middle air, but by a blessed  
troop of angelic spirits, sent  
down by the invocation of the  
guardian saint.

"I fear thee, ancient Mariner!" 345  
Be calm, thou Wedding-Guest!  
'Twas not those souls that fled in pain,  
Which to their corpses came again,  
But a troop of spirits blest:

For when it dawned — they dropped their arms, 350  
And clustered round the mast;  
Sweet sounds rose slowly through their mouths,  
And from their bodies passed.

Around, around, flew each sweet sound,  
Then darted to the Sun; 355  
Slowly the sounds came back again,  
Now mixed, now one by one.

Sometimes a-dropping from the sky  
I heard the sky-lark sing;  
Sometimes all little birds that are, 360  
How they seemed to fill the sea and air  
With their sweet jargoning!

And now 'twas like all instruments,  
Now like a lonely flute;  
And now it is an angel's song, 365  
That makes the heavens be mute.

It ceased; yet still the sails made on  
 A pleasant noise till noon,  
 A noise like of a hidden brook  
 In the leafy month of June, 370  
 That to the sleeping woods all night  
 Singeth a quiet tune.

Till noon we quietly sailed on,  
 Yet never a breeze did breathe:  
 Slowly and smoothly went the ship, 375  
 Moved onward from beneath.

The lonesome Spirit from  
 the South Pole carries on  
 the ship as far as the Line,  
 in obedience to the angelic  
 troop, but still requireth  
 vengeance.

Under the keel nine fathom deep,  
 From the land of mist and snow,  
 The spirit slid: and it was he  
 That made the ship to go. 380  
 The sails at noon left off their tune,  
 And the ship stood still also.

The Sun, right up above the mast,  
 Had fixed her to the ocean:  
 But in a minute she ‘gan stir, 385  
 With a short uneasy motion —  
 Backwards and forwards half her length  
 With a short uneasy motion.

Then like a pawing horse let go,  
 She made a sudden bound: 390  
 It flung the blood into my head,  
 And I fell down in a swoond.

The Polar Spirit’s fellow-  
 demons, the invisible  
 inhabitants of the element,  
 take part in his wrong; and  
 two of them relate, one to the  
 other, that penance long and  
 heavy for the ancient Mariner  
 hath been accorded to the  
 Polar Spirit, who returneth  
 southward.

How long in that same fit I lay,  
 I have not to declare;  
 But ere my living life returned, 395  
 I heard and in my soul discerned  
 Two voices in the air.

“Is it he?” quoth one, “Is this the man?  
 By him who died on cross,  
 With his cruel bow he laid full low 400  
 The harmless Albatross.

The spirit who bideth by himself  
 In the land of mist and snow,  
 He loved the bird that loved the man  
 Who shot him with his bow.” 405



The other was a softer voice,  
As soft as honey-dew:  
Quoth he, "The man hath penance done,  
And penance more will do."

## PART VI

First Voice  
"But tell me, tell me! speak again, 410  
Thy soft response renewing —  
What makes that ship drive on so fast?  
What is the ocean doing?"

Second Voice  
"Still as a slave before his lord,  
The ocean hath no blast; 415  
His great bright eye most silently  
Up to the Moon is cast —

If he may know which way to go;  
For she guides him smooth or grim. 420  
See, brother, see! how graciously  
She looketh down on him."

The Mariner hath been cast into a trance; for the angelic power causeth the vessel to drive northward faster than human life could endure.

First Voice  
"But why drives on that ship so fast,  
Without or wave or wind?"

Second Voice  
"The air is cut away before,  
And closes from behind. 425

Fly, brother, fly! more high, more high!  
Or we shall be belated:  
For slow and slow that ship will go,  
When the Mariner's trance is abated."

The supernatural motion is retarded; the Mariner awakes, and his penance begins anew.

I woke, and we were sailing on 430  
As in a gentle weather:  
'Twas night, calm night, the moon was high;  
The dead men stood together.

|  |   |     |
|--|---|-----|
|  | All stood together on the deck,<br>For a charnel-dungeon fitter:<br>All fixed on me their stony eyes,<br>That in the Moon did glitter.  | 435 |
|  | The pang, the curse, with which they died,<br>Had never passed away:<br>I could not draw my eyes from theirs,<br>Nor turn them up to pray.  | 440 |
| The curse is finally expiated.                           | And now this spell was snapt: once more<br>I viewed the ocean green,<br>And looked far forth, yet little saw<br>Of what had else been seen —  | 445 |
|  | Like one, that on a lonesome road<br>Doth walk in fear and dread,<br>And having once turned round walks on,<br>And turns no more his head;<br>Because he knows, a frightful fiend<br>Doth close behind him tread. | 450 |
|  | But soon there breathed a wind on me,<br>Nor sound nor motion made:<br>Its path was not upon the sea,<br>In ripple or in shade.   | 455 |
|  | It raised my hair, it fanned my cheek<br>Like a meadow-gale of spring —<br>It mingled strangely with my fears,<br>Yet it felt like a welcoming.   |     |
|  | Swiftly, swiftly flew the ship,<br>Yet she sailed softly too:<br>Sweetly, sweetly blew the breeze —<br>On me alone it blew.   | 460 |
| And the ancient Mariner<br>beholdeth his native country. | Oh! dream of joy! is this indeed<br>The light-house top I see?<br>Is this the hill? is this the kirk?<br>Is this mine own countree?   | 465 |
|  | We drifted o'er the harbour-bar,<br>And I with sobs did pray —<br>O let me be awake, my God!<br>Or let me sleep alway.  | 470 |

|   |  |     |
|---|--|-----|
|   | The harbour-bay was clear as glass,<br>So smoothly it was strewn!<br>And on the bay the moonlight lay,<br>And the shadow of the Moon.      | 475 |
|   | The rock shone bright, the kirk no less,<br>That stands above the rock:<br>The moonlight steeped in silentness<br>The steady weathercock.  |     |
| The angelic spirits leave the<br>dead bodies, | And the bay was white with silent light,<br>Till rising from the same,<br>Full many shapes, that shadows were,<br>In crimson colours came. | 480 |
| And appear in their own<br>forms of light.    | A little distance from the prow<br>Those crimson shadows were:<br>I turned my eyes upon the deck —<br>Oh, Christ! what saw I there!        | 485 |
|   | Each corse lay flat, lifeless and flat,<br>And, by the holy rood!<br>A man all light, a seraph-man,<br>On every corpse there stood.        | 490 |
|   | This seraph-band, each waved his hand:<br>It was a heavenly sight!<br>They stood as signals to the land,<br>Each one a lovely light;       | 495 |
|   | This seraph-band, each waved his hand,<br>No voice did they impart —<br>No voice; but oh! the silence sank<br>Like music on my heart.      |     |
|   | But soon I heard the dash of oars,<br>I heard the Pilot's cheer;<br>My head was turned perforce away<br>And I saw a boat appear.           | 500 |
|   | The Pilot and the Pilot's boy,<br>I heard them coming fast:<br>Dear Lord in Heaven! it was a joy<br>The dead men could not blast.          | 505 |

I saw a third — I heard his voice:  
 It is the Hermit good!  
 He singeth loud his godly hymns 510  
 That he makes in the wood.  
 He'll shrieve my soul, he'll wash away  
 The Albatross's blood.

## PART VII

The Hermit of the Wood.

This Hermit good lives in that wood  
 Which slopes down to the sea. 515  
 How loudly his sweet voice he rears!  
 He loves to talk with marineres  
 That come from a far countree.

He kneels at morn, and noon, and eve —  
 He hath a cushion plump: 520  
 It is the moss that wholly hides  
 The rotted old oak-stump.

The skiff-boat neared: I heard them talk,  
 “Why, this is strange, I trow!  
 Where are those lights so many and fair, 525  
 That signal made but now?”

Approacheth the ship with  
 wonder.

“Strange, by my faith!” the Hermit said —  
 “And they answered not our cheer!  
 The planks looked warped! and see those sails,  
 How thin they are and sere! 530  
 I never saw aught like to them,  
 Unless perchance it were

Brown skeletons of leaves that lag  
 My forest-brook along;  
 When the ivy-tod is heavy with snow, 535  
 And the owlet whoops to the wolf below,  
 That eats the she-wolf's young.”

“Dear Lord! it hath a fiendish look —  
 (The Pilot made reply)  
 I am a-feared” — “Push on, push on!” 540  
 Said the Hermit cheerily.

|   |  |                |
|---|--|----------------|
|   | The boat came closer to the ship,<br>But I nor spake nor stirred;<br>The boat came close beneath the ship,<br>And straight a sound was heard.  | 545            |
| The ship suddenly sinketh.  | Under the water it rumbled on,<br>Still louder and more dread:<br>It reached the ship, it split the bay;<br>The ship went down like lead.  |                |
| The ancient Mariner is saved<br>in the Pilot's boat.  | Stunned by that loud and dreadful sound,<br>Which sky and ocean smote,<br>Like one that hath been seven days drowned<br>My body lay afloat;<br>But swift as dreams, myself I found<br>Within the Pilot's boat. | 550<br><br>555 |
|   | Upon the whirl, where sank the ship,<br>The boat spun round and round;<br>And all was still, save that the hill<br>Was telling of the sound.   |                |
|   | I moved my lips – the Pilot shrieked<br>And fell down in a fit;<br>The holy Hermit raised his eyes,<br>And prayed where he did sit.  | 560            |
|   | I took the oars: the Pilot's boy,<br>Who now doth crazy go,<br>Laughed loud and long, and all the while<br>His eyes went to and fro.<br>"Ha! ha!" quoth he, "full plain I see,<br>The Devil knows how to row." | 565            |
|   | And now, all in my own cuntry,<br>I stood on the firm land!<br>The Hermit stepped forth from the boat,<br>And scarcely he could stand.   | 570            |
| The ancient Mariner<br>earnestly entreateth the<br>Hermit to shrieve him; and<br>the penance of life falls on<br>him. | "O shrieve me, shrieve me, holy man!"<br>The Hermit crossed his brow.<br>"Say quick," quoth he, "I bid thee say –<br>What manner of man art thou?"   | 575            |
|   | Forthwith this frame of mine was wrenched<br>With a woful agony,<br>Which forced me to begin my tale;<br>And then it left me free.   | 580            |



And ever and anon throughout  
his future life an agony  
constraineth him to travel  
from land to land;

Since then, at an uncertain hour,  
That agony returns:  
And till my ghastly tale is told,  
This heart within me burns. 585

I pass, like night, from land to land;  
I have strange power of speech;  
That moment that his face I see,  
I know the man that must hear me:  
To him my tale I teach. 590

What loud uproar bursts from that door!  
The wedding-guests are there:  
But in the garden-bower the bride  
And bride-maids singing are:  
And hark the little vesper bell,  
Which biddeth me to prayer! 595

O Wedding-Guest! this soul hath been  
Alone on a wide wide sea:  
So lonely 'twas, that God himself  
Scarce seemed there to be. 600

O sweeter than the marriage-feast,  
'Tis sweeter far to me,  
To walk together to the kirk  
With a goodly company! —

To walk together to the kirk, 605  
And all together pray,  
While each to his great Father bends,  
Old men, and babes, and loving friends  
And youths and maidens gay!

And to teach, by his own  
example, love and reverence  
to all things that God made  
and loveth

Farewell, farewell! but this I tell 610  
To thee, thou Wedding-Guest!  
He prayeth well, who loveth well  
Both man and bird and beast.

He prayeth best, who loveth best 615  
All things both great and small;  
For the dear God who loveth us,  
He made and loveth all.

The Mariner, whose eye is bright,  
Whose beard with age is hoar,  
Is gone: and now the Wedding-Guest 620  
Turned from the bridegroom's door.

He went like one that hath been stunned,  
And is of sense forlorn:  
A sadder and a wiser man,  
He rose the morrow morn.

625



## LA COMPLAINTÉ DU VIEUX MARIN

Trad. Auguste Barbier, 1877

### PREMIÈRE PARTIE

C'EST UN ANCIEN MARIN ; trois  
jeunes gens passent, il en arrête un.  
« Par ta longue barbe grise et ton oeil  
brillant, pourquoi m'arrêtes-tu ?

La porte du marié est toute grande  
ouverte, je suis son propre parent, les  
hôtes sont arrivés, la noce est prête,  
n'entends-tu pas son joyeux bruit ? »

5

Le vieux marin serre le bras du jeune  
homme de sa main décharnée : « Il  
y avait un vaisseau... dit-il. – Lâche-  
moi, ôte ta main, drôle à barbe grise ! »  
Et aussitôt la main tombe.

10

Le marin retient le jeune homme avec son  
oeil brillant. Le garçon de noce demeure  
tranquille et écoute comme un enfant de  
trois ans : le marin a sa volonté.

15

Le garçon de noce s'assit sur une pierre :  
il ne peut s'empêcher d'écouter ; et  
ainsi parla le vieil homme, le marin à  
l'oeil brillant :

20

Le navire salué de cris avait franchi  
le port : gaiement nous laissâmes  
derrière nous l'église, la colline et la  
tour du fanal.

25

Le soleil parut à notre gauche, s'éleva  
de la mer, brilla, et vint à notre droite  
se coucher dans la mer.

De plus en plus haut, chaque jour, il  
monta dans le ciel, jusqu'à ce qu'il  
planât sur les mâts à l'heure de midi.  
Ici le garçon de noce se frappe la  
poitrine, car il entend les profonds  
accords du basson.

30

La mariée est entrée dans la salle du banquet, vermeille comme une rose, et, tout en remuant la tête au son des instruments, la bande joyeuse des musiciens marche devant elle. 35

Le garçon de noce se frappe la poitrine ; mais il ne peut s'empêcher d'écouter, et ainsi continua le vieil homme, le marin à l'oeil brillant : 40

Bientôt il s'éleva une tempête violente, irrésistible. Elle nous battit à l'improviste de ses ailes et nous chassa vers le pôle sud. 45

Sous elle, le navire, avec ses mâts courbés et sa proue plongeante, était comme un malheureux qu'on poursuit de cris et de coups, et qui, foulant dans sa course l'ombre de son ennemi, penche en avant la tête : ainsi nous fuyions sous le mugissement de la tempête et nous courions vers le sud. 50

Alors arrivèrent ensemble brouillard et tourbillons de neige, et il fit un froid extrême. Alors des blocs de glace hauts comme les mâts et verts comme des émeraudes flottèrent autour de nous. 55

Et à travers ces masses flottantes des rocs neigeux nous envoyaient d'affreuses lueurs : on ne voyait ni figures d'hommes, ni formes de bêtes. La glace, partout la glace. 60

La glace était ici, la glace était là, la glace était tout alentour. Cela craquait, grondait, mugissait et hurlait, comme les bruits que l'on entend dans une défaillance. 65

Enfin passa un albatros : il vint à travers le brouillard ; et, comme s'il eût été une âme chrétienne, nous le saluâmes au nom de Dieu. 70

Nous lui donnâmes une nourriture  
comme il n'en eut jamais. Il vola, rôda  
autour de nous. Aussitôt la glace se  
fendit avec un bruit de tonnerre, et le  
timonier nous guida à travers les blocs. 75

Et un bon vent de sud souffla par-  
derrière le navire. L'albatros le suivit,  
et chaque jour, soit pour manger, soit  
pour jouer, il venait à l'appel du marin. 80

Durant neuf soirées, au sein du  
brouillard ou des nuées, il se percha  
sur les mâts ou sur les haubans, et,  
durant toute la nuit, un blanc clair  
de lune luisait à travers la vapeur  
blanche du brouillard. 85

« Que Dieu te sauve, vieux marin,  
des démons qui te tourmentent  
ainsi ! Pourquoi me regardes-tu si  
étrangement ? – C'est qu'avec mon  
arbalète, je tuai l'albatros. » 90

## DEUXIÈME PARTIE

Maintenant, le soleil se leva à droite,  
sortit de la mer tout enveloppé de  
brume, et vint se coucher à gauche,  
dans les flots. 95

Le bon vent de sud continua de  
souffler derrière nous ; mais plus de  
doux oiseau qui nous suivît et qui vînt,  
soit pour jouer, soit pour manger, à  
l'appel du marin. 100

J'avais commis une action infernale,  
et cela devait nous porter malheur.  
Tout le monde assurait que j'avais  
tué l'oiseau qui faisait souffler la  
brise ! « Ah ! le misérable ! disait-  
on, devait-il tuer l'oiseau qui faisait  
souffler la brise ? » 105

Ni sombre ni rouge, mais comme  
le front même de Dieu, le glorieux  
soleil reparut à l'horizon. Alors tout le  
monde assura que j'avais tué l'oiseau  
qui amenait le brouillard et la brume.  
« C'est bien, disait-on, de tuer tous  
ces oiseaux qui amènent le brouillard  
et la brume. »

Le bon vent soufflait, la blanche écume  
volait, et le navire libre formait un  
long sillage derrière lui. Nous étions  
les premiers qui eussent navigué dans  
cette mer silencieuse.

Soudain la brise tomba, les voiles  
tombèrent avec elle. Alors notre état fut  
aussi triste que possible. Nos paroles  
seules rompaient le silence de la mer.

Dans un ciel chaud et tout d'airain, le  
soleil apparaissait comme ensanglanté, et  
planait, à l'heure de midi, juste au-dessus  
des mâts, pas plus large que la lune.

Durant bien des jours nous demeurâmes  
là, sans brise ni mouvement, tels qu'un  
vaisseau peint sur une mer en peinture.

L'eau, l'eau était partout, et toutes les  
planches du bord se rétrécissaient.  
L'eau, l'eau était partout, et nous  
n'avions pas une goutte d'eau à boire.

La mer se putréfia, ô Christ ! qui jamais  
l'aurait cru ? des choses visqueuses  
serpentaient sur une mer visqueuse.

Autour de nous, en cercle et en troupe,  
dansaient, à la nuit, des feux de mort.  
L'eau, comme l'huile d'une lampe de  
sorcière, était verte, bleue et blanche.

Autour de nous, en cercle et en troupe,  
dansaient, à la nuit, des feux de mort.  
L'eau, comme l'huile d'une lampe de  
sorcière, était verte, bleue et blanche.



Quelques-uns de nous eurent, en  
 songe, connaissance certaine de  
 l'esprit qui nous tourmentait ainsi. À  
 neuf brasses au-dessous de la mer, il  
 nous avait suivis depuis la région de  
 brouillard et de neige. 150

Chacune de nos langues, dévorées  
 d'une soif extrême, était séchée  
 jusqu'à la racine. Nous ne pouvions  
 parler non plus que si l'on nous eût  
 bouché le gosier avec de la suie. 155

Ah !... hélas ! quels méchants regards  
 me lançaient jeunes et vieux ! À la  
 place de mon arbalète, l'albatros était  
 suspendu à mon cou. 160

### TROISIÈME PARTIE

Un temps bien pénible s'écoula  
 ainsi. Chaque gosier était desséché et  
 chaque oeil était vitreux comme celui  
 des morts ; un temps bien pénible, un  
 temps bien pénible ! Comme chaque  
 oeil fatigué était morne et vitreux !  
 Mais voilà que, tandis que je regardais  
 le couchant, j'aperçus quelque chose  
 dans le ciel. 165

D'abord cela me sembla une petite  
 tache, et ensuite cela me parut comme  
 du brouillard. Cela remua, remua, et prit  
 enfin une certaine forme, que sais-je ? 175

Une tache, un brouillard, une forme,  
 que sais-je ? et cela toujours approchait,  
 approchait, et, comme si cela eût été  
 une voile manœuvrée, cela plongeait,  
 Courait des bordées et filait du câble. 180

Nos gosiers étaient si brûlants, nos lèvres  
si noires et si desséchées, que nous ne  
pouvions ni rire ni gémir. Avec notre  
extrême soif, nous demeurions muets. 185  
Je mordis mon bras, je suçai mon sang  
et m'écriai : « Une voile ! une voile ! »

Mes compagnons aux gosiers  
brûlants, aux lèvres cuites et noires  
m'entendirent parler. Miséricorde ! 190  
ils grimacèrent de joie, et tous à la  
fois respirèrent avec force comme des  
gens qui viendraient de boire.

« Voyez, voyez ! criai-je, ce navire ne  
court plus de bordées : 195  
peut-être renonce-t-il à nous porter  
secours ! Pas la moindre brise et  
le moindre mouvement de flots ; il  
semble dormir sur sa quille. »

La vague occidentale n'était qu'une  
flamme, le jour touchait à sa fin. Dès  
que la vague occidentale fut effleurée  
par le large et brillant disque du soleil,  
cette forme étrange vint se placer  
entre lui et nous. 200  
205

Et sur-le-champ le soleil fut taché de  
barres noires (que la Reine du ciel nous  
prenne en grâce !) comme si cet astre  
avait apparu avec sa large et brillante  
figure derrière la grille d'un donjon. 210

« Hélas ! pensai-je (et mon cœur  
battit violemment), comme ce navire  
approche vite, vite ! Sont-ce ses  
voiles, ces choses qui se dessinent sur  
le soleil comme les fils que l'automne  
promène dans les airs ? » 215

« Sont-ce ces charpentes, ces barres à  
travers lesquelles le soleil luit comme  
à travers une grille ? Et cette femme  
qui est dessus, est-ce là tout son  
équipage ? Est-ce là ce qu'on appelle  
la Mort ? N'en vois-je pas deux ? La  
compagne de cette femme n'est-elle  
pas aussi la Mort ? » 220

- Ses lèvres étaient rouges, ses regards  
hardis ; elle avait les cheveux jaunes  
comme de l'or, et la peau blanche  
comme celle d'un lépreux. C'était ce  
cauchemar qui gèle et ralentit le sang  
de l'homme, Vie-dans-la-Mort. 225
- Le navire squelette passa près de notre  
bord, et nous vîmes le couple jouant  
aux dés. « Le jeu est fini, j'ai gagné,  
j'ai gagné ! » dit Vie-dans-la-Mort ; et  
nous l'entendîmes siffler trois fois. 230
- Les extrémités supérieures du soleil  
plongèrent dans l'onde ; les étoiles  
jaillirent du ciel, et d'un seul bond vint  
la nuit. La barque spectre s'éloigna  
sur la mer avec un murmure qu'on  
entendait de loin. 235
- Nous écoutions et jetions des regards  
obliques sur l'océan. La crainte semblait  
boire à mon cœur, comme à une coupe,  
tout mon sang vital. Les étoiles devinrent  
ternes, la nuit épaisse, et la lampe du  
pilote faisait voir la pâleur de sa face. 240
- La rosée dégoutta des voiles jusqu'à  
ce que la lune eût élevé son croissant  
au-dessus du flot oriental. À sa pointe  
inférieure et au-dedans, il y avait une  
étoile brillante. 245
- Aux clartés de cette lune caniculaire,  
l'un après l'autre, et sans prendre  
le temps de gémir ou de soupirer,  
chacun de mes camarades tourna son  
visage vers moi dans une angoisse  
épouvantable, et me maudit du regard. 250
- Quatre fois cinquante hommes  
vivants, et je n'entendis ni soupir ni  
gémissement, avec un bruit sourd et  
comme des blocs inanimés, tombèrent  
un par un sur le plancher. 255
- 260

Leurs âmes s'envolèrent de leurs corps.  
Elles s'envolèrent à la félicité ou au malheur,  
et chacune, en passant près de moi, retentit  
comme le sifflement de mon arbalète. 265

#### QUATRIÈME PARTIE

« J'ai peur de toi, vieux marin, j'ai  
peur de ta main décharnée ! Tu es long,  
maigre et brun comme du sable de mer  
quand la vague s'est retirée. 270

« J'ai peur de toi, de ton oeil brillant  
et de ta main décharnée si brune.  
– Ne crains rien, ne crains rien, garçon  
de noce, ce corps ne tomba pas. » 275

Seul, seul, je restai debout, tout seul,  
tout seul, sur la vaste, la vaste mer, et  
pas un saint n'eut pitié de ma pauvre  
âme à l'agonie.

Tant d'hommes, tant d'hommes si  
beaux ! Ils gisaient là, tous morts,  
et mille choses visqueuses vivaient  
autour ; et moi aussi je vivais ! 280

Je regardai la mer en putréfaction, et  
détournai mes yeux de ce spectacle. 285  
Je les reportai sur le pont du vaisseau,  
il était également en putréfaction ; sur  
ses planches gisaient les corps morts  
de mes camarades.

Je regardai le ciel et voulus prier ;  
mais avant qu'une prière s'élançât  
de mes lèvres, un méchant murmure  
m'arrivait et faisait mon cœur aussi  
sec que la poussière. 290

Je fermai mes paupières et je les tins fermées, et, sous elles, les boules de l'oeil battaient comme le pouls dans la veine ; car le ciel et la mer, la mer et le ciel, pesaient comme un fardeau sur mes yeux fatigués, et les morts étaient étendus à mes pieds. 295  
300

Une sueur froide ruisselait de leurs membres, quoiqu'ils ne fussent ni puants ni corrompus. Le regard qu'ils avaient jeté sur moi en mourant était encore tout entier dans leurs yeux. 305

La malédiction d'un orphelin pourrait tirer du ciel même un esprit et le précipiter en enfer ; mais en est-il de plus terrible que celle qui brille dans l'oeil d'un homme mort ? Sept jours et sept nuits je vis cette malédiction et je ne pouvais mourir. 310

Pendant ce temps, la lune mobile montait dans le ciel ; elle montait doucement, sans arrêt, avec une étoile ou deux près d'elle. 315

Ses rayons se jouaient sur la mer brûlante : on eût dit la gelée blanche qu'avril répand sur la terre ; mais au milieu de l'ombre projetée par le navire, l'onde ensorcelée ardeait toujours, calme et d'un rouge terrible. 320

Au-delà de ce reflet, j'aperçus des serpents d'eau ; ils se mouvaient dans des voies de clarté blanche, et quand ils dressaient leurs têtes au-dessus de l'onde, une lumière fantastique s'en détachait en blanches étincelles. 325

Passaient-ils dans l'ombre du vaisseau, j'admirais encore leur riche parure, leurs belles robes bleues, vert lustré et couleur de velours noir. Ils nageaient, louvoyaient, et chacune de leurs traces était un éclair de feu d'or. 330  
335



Ô heureuses choses vivantes ! nulle  
langue ne peut exprimer leurs beautés !  
Un élan d'amour jaillit de mon cœur ;  
je les bénis soudain. Il est sûr que mon  
bon patron avait pitié de mon âme ; je  
les bénis soudain. 340

Au même instant, je pus prier. De mon  
cou libre tomba l'albatros, et l'oiseau  
s'enfonça comme un plomb dans la mer.

### CINQUIÈME PARTIE

Ô sommeil ! c'est une chose douce et  
aimée de l'un à l'autre pôle que le sommeil ! 345  
Louanges soient données à la Vierge  
Marie ! Elle m'envoya du Ciel le doux  
sommeil et le fit couler dans mon âme.

Les seaux qui étaient restés si  
longtemps vides sur le pont~ me  
parurent, en songe, pleins de rosée, et  
quand je m'éveillai, il pleuvait. 350

Mes lèvres étaient moites, mon gosier  
frais et mes vêtements tout humides. 355  
Bien certainement en mon rêve j'avais  
bu, et mon corps buvait toujours.

Je remuai, et je ne sentais pas mes  
membres. J'étais si léger que je crus  
avoir perdu la vie durant mon sommeil,  
et être devenu un esprit céleste. 360

Et aussitôt j'entendis un grand vent.  
Il ne vint pas jusqu'à moi, mais avec  
son bruit il agitait nos voiles, si usées  
et si fanées. 365

L'air supérieur déborda de vie, et mille  
flammes y brillèrent ; elles couraient  
çà et là, et çà et là, alentour et dans les  
intervalles, les pâles étoiles dansaient.

Et le vent qui venait mugit de plus en plus, et les voiles soupirèrent comme les joncs des marais, et la pluie tomba d'un noir nuage à l'extrémité duquel luisait la lune. 370

L'épais nuage noir s'ouvrit, ayant toujours la lune à son côté. Comme l'eau jaillissant d'un haut rocher, la lumière des éclairs tomba de son ouverture en rivière de feu large et profonde. 375

Le vent ne toucha pas le vaisseau, et cependant le vaisseau marcha sur l'onde ! Aux feux des éclairs et aux clartés de la lune mêlés ensemble, les morts poussèrent un soupir. 380

Ils gémirent, ils s'agitèrent ; puis ils se levèrent, mais sans parler et sans remuer les yeux. C'eût été bien étrange, même en rêve de voir ces morts se lever ! 385

Le pilote se mit au gouvernail et le navire marcha, sans cependant qu'aucune brise soufflât. Les marins allèrent travailler aux cordages là où ils avaient coutume de le faire. Ils levaient leurs membres comme des machines sans vie. Nous formions un effrayant équipage. 390  
395

Le corps du fils de mon frère était près de moi ; genou à genou, lui et moi nous tirions le même cordage, et cependant il ne me dit rien. 400

« J'ai peur de toi, vieux marin !  
– Sois tranquille, garçon de noce : ce n'étaient pas les âmes échappées dans l'angoisse qui animaient de nouveau ces cadavres, mais une troupe d'esprits célestes. » 405

Car aussitôt que l'aurore apparut, ils laissèrent tomber leurs bras et se réunirent autour du grand mât, et alors de doux bruits s'échappèrent de leurs corps et sortirent lentement de leurs bouches. 410

Autour d'eux, chaque doux son flotta  
quelque temps, puis il monta vers le  
soleil ; puis du soleil redescendirent  
lentement de pareils sons, tantôt  
seuls, tantôt mêlés. 415

Parfois j'entendais tomber du ciel  
comme un chant d'alouette ; parfois  
une foule de petits oiseaux semblaient  
remplir la mer et l'air de leurs doux  
gazouillements. 420

Ou bien c'était comme un concert  
de tous les instruments connus, ou  
le bruit d'une flûte solitaire, ou enfin  
comme le chant d'un ange qui rend  
muet et attentif à sa voix le ciel entier. 425

La musique cessa. Cependant les voiles  
continuèrent à résonner d'une façon  
agréable jusque vers le milieu du jour. 430

C'était un murmure semblable à celui  
que produit dans les chaleurs du mois  
de juin et à travers le silence de la nuit et  
des bois, le cours d'un ruisseau caché.

Jusqu'au milieu du jour, nous  
fîmes voile paisiblement, quoique  
aucune brise ne soufflât. Lentement,  
doucement voguait le navire, poussé  
seulement par-dessous la quille. 435

Le soleil plana droit au-dessus des  
mâts et semblait avoir cloué le navire  
sur l'océan. Mais en une minute le  
navire éprouva une violente secousse,  
il recula, il avança moitié sa longueur  
d'un mouvement court et malaisé. 440  
445

Ensuite, comme un cheval qui piaffe et  
qu'on laisse partir, il fit un bond soudain,  
si fort que le sang reflua vers ma tête et  
que je tombai évanoui sur le pont.

Combien de temps je restai dans  
cet état, c'est ce que je ne puis dire.  
Toutefois, avant de revenir à la vie,  
j'entendis au fond de mon âme le bruit  
distinct de deux voix dans les airs. 450

« Est-ce lui ? disait l'une, est-ce bien là  
l'homme ? Par celui qui mourut sur la  
croix, est-ce là l'homme qui avec son  
arbalète jeta bas l'innocent albatros ? » 455

Sous les flots, à neuf brasses profondes,  
glissait l'esprit qui nous avait suivis 460  
depuis la région de brouillard et de  
neige. C'était lui qui faisait aller le  
vaisseau. À midi, les voiles ne rendirent  
plus de son, et le vaisseau demeura  
tranquille comme avant. 465

L'esprit roi de la région de brouillard  
et de neige aimait l'oiseau qui aimait  
cet homme dont l'arbalète l'a tué. »

L'autre voix était une voix plus douce,  
aussi douce qu'une rosée de miel ; 470  
et elle dit : « Cet homme a déjà fait  
pénitence, et il le fera plus encore. »

## SIXIÈME PARTIE

### PREMIÈRE VOIX

Mais dis-moi, dis-moi ! parle-moi  
encore, renouvelle ta douce réponse. 475  
Qui est-ce qui fait marcher si vite ce  
vaisseau ? que fait l'Océan ?

### SECONDE VOIX

Tranquille comme un esclave devant  
son seigneur, l'Océan n'a pas un souffle. 480  
Son grand oeil brillant est tourné très  
silencieusement vers la lune...

Comme pour savoir quelle conduite  
il doit tenir, car, qu'il soit calme ou  
courroucé, la lune est son guide. Vois, 485  
frère, vois avec quelle grâce elle laisse  
tomber sur lui ses regards !

### PREMIÈRE VOIX

Mais pourquoi ce vaisseau marche-t-il si  
vite, sans impulsion de vagues et de vent ? 490

SECONDE VOIX

L'air est intercepté devant et arrêté  
derrière.

Vole, frère, vole ! plus haut, plus  
haut ! ou nous serons surpris : car ce  
vaisseau ira de plus en plus lentement  
tant que durera l'extase du marin. 495

Je m'éveillai, et nous voguions comme  
par un joli temps. Il était nuit, nuit calme.  
La lune brillait haut dans le ciel. Tous les  
hommes morts se tenaient ensemble. 500

Tous étaient ensemble debout sur le  
pont, plus propre à être un charnier  
qu'autre chose, et tous fixaient sur  
moi leurs yeux de pierre, que la lune  
rendait brillants. 505

L'angoisse, la malédiction dans  
lesquelles ils étaient morts étaient  
toujours exprimées par leurs regards.  
Je ne pouvais détourner mes yeux des  
leurs, ni les élever au ciel pour prier. 510

Enfin le charme fut rompu. Je  
regardai encore une fois le vert océan,  
et, en regardant au loin, je ne vis pas  
la plus petite chose, rien de ce que  
j'aurais remarqué dans un autre état. 515

J'étais comme une personne qui, dans  
un chemin solitaire, marche escortée  
de la peur et de l'effroi, et qui, ayant  
regardé une fois autour d'elle, continue  
son chemin sans plus retourner la tête,  
parce qu'elle croit qu'un être terrible  
lui ferme la route par-derrière. 520

Aussitôt je sentis un vent qui venait  
sur moi, et il ne faisait aucun bruit, ne  
causait aucun mouvement. Nul sillon  
bouillonnant ou ombreux n'était tracé  
par lui sur la mer. 525

Il souleva mes cheveux, il éventra mes  
joues comme une brise des prés au  
printemps, et, tout en se mêlant à mes  
craintes, il me fit l'effet d'une bienvenue. 530

Vite, vite glissait le vaisseau tout en  
allant doucement. Avec douceur aussi  
soufflait la brise, mais elle ne soufflait  
que sur moi. 535

Ô rêve de bonheur ! est-ce là vraiment  
la tour du fanal ? est-ce la colline, est-  
ce l'église, est-ce mon propre pays  
que je vois ? 540

Nous franchîmes la barre du port, et  
je me mis à prier en sanglotant : « Ô  
mon Dieu ! tire-moi du sommeil ou  
laisse-moi dormir toujours ! »

La rade du port avait l'apparence d'un  
miroir, tant l'onde y était paisiblement  
étendue. Sur la baie se répandaient  
les clartés de la lune en même temps  
que s'y retraçait son image. 545

Le rocher brillait sous ses rayons  
paisibles, ainsi que l'église bâtie  
dessus, et la girouette tranquille  
placée sur l'église. 550

La baie était toute blanchie par la  
silencieuse clarté, jusqu'au moment,  
où, s'élevant de son sein, nombre  
de figures qui n'étaient autre chose  
que des fantômes se colorèrent de  
teintes rouges. 555

Quand ces figures rouges furent à peu  
de distance de la proue, je tournai  
mes yeux vers le pont du vaisseau. Ô  
Christ ! que vis-je là ? 560

Chaque corps de marin y était étendu  
à plat et sans vie, et, par la sainte croix !  
un homme lumineux, un séraphin se  
tenait debout sur chaque cadavre. 565

Cette troupe de séraphins agitait  
les mains c'était un divin spectacle !  
Chacun, belle forme lumineuse,  
faisait comme des signaux à la terre. 570



Ils agitaient leurs mains, et pourtant ils  
ne proféraient aucune parole ; aucune  
parole... mais ce silence résonnait  
comme une musique dans mon cœur. 575

Bientôt j'entendis le bruit des rames  
et l'acclamation d'un pilote. Ma tête  
se retourna forcément vers la mer, et  
je vis apparaître un canot.

Un pilote et son mousse approchaient  
rapidement de moi. Ô cher Seigneur  
du Ciel ! c'était une joie que la vue  
de mes camarades morts ne pouvait  
empoisonner. 580

Je vis une troisième personne, je  
reconnus sa voix. C'est le bon ermite.  
Il chante à pleine gorge les hymnes  
sacrés qu'il a composés dans les bois.  
Bon, me dis-je, il me confessera et  
lavera mon âme du sang de l'albatros. 585  
590

### SEPTIÈME PARTIE

Ce bon ermite vit dans le bois qui  
descend jusqu'à la mer. Comme il fait  
monter hautement sa douce voix vers  
le ciel ! Il aime à causer avec les marins  
revenant des contrées lointaines. 595

Il prie le matin, à midi, et le soir, et, pour  
prier, il a un coussin bien rondelet. C'est  
de la mousse qui recouvre entièrement  
le tronc pourri d'un vieux chêne.

Le canot s'approcha. J'entendis les gens  
qui le conduisaient dire : « Voilà qui est  
étrange, en vérité ! Où sont ces lumières  
si nombreuses et si belles qui tout à  
l'heure nous faisaient des signes ? 600

– C’est vraiment étrange ! dit l’ermite. 605  
Elles n’ont pas répondu à notre appel.  
Voyez ces planches déjetées, voyez ces  
voiles, comme elles sont usées et flétries.  
Je n’en ai jamais vu de semblables.

Je ne puis les comparer qu’aux 610  
feuilles jaunes qui jonchent les bords  
du ruisseau de mon bois, quand les  
rameaux du lierre sont chargés de neige  
et quand le hibou hurle au loup qui,  
par-derrière, mange le petit de la louve. 615

– Cher Seigneur Dieu ! cela a un  
mauvais aspect, répliqua le pilote... Je  
suis tout effrayé. – Pousse au vaisseau,  
pousse... » dit hardiment l’ermite.

Le canot vint plus près du navire, mais 620  
je ne parlai ni ne bougeai. Lorsqu’il fut  
tout à fait sous le vaisseau, un bruit  
soudain se fit entendre.

Ce fut d’abord un grondement sous 625  
l’onde qui devint de plus en plus  
profond et terrible. Il arriva jusqu’au  
navire, il ouvrit l’eau du golfe, puis  
le vaisseau s’enfonça dans la mer  
comme un plomb.

Étourdi par ce bruit épouvantable qui 630  
ébranlait le ciel et l’océan, je restai  
flottant sur les flots comme un homme  
qui a été submergé depuis sept jours ;  
mais, aussi promptement qu’en un rêve,  
je me trouvai dans le canot du pilote. 635

Sur le tourbillon où plongeait le navire,  
le canot fit plusieurs tours ; puis tout  
redevint calme, excepté la colline qui  
retentissait encore du bruit.

Je remuai les lèvres, le pilote poussa 640  
un cri et tomba en défaillance. Le  
saint ermite leva les yeux et se mit à  
prier à l’endroit où il était assis.

Je pris les rames ; le mousse, qui  
maintenant est quasi fou, poussa de  
longs et forts éclats de rire, et, tournant  
les yeux de côté et d'autre, se mit à dire :  
« Ha ! ah ! je vois pleinement que le  
diable s'y connaît à ramer. »

645

Et maintenant me voilà dans mon  
propre pays, sur la terre ferme.  
L'ermite sortit du canot ; à peine  
pouvait-il se tenir sur ses jambes.

650

« Oh ! confesse-moi, confesse-moi,  
saint homme ! lui dis-je. L'ermite  
se signa. – Dis vite !... répondit-il,  
je l'ordonne, dis vite quelle espèce  
d'homme tu es ? »

655

Au même instant mon être fut  
tourmenté par une douloureuse  
agonie qui me força de commencer  
mon histoire. Quand je l'eus terminée,  
je sentis mon cœur déchargé d'un  
grand poids.

660

Depuis, à une heure incertaine, cette  
agonie me reprend, et jusqu'à ce que  
mon affreuse histoire soit dite, le  
cœur me brûle intérieurement.

665

Je passe, comme la nuit, de terre en  
terre : j'ai une étrange puissance de  
parole. Du moment que j'ai vu sa figure,  
je sais l'homme qui doit m'écouter, et  
je lui apprends mon histoire.

670

Mais quel vacarme sort de cette porte ?  
Tous les gens de la noce sont là. Sous  
la treille du jardin, la mariée et les  
compagnes de la mariée chantent.  
Silence ! la petite cloche du soir  
m'ordonne de prier.

675

Ô garçon de noce ! cette âme a été  
seule sur la vaste, la vaste mer, et cette  
mer était si solitaire que c'est à peine  
si Dieu lui-même semblait y être.

680

Ah ! s'il est doux d'être d'une fête de mariage, il est encore plus doux pour moi d'aller à l'église en bonne compagnie ! 685

D'aller à l'église en compagnie et d'y prier en compagnie, au milieu de gens qui s'inclinent devant le Père : suprêmes vieillards, enfants, bons amis, gais jeunes gens et joyeuses jeunes filles ! 690

Adieu, adieu ! mais je te dis ceci, garçon de noce : il prie bien, celui qui aime bien tout à la fois hommes, oiseaux et bêtes. 695

Il prie le mieux, celui qui aime le mieux toutes choses, grandes et petites, car le cher Dieu, qui nous aime, les fit toutes et les aime toutes.

Sur ce, le marin à l'oeil brillant et à la barbe blanchie par l'âge s'éloigne. Le garçon de noce quitte à son tour la porte du marié. 700

Il s'en alla comme un homme étourdi et qui a perdu le sens. Le lendemain matin, il se leva plus triste, mais plus sage. 705



**Página intencionalmente deixada em branco**

## LA LEGGENDA DEL VECCHIO MARINAIO

Trad. Enrico Nencioni, 1889

### PARTE PRIMA

È un vecchio marinaio, e ferma uno dei tre invitati: “Per la tua lunga barba grigia e il tuo occhio scintillante, e perchè ora mi fermi?”

Le porte del Fidanzato son già tutte aperte, e io sono il più stretto parente; i invitati son già riuniti, il festino è servito, tu puoi udirne di qui l'allegro rumore.”

5

Ma egli lo trattiene con mano di scheletro. “C'era una volta un bastimento...” comincia a dire. “Lasciami, non mi trattener più, vecchio vagabondo dalla barba brizzolata!” E quello immediatamente ritirò la sua mano.

10

Ma con l'occhio scintillante lo attrae e lo trattiene. –E il Convitato resta come paralizzato, e sta ad ascoltare come un bambino di tre anni: il vecchio Marinaio è padrone di lui.

20

Il Convitato si mise a sedere sopra una pietra: e non può fare a meno di ascoltare attentamente. E così parlò allora quel vecchio uomo, il Marinaio dal magnetico sguardo:

25

“La nave, salutata, avea già lasciato il porto, e lietamente filava sull'onde, sotto la chiesa, sotto la collina, sotto l'alto fanale.

Il Sole si levò da sinistra, si levò su dal mare. Brillò magnificamente, e a destra ridiscese nel mare.

30

Ogni dì più alto, sempre più alto finchè diritto sull'albero maestro, a mezzogiorno...” Il Convitato si batte il petto impaziente, perchè sente risuonare il grave trombone.

35



La Sposa si è avanzata nella sala:  
essa è vermiglia come una rosa; la  
precedono, movendo in cadenza la  
testa, i gai musicante. 40

Il Convitato si percuote il petto,  
ma non può fare a meno di stare a  
udire il racconto. E così seguitò a  
dire quell'antico uomo, il Marinaio  
dall'occhio brillante. 45

“Ed ecco che sopraggiunse la burrasca,  
e fu tirannica e forte. Ci colpì con le  
sue irresistibili ali, e, insistente, ci  
cacciò verso sud. 50

Ad alberi piegati, a bassa prora, come  
chi ha inseguito con urli e colpi pur  
corre a capo chino sull'orma del suo  
nemico, la nave correva veloce, la  
tempesta ruggiva forte, e ci s'inoltrava  
sempre più verso il sud. 55

Poi vennero insieme la nebbia e la  
neve; si fece un freddo terribile:  
blocchi di ghiaccio, alti come l'albero  
della nave, ci galleggiavano attorno,  
verdi come smeraldo. 60

E traverso il turbine delle valanghe,  
le rupi nevose mandavano sinistri  
bagliori: non si vedeva più forma o di  
bestia – ghiaccio solo da per tutto. 65

Il ghiaccio era qui, il ghiaccio era  
là, il ghiaccio era tutto all'intorno:  
scricchiolava e muggiva, ruggiva ed  
urlava. Come i rumori che si odono in  
una sincope. 70

Alla fine un Albatro passò per aria, e  
venne a noi traverso la nebbia. Come  
se fosse stato un'anima cristiana, lo  
salutammo nel nome di Dio.

Mangiò del cibo che gli demmo,  
benchè nuovo per lui; e ci volava e  
rivolava d'intorno. Il ghiaccio a un  
tratto si ruppe, e il pilota potè passare  
fra mezzo. 75

E un buon vento di sud ci soffiò alle spalle, e l'Albatro ci teneva dietro; e ogni giorno veniva a mangiare o scherzare sul bastimento, chiamato e salutato allegramente dai marinari. 80

Tra la nebbia o tra 'l nuvolo, su l'albero o su le vele, si appollaiò per nove sere di seguito; mentre tutta la notte attraverso un bianco vapore splendeva il bianco lume di luna." 85

"Che Dio ti salvi, o Marinaro, dal demonio che ti tormenta! – Perchè mi guardi cosí, Che cos'hai?" – "Con la mia balestra, io ammazzai l'ALBATRO!" 90

## PARTE SECONDA

Il sole ora si levava da destra: si levava dal mare, confuso e quasi nascosto fra la nebbia, e si rituffava nel mare a sinistra 95

E il buon vento di sud spirava ancora dietro a noi, ma nessun vago uccello lo seguiva, e in nessun giorno riapparve per cibo o per trastullo al grido dei marinari. 100

Oh, io avevo commesso un'azione infernale, e doveva portare a tutti disgrazia; perchè, tutti lo affermavano, io avevo ucciso l'uccello che faceva soffiare la brezza. Ah, disgraziato, dicevano, ha ammazzato l'uccello che faceva spirare il buon vento. 105

Nè fosco nè rosso, ma sfolgorante come la faccia di Dio, si levò il sole gloriosamente. Allora tutti asserirono che io avevo ucciso l'uccello che portava i vapori e le nebbie. È bene, dissero, è bene ammazzare simili uccelli, che apportano i vapori e le nebbie. 110  
115

La buona brezza soffiava, la bianca spuma scorreva, il solco era libero: eravamo i primi che comparissero in quel mare silenzioso...

A un tratto, il vento cessò, e cadder le vele; fu una desolazione ineffabile: si parlava soltanto per rompere il silenzio del mare. 120

Solitario in un soffocante cielo di rame, il sole sanguigno, non più grande della luna, si vedeva a mezzogiorno pender diritto sull'albero maestro. 125

Per giorni e giorni di seguito, restammo come impietriti, non un alito, non un moto; inerti come una nave dipinta sopra un oceano dipinto. 130

Acqua, acqua da tutte le parti; e l'intavolato della nave si contraeva per l'eccessivo calore; acqua, acqua da tutte le parti; e non una goccia da bere! 135

Il mare stesso si putrefece. O Cristo! che ciò potesse davvero accadere? Sì; delle cose viscoso strisciavano trascinandosi su le gambe sopra un mare glutinoso. 140

Attorno, attorno, turbinosi, innumerevoli fuochi fatui danzavano la notte: l'acqua, come l'olio nella caldaia d'una strega, bolliva verde, blu, bianca.

E alcuni, in sogno, ebbero conferma dello spirito che ci colpiva così: a nove braccia di profondità, ci aveva seguiti dalla regione della nebbia e della neve. 145

E ogni lingua, per l'estrema sete, era seccata fino alla radice; non si poteva più articolare parola, quasi fossimo soffocati dalla fuliggine. 150

Ohimè! che sguardi terribili mi gettavano, giovani e vecchi! In luogo di croce, mi fu appeso al collo l'Albatro che avevo ucciso. 155

**PARTE TERZA**

E passò un triste tempo. Ogni gola  
era riarsa, ogni occhio era vitreo.  
Un triste tempo, un triste tempo! E  
come mi fissavano tutti quegli occhi  
stanchi! Quand'ecco, guardando  
verso occidente, io scorsi qualche  
cosa nel cielo. 160

Da prima, pareva una piccola macchia,  
una specie di nebbia; si moveva, si  
moveva, e alla fine parve prendere  
una certa forma. 165

Una macchia, una nebbia, una forma,  
che sempre più si faceva vicina: e  
come se volesse sottrarsi ed evitare  
un fantasma marino, si tuffava, si  
piegava, si rigirava. 170

Con gole asciutte, con nere arselabbra,  
non si poteva nè ridere nè piangere.  
In quell'eccesso di sete, stavano tutti  
muti. Io mi morsi un braccio, ne  
succhiai il sangue, e gridai: Una vela!  
Una vela! 175

Con arse gole, con nere labbra  
bruciate, attoniti mi udiron gridare.  
Risero convulsamente di gioia: e tutti  
insieme aspirarono l'aria, come in  
atto di bere. 180

Vedete! vedete! (io gridai) essa non  
gira più, ma vien dritta a recarci salute:  
senza un alito di vento, senza corrente,  
si avvanza con la chiglia elevata. 185

A occidente l'acqua era tutta  
fiammeggiante; il giorno era presso  
a finire. Sull'onda occidentale posava  
il grande splendido sole - quand'ecco  
quella strana forma s'interpose fra il  
sole e noi. 190

E a un tratto il sole apparve listato  
di strisce (che la celeste Madre ci  
assista!) come se guardasse dalla  
inferriata di una prigione con la sua  
faccia larga ed accesa. 195

Ohimè! (pensavo io, e il cuore mi  
batteva forte), come si avvicina  
rapidamente, ogni momento di più!  
Son quelle le sue vele, che scintillano  
al sole come irrequiete fila di ragno? 200

Son quelle le sue coste, traverso a  
cui il sole guarda come traverso a  
una grata? E quella donna là è tutto  
l'equipaggio? È forse la Morte? o ve  
ne son due? o è la Morte la compagna  
di quella donna? 205

Le sue labbra eran rosse, franchi gli  
sguardi, i capelli gialli com'oro: ma la  
pelle biancastra come la lebbra... Essa  
era l'Incubo VITA-IN-MORTE, che  
congela il sangue dell'uomo. 210

Quella nuda carcassa di nave ci passò  
di fianco, e le due giocavano ai dadi.  
"Il gioco è finito! ho vinto, ho vinto!"  
dice l'una, e fischia tre volte. 215

L'ultimo lembo di sole scompare: le  
stelle accorrono a un tratto: senza  
intervallo crepuscolare, è già notte.  
Con un mormorio prolungato fuggì  
via sul mare quel battello-fantasma. 220

Noi udivamo, e guardavamo di sbieco,  
in su. Il terrore pareva suggerire dal  
mio cuore, come da una coppa, tutto  
il mio sangue vitale. Le stelle erano  
torbide, fitta la notte, e il viso del  
timoniere splendeva pallido e bianco  
sotto la sua lanterna. 225

La rugiada gocciava dalle vele; finchè  
il corno lunare pervenne alla linea  
orientale, avendo alla sua estremità  
inferiore una fulgida stella, 230

L'un dopo l'altro, al lume della luna  
che pareva inseguita dalle stelle, senza  
aver tempo di mandare un gemito  
o un sospiro, ogni marinaio torse la  
faccia in una orribile angoscia, e mi  
maledisse con gli occhi. 235  
240

Duecento uomini viventi (e io non  
udii nè un sospiro nè un gemito),  
con un grave tonfo, come una inerte  
massa, caddero giù l'un dopo l'altro.

Le anime volaron via dai loro corpi  
- volarono alla beatitudine o alla  
dannazione; ed ogni anima mi passò  
d'accanto sibilando, come il fischio  
della mia balestra. 245

#### PARTE QUARTA

“Tu mi spaventi, vecchio Marinaio!  
La tua scarna mano mi fa paura!  
Tu sei lungo, magro, bruno come la  
ruvida sabbia del mare. 250

Ho paura di te, e del tuo occhio  
brillante, e della tua bruna mano  
di scheletro...” – “Non temere, non  
temere, o Convitato! Questo mio  
corpo non cadde fra i morti. 255

Solo, solo, affatto solo - solo in un  
immenso mare! E nessun santo  
ebbe compassione di me, della mia  
anima agonizzante. 260

Tutti quegli uomini così belli, tutti  
ora giacevano morti! e migliaia e  
migliaia di creature brulicanti e visose  
continuavano a vivere, e anch'io vivevo. 265

Guardavo quel putrido mare, e  
torcevo subito gli occhi dall'orribile  
vista; guardavo sul ponte marcito, e  
là erano distesi i morti. 270

Alzai gli occhi al cielo, e tentai di pregare;  
ma appena mormoravo una prece, udivo  
quel maledetto sibilo, e il mio cuore  
diventava arido come la polvere.

Chiusi le palpebre, e le mantenni  
chiuse; e le pupille battevano come  
polsi; perchè il mare ed il cielo, il  
cielo ed il mare, pesavano opprimenti  
sui miei stanchi occhi; e ai miei piedi  
stavano i morti. 275

Un sudore freddo stillava dalle loro  
membra, ma non imputridivano, nè  
puzzavano: mi guardavano sempre  
fissi, col medesimo sguardo con cui  
mi guardarono da vivi. 280

La maledizione di un orfano avrebbe  
la forza di tirar giù un'anima dal cielo  
all'inferno; ma oh! più orribile ancora  
è la maledizione negli occhi di un  
morto! Per sette giorni e sette notti io  
vidi quella maledizione... eppure non  
potevo morire. 285

La vagante luna ascendeva in cielo  
e non si fermava mai: dolcemente  
saliva, saliva in compagnia di una o  
due stelle. 290

I suoi raggi illusori davano aspetto  
di una distesa bianca brina d'aprile  
a quel mare putrido e ribollente; ma  
dove si rifletteva la grande ombra  
della nave, l'acqua incantata ardeva  
in un monotono e orribile color rosso. 295

Al di là di quell'ombra, io vedevo i  
serpi di mare muoversi a gruppi di un  
lucente candore; e quando si alzavano  
a fior d'acqua, la magica luce si  
rifrangeva in candidi fiocchi spioventi. 300

Nell'ombra della nave, guardavo  
ammirando la ricchezza dei loro colori;  
blu, verde-lucidi, nero-vellutati,  
si attorcigliavano e nuotavano; e  
ovunque movessero, era uno scintillio  
di fuochi d'oro. 305



O felici creature viventi! Nessuna lingua  
 può esprimere la loro bellezza: e una  
 sorgente d'amore scaturì dal mio cuore,  
 e istintivamente li benedissi. Certo il  
 mio buon Santo ebbe allora pietà di me,  
 e io inconsciamente li benedissi. 315

Nel momento stesso potei pregare; e  
 allora l'Albatro si staccò dal mio collo, e  
 cadde, e affondò come piombo nel mare. 320

### PARTE QUINTA

Oh, il sonno! esso è una cosa soave,  
 amata da un polo all'altro. Sia lodata  
 la Vergine Maria! Essa dal cielo mi  
 mandò il dolce sonno che penetrò  
 nella mia anima. 325

Sognai che le secchie rimaste inutili per  
 tanto tempo sul ponte, erano piene di  
 rugiada; e quando mi destai, pioveva. 330

Le mie labbra eran bagnate, la mia gola  
 rinfrescata, tutti i miei vestiti inzuppati  
 d'acqua: certo io avevo bevuto durante  
 il sogno, e ancora bevevo.

Mi mossi, e non sentivo più le mie  
 membra: ero così leggero, che quasi  
 credetti di essere morto dormendo, e  
 diventato uno spirito benedetto. 335

A un tratto sentii un muggito di vento:  
 non pareva che si avvicinasse, - ma col  
 solo rumore scoteva le vele che erano  
 così sottili e riarse! 340

L'aria in alto si animò a un tratto, e  
 cento banderuole di fuoco abbagliante  
 si agitarono di qui, di là, per ogni  
 verso: e da ogni parte le pallide stelle  
 parevano danzare in quel turbinio. 345

Il vento si avvicinava e ruggiva  
più forte, e le vele sospiravano col  
mormorio della saggina; e la pioggia si  
rovesciò giù da una sola nuvola nera,  
al cui estremo lembo appariva la luna. 350

Il fitto nugolo nero si squarciò; ma  
la luna gli restò accanto: come acque  
lanciate da qualche alta rupe, i lampi  
si succedevano senza interruzione, in  
largo e precipitoso torrente. 355

Il gagliardo vento non arrivava fino  
alla nave; eppure la nave cominciò a  
muoversi! Al misto bagliore dei lampi  
e della luna, gli uomini morti a un  
tratto mandarono un gemito. 360

Mandarono un gemito, si smossero,  
si levarono tutti in piedi - ma senza  
parlare, e senza girare gli occhi. Sarebbe  
stato strano anche in un sogno, aver  
visto quei morti alzarsi da terra!... 365

Guidato dal timoniere, il bastimento  
cominciò a muoversi; eppure nessun  
soffio lo spingeva dall'alto. I marinari  
cominciarono tutti a manovrare ai  
cordami secondo il solito, muovendo  
le membra meccanicamente come  
inanimati strumenti... Oh, noi  
eravamo uno spaventoso equipaggio! 370  
375

Il corpo di un mio nipote mi stava  
accanto, ginocchio a ginocchio: quel  
corpo ed io si manovrava ad un  
medesimo canapo, ma egli non mi  
diceva una parola..." 380

"Tu mi fai terrore, vecchio Marinaio!"  
"Rassicurati, o Convitato! non eran le  
anime dei morti nell'angoscia, tornati  
a vivificare i cadaveri,; ma una schiera  
di beati spiriti. 385

E quando albeggiò, essi piegaron  
le braccia e si affollarono intorno  
all'albero maestro. Dolci suoni  
uscirono lentamente dalle loro  
bocche, ed esalarono dai loro corpi. 390

Intorno intorno volava ognuno di quei  
dolci suoni; e ascendeva rapido al sole;  
poi lenti e soavi tornavano indietro,  
ora in coro, ora ad uno ad uno.

Talvolta mi pareva di udir cantare 395  
l'allodola scendente dal cielo; talvolta  
era come se cantassero insieme tutti  
gli uccellini, ed empissero l'aria ed il  
mare coi loro dolci gorgheggi.

Ed ora pareva un pieno di strumenti, ora 400  
come un flauto solitario; -ed era il canto  
di un angelo che i cieli ascoltano muti.

Cessò; ma le vele continuarono il loro 405  
lieto mormorio fino a mezzogiorno,  
il mormorio di un nascosto ruscello  
nel fiorito mese di giugno, che canta  
tutta la notte una tranquilla melodia  
ai boschi dormienti.

Navigammo placidamente fino a 410  
mezzogiorno, ma senza un soffio di  
brezza; lentamente, pianamente, il  
bastimento procedeva come spinto da  
un impulso sottomarino.

A nove tese di profondità sotto la 415  
chiglia, venuto dalla regione della  
nebbia e della neve, scorreva uno  
spirito - era esso che metteva in  
moto la nave: ma a mezzodì le vele  
cessarono il loro mormorìo, e la nave  
si arrestò. 420

Il sole alto sull'albero maestro la 425  
vide immobilizzata sull'acque; ma  
dopo un minuto cominciò ad agitarsi  
con un breve e difficile movimento:  
andando avanti e indietro metà  
della sua lunghezza, con un corto e  
penoso movimento.

Poi, come uno scalpitante cavallo 430  
lasciato andare ad un tratto, essa fece  
un subito sbalzo... Mi andò tutto il  
sangue alla testa, e caddi svenuto.

Non saprei dire quanto durasse lo svenimento: ma prima di riprendere i sensi, io udii e intimamente distinti due voci nell'aria. 435

“È lui? - diceva una - è questo l'uomo? Per Colui che spirò sulla croce; è lui che con la crudele balestra abbattè l'Albatro innocente!

Lo spirito che abita solitario nella regione della nebbia e della neve amava l'uccello amante dell'uomo, che l'uomo ingrato uccise con la sua balestra.” 440

L'altra era una voce più bassa, dolce come stille di miele, e diceva: “L'uomo ne ha già fatto penitenza, e altra penitenza ha da fare.” 445

## PARTE SESTA

### PRIMA VOCE

“Ma dimmi, dimmi, parla di nuovo, rinnovando le tue dolci note. - Che cos'è che spinge così veloce la nave? e che va facendo l'Oceano?” 450

### SECONDA VOCE

“Immobile come uno schiavo dinanzi al mio signore, l'Oceano non ha più un soffio; guarda in silenzio col suo grande e scintillante occhio la Luna, come per domandare in che direzione ha da muoversi - perchè è lei che lo guida, calmo o agitato. Vedi, fratello, vedi con che soave grazia essa guarda in giù sopra di lui!” 455  
460

### PRIMA VOCE

“Ma come mai quella nave, senza onda e senza vento, scorre così veloce?” 465

### SECONDA VOCE

“L'aria le è rotta dinanzi, e si richiude subito dietro il suo passaggio.

Vola, fratello, vola! più alto! più alto!  
o noi saremo in ritardo; poichè la  
nave si muoverà lenta lenta, appena  
ritorni in sè il marinaio.” 470

Mi destai; e si navigava come in  
propizia stagione. Era notte, una notte  
tranquilla, la luna era alta - gli uomini  
morti giacevano uno accanto all'altro. 475

Giacevano tutti insieme sul ponte,  
che pareva diventato un carnaio: tutti  
fissavan su di me i loro occhi impietriti  
che brillavano al lume della luna. 480

L'angoscia, la maledizione con la  
quale morirono, non era sparita mai:  
io non potevo staccare i miei occhi dai  
loro, nè sollevarli per pregare.

Ma finalmente questo incanto fu rotto:  
ancora una volta rivedevo l'oceano  
verde; e benchè spingessi lontano lo  
sguardo, non scorgevo quasi più nulla  
dei passati prodigi. 485

Ero come un uomo che in una via  
solitaria si avanza con timore e terrore,  
ed essendosi voltato un momento,  
ricammina senza più volger la testa;  
perchè sente che un orribil demonio è  
dietro i suoi passi. 490

Ma presto alitò una brezza su me,  
senza produrre suono nè moto; il suo  
passaggio non era sul mare, nell'onda,  
o nell'ombra. 495

Mi sollevava i capelli, mi sventolava  
su le gote, soave come uno zeffiro  
sui prati di primavera - si mescolava  
stranamente anch'essa con le mie  
paure, eppure la sentivo come un  
fausto saluto. 500

Rapida, rapida, filava la nave, eppur  
veleggiava soavemente; dolcemente  
spirava la brezza - e spirava sopra  
me solo. 505

Oh sogno di gioia! Quella ch'io vedo è  
davvero la punta del fanale? È quella  
la collina? quella la chiesa? è proprio  
questo il mio paese? 510

Si entrò in porto, e io pregai  
singhiozzando: Mio Dio fa che ora mi  
desti - o se questo è un sogno, fammi  
dormire per sempre! 515

L'acqua nel porto era limpida come  
cristallo, e sì placidamente stendevasi!  
la baia era tutta illuminata dal  
chiarore lunare. 520

La rupe risplendeva, e non meno  
la chiesa che è su la rupe; la luna  
illuminava in perfetto silenzio  
l'immobile banderuola. 525

La baia era tutta bianca nella tacita  
luce, quand'ecco sorgenti da essa varie  
forme, che erano ombre, apparvero in  
vermigli colori.

Quelle ombre vermiglie erano a poca  
distanza dalla prora. Io girai gli occhi  
sul ponte... – O Cristo, che cosa vi vidi! 530

Ogni cadavere giaceva inanime e  
irrigidito, e, per la santa Croce! un  
uomo tutto luce, un uomo-angelo,  
stava presso ogni morto. 535

Ciascuno di quella serafica schiera  
accennava con la mano: era una celeste  
visione! Essi stavano come segnali alla  
terra, ognuno un soave splendore. 540

Ognuno dell'angelica schiera stendeva  
la mano accennando, e non emisero  
voce – nessuna voce ; ma oh! quel  
silenzio scese come una musica nel  
mio cuore! 545

A un tratto udii un tuffo di remi; udii  
il grido del pilota; ignota forza mi  
fece volger la testa, ed ecco apparire  
un battello.

Sentii avvicinarsi rapidamente il pilota e il suo ragazzo. Gran Dio del cielo, fu tale la gioia, che i morti stessi non potevan turbarla. 550

Vidi una terza persona, e sentii la sua voce. Egli è il buon eremita! Canta a voce alta i santi inni che compone nel bosco. Egli mi confesserà – egli laverà la mia anima dal sangue dell' Albatro. 555

### PARTE SETTIMA

Il buon eremita dimora in un bosco che costeggia il mare. Ha una forte e simpatica voce, e ama conversare coi marinari che vengono da lontane regioni. 560

S'inginocchia la mattina, a mezzogiorno, e la sera: e ha per morbido cuscino il muschio che riveste un vecchio tronco di quercia. 565

Il battello si avvicinava. Io li sentivo parlare: “È strano davvero! e dove son ora quei tanti e belli splendori che dianzi ci facevano cenno?” 570

“Strana cosa davvero in fede mia! (soggiunse l'eremita) non è stato nemmeno risposto al nostro saluto! L'intavolato della nave è tutto sconnesso, e vedete le vele, come sono sottili e consunte!” 575

Io non ho mai visto nulla di simile, se non fosse per quei bruni scheletri di foglie che galleggiano nel ruscello del mio bosco; quando i rami d'ellera son coperti di neve, e il gufo ulula al lupo che divora i lupicini.” 580

“Signore Iddio! ha proprio un aspetto diabolico (aggiunse il pilota) e io sono stordito dallo spavento.” – “Coraggio e avanti!” rispose allegramente l'eremita. 585



Il battello si appressò alla nave; ma io non dissi parola, nè feci motto; il battello venne proprio accosto alla nave, e immediatamente fu udito un rumore. 590

Un rumore che dapprima brontolava sott'acqua, poi si fece più forte e più spaventoso... arrivò alla nave, sconvolse tutta la baia... e la nave affondò come piombo. 595

Stordito da quell'orribil fracasso che scosse mare e cielo, il mio corpo galleggiava come quello di un annegato da sette giorni – quando a un tratto, come in un sogno, mi ritrovai nel battello del pilota. 600

Sulla voragine dove affondò il bastimento il battello si aggirava vorticoso. Tutto era tornato tranquillo; solo la collina echeggiava ancora del gran rimbombo. 605

Quando io mossi le labbra per parlare, il pilota mandò un grido, e cadde svenuto, il buon eremita levò gli occhi al cielo, e si mise a pregare. 610

Io afferrai i remi. Il ragazzo del pilota, che ora è diventato pazzo, rideva forte e a lungo, girando gli occhi di qua e di là. “Ah! ah! (diceva) mi accorgo ora che il Diavolo ha imparato a remare.” 615

Ed ecco io misi piede sulla terra ferma, nel mio paese nativo. L'eremita uscì con me dal battello, ma poteva reggersi appena.

“Oh confessami, sant'uomo, confessami!” 620  
– L'eremita aggrottò il sopracciglio.  
“Dimmi subito, t'impongo di dirlo, che razza d'uomo sei tu?”

E immediatamente questa mia persona fu torturata in una tremenda agonia che mi obbligò a raccontar la mia storia; e solamente dopo averla narrata, mi sentii sollevato. 625

Fin d'allora, a un'epoca indeterminata,  
riprovo quell'agonia; e finchè non  
ho rifatto lo spaventoso racconto, il  
cuore mi brucia nel petto. 630

Io passo, come la notte, di terra in  
terra, e ho una strana facoltà di parola.  
Appena lo vedo in viso, riconosco  
subito l'uomo destinato ad udirmi; e gli  
comincio a dire l'edificante mia storia. 635

Che alto strepito esce da quella porta!  
I Convitati sono tutti là: la sposa e le sue  
damigelle son nel giardino e si odon  
cantare... Ma ecco la campanella del  
vespro che invita me alla preghiera. 640

O Convitato! Quest'anima si è trovata  
sola sull'ampio, ampio mare: tanto sola,  
che Dio stesso pareva appena esser là. 645

Oh, più dolce del nuziale festino,  
molto più dolce per me, è l'avviarmi  
alla chiesa, in devota compagnia.

Incaminarmi alla chiesa, e là pregar  
tutti insieme, mentre ognun s'inchina  
al gran Padre, vecchi, bambini, teneri  
amici, e giovani, e allegre fanciulle. 650

Addio, addio! Ma questo io dico a te, o  
Convitato: prega bene sol chi ben ama  
e gli uomini e gli uccelli e le bestie. 655

Prega bene colui che meglio ama tutte le  
creature, piccole e grandi; poichè il buon  
Dio che ci ama, ha fatto e ama tutti.

Il marinaio dall'occhio brillante, dalla  
barba brinata dagli anni, è sparito - e  
ora il Convitato non si dirige più alla  
porta dello sposo. 660

Egli se ne venne, come stordito, e  
fuori dai sensi. E quando si levò la  
mattina dopo, era un uomo più triste  
e più savio. 665



**Página intencionalmente deixada em branco**

# DER ALTE MATROSE

Trad. Ferdinand Freiligrath, 1924

## ERSTER TEIL

Ein alter Seemann begegnet  
dreien zu einer Hochzeit  
geladenen Gästen und hält  
deren einen an.

EINEN alten Seemann gibt's, der hält  
Von Dreien einen an.  
Was will dein glühend Aug' von mir,  
Graubärt'ger alter Mann?

Macht Hochzeit doch der Bräutigam,  
Nah sind verwandt wir beide!  
Das Fest beginnt: versammelt sind  
Die Gäste, ringsum Freude!

5

Er hält ihn mit der dürren Hand:  
„War stattlich einst und groß  
Ein Schiff“ – „Laß los, du alter Narr!“  
Stracks ließ die Hand er los.

10

Der Hochzeitsgast wird  
durch das Auge des alten  
seefahrenden Mannes wie  
durch einen Zauber gefesselt  
und gezwungen, seine  
Geschichte zu vernehmen.

Er hält ihn mit dem glühen Blick;  
Der Hochzeitsgast steht stille  
Und horcht ihm wie ein kleines Kind:  
So war's des Seemanns Wille.

15

Setzt sich auf einen Stein der Gast;  
Er kann nicht von der Stelle.  
Und so begann der alte Mann,  
Der graue Schiffsgeselle:

20

Der Seemann erzählt, wie das  
Schiff mit gutem Winde und  
schönem Wetter südwärts  
segelte, bis es die Linie  
erreichte.

„Die Anker hoch, die Barke flog,  
Frisch ging es durch die Bai,  
Vorbei die Kirch', vorbei den Berg,  
Den Feuerturm vorbei.

Die Sonn' erhob sich aus der See;  
Zur Linken ging sie auf.  
Und sie schien hell, senkt' in die Well'  
Zur Rechten dann den Lauf.

25

Und höher, höher jeden Tag,  
Bis mittags überm Mast –“  
Da tönt von ferne das Fagott:  
Vom Sitz fährt auf der Gast.

30

|  |  |              |
|--|--|--------------|
|  | Die Braut betritt den Hochzeitssaal!<br>Rot wie 'ne Ros' ist sie;<br>Und vor ihr gehn mit nickendem Haupt<br>Die lustigen Musici.  | 35           |
| Der Hochzeitsgast vernimmt<br>die Festmusik; aber der<br>Seemann fährt in seiner<br>Geschichte fort..                                    | Der Hochzeitsgast fährt auf in Hast,<br>Er kann nicht von der Stelle.<br>Und so sprach dann der alte Mann,<br>Der graue Schiffsgeselle:  | 40           |
| Das Schiff durch einen Sturm<br>gegen den Südpol getrieben.  | Da kam der Sturmwind; der war stark,<br>Und groß war seine Wut,<br>Und seine Schwingen trieben uns<br>Fern nach des Südens Flut.   |              |
|  | Das Bugspriet tief, die Masten schief,<br>Wie wer, verfolgt mit raschem Schritt,<br>Noch seines Feindes Schatten tritt,<br>Mit vorgebeugtem Haupt:<br>So auf gut Glück stürmte die Brigg<br>Südwärts, vom Nord umschnaubt. | 45<br><br>50 |
|  | Und Schnee und Nebel kamen jetzt,<br>Die haben's kalt gemacht,<br>Und mastenhoch vorüberzog<br>Eis, grünlich wie Smaragd.  |              |
| Das Land des Eises und der<br>schreckhaften Töne, wo kein<br>lebendig Wesen zu schauen<br>war.   | Und trüben Schein durchs Eis herein<br>Warf eine schnee'ge Spalte:<br>Nichts sahen wir, nicht Mensch noch Tier –<br>Die Treibeismauer hallte.  | 55           |
|  | Das Eis war hier, das Eis war dort,<br>Das Eis war überall;<br>Es türmte sich, und fürchterlich<br>Dröhnt' übers Meer sein Schall.   | 60           |
| Bis ein großer Seevogel,<br>Albatros geheißen, durch<br>den Schneesturm kam und<br>mit großer Freude und<br>Gastlichkeit empfangen ward. | Doch endlich schoß ein Albatros<br>Durch Nebel und durch Regen;<br>Als wär's 'ne Christenseel', so tönt<br>Ihm unser Gruß entgegen.  | 65           |
|  | Der Vogel fraß aus unsrer Hand,<br>Flog auf dem Deck umher;<br>Das Eis zerbrach mit dumpfem Krach:<br>Wir sind auf offnem Meer!  | 70           |

Und siehe! der Albatros  
erweist sich als einen Vogel  
von guter Vorbedeutung  
und folgt dem Schiffe, da es  
durch Nebel und Treibeis  
nordwärts kehrt

Ein guter Südwind tut sich auf;  
Hoch folgt uns durch die Luft  
Der Vogel treu und schwebt herbei,  
Wenn der Matrose ruft.

Auf Tau und Mast, da hält er Rast  
Der wolk'gen Nächte neun.  
Und alle Nacht durch Nebel lacht  
Des Mondes weißer Schein. –

75

Der alte Seemann tötet  
ungastlich den frommen Vogel  
von guter Vorbedeutung.

Vor bösen Geistern schütz' dich Gott,  
Du alter Schiffsgenöß!  
Was stierst du? – mit der Armbrust mein  
Schoß ich den Albatros!

80

## ZWEITER TEIL

DIE Sonn' erhob sich aus der See,  
Ging nun zur Rechten auf;  
Von Nebeln noch verschleiert, senkt'  
Sie links ins Meer den Lauf.

85

Und der gute Südwind blieb am Wehn;  
Doch nicht folgt durch die Luft  
Der Vogel treu und schwebt herbei,  
Wenn der Matrose ruft.

90

Seine Genossen erheben  
sich gegen den alten  
Seemann, darum daß er  
den heilbringenden Vogel  
getötet hat.

Ich hatt' ein übel Ding getan;  
Das brachte nimmer Segen.  
Sie sagten: Kühn erschlugst du ihn,  
Der sich den Süd ließ regen!  
Sie alle sprechen: Welch ein Verbrechen,  
Der sich den Süd ließ regen!

95

Aber da der Nebel sich  
verzieht, rechtfertigen sie  
denselben, also seines  
Verbrechens sich teilhaftig  
machend.

Herrlich, wie Gottes eignes Haupt,  
Ging auf die Sonn' und lachte!  
Sie sagten: Kühn erschlugst du ihn,  
Der uns den Nebel brachte!  
Den Vogel traf gerechte Straf',  
Der uns den Nebel brachte!

100

Der Wind aber bleibt günstig;  
das Schiff tritt in den Stillen  
Ozean und segelt nordwärts,  
allzeit bis es die Linie erreicht.

Der Wind bläst gut, weiß schäumt die Flut;  
Wir furchen rasch die Wogen.  
Wir waren sicher die ersten Schiffer,  
Die diese See durchzogen.

105

Das Schiff wird plötzlich von  
einer Windstille befallen.

Der Wind läßt nach! Rings hangen schlaff  
Die Segel an den Raa'n;  
Nur sprechen alle, daß etwas schalle  
Doch auf dem Ozean.

110

Am heißen Kupferfirmament,  
Hoch überm Maste, thront  
Die blut'ge Sonn zur Mittagszeit,  
Nicht größer als der Mond.

Wir lagen Tage, Tage lang;  
Kein Lüftchen rings umher!  
Wie ein gemaltes Schiff, so träg,  
Auf einem gemalten Meer.

115

Und der Albatros fängt an  
gerächt zu werden.

Wasser, Wasser überall!  
Doch jede Fuge klafft;  
Wasser, Wasser überall!  
Nur was zu trinken schafft!

120

Die Tiefe selbst verfaulte, – Gott  
Im Himmel, gib uns Mut!  
Schlammtiere krabbeln zahllos rings  
Auf schlamm'ger Moderflut.

125

Und jede Nacht sahn wirbelnd wir  
Die Totenfeuer glühn;  
Wie Hexenöl, so flackerte  
Die Flut blau, weiß und grün.

130

Ein Geist war ihnen gefolgt,  
einer von den unsichtbaren  
Bewohnern dieses Planeten,  
so weder abgeschiedene  
Seelen noch Engel sind

Und manchem sagt' im Traum der Geist,  
Der uns gesandt solch Weh:  
Neun Faden tief verfolgt' er uns  
Von jenes Landes Schnee.

Und jede Zunge war verdorrt,  
War trocken bis zum Schlunde;  
Wir konnten all' nicht sprechen, grad  
Als wär' uns Ruß im Munde.

135

Die Genossen in ihrer  
schweren Trübsal möchten  
gerne die ganze Schuld auf  
den alten Matrosen werfen:  
zum Zeichen dessen hängen  
sie den toten Seevogel um  
seinen Hals.

Und Alt und Jung mit finstern Blick  
Kam auf mich zugegangen;  
Den Albatros, den ich erschöß,  
Hat man mir umgehungen.

140



## DRITTER TEIL

Der alte Matrose sieht in  
weiter Entfernung ein  
Zeichen auf dem Wasser

UND lange Zeit verfloß. Verdorrt  
War jeder Gaum'. Wie Glas  
Die Augen! Lange, lange Zeit! 145  
Die Augen all' wie Glas!  
Da blickt' ich westwärts – schau! da sah  
Am Horizont ich was!

Zuerst war es ein kleiner Fleck!  
Der ward zum Nebel bald 150  
Und regte und bewegte sich  
Und wurde zur Gestalt.

Ein Fleck, ein Nebel, dann Gestalt,  
Und näher kommt es stets;  
Als neckt' es einen Wassergeist, 155  
So schießt es und so dreht's.

Und als es näher und näher  
kommt, scheint es ein Schiff  
zu sein; und um eine teure  
Lösung befreit er seine  
Sprach aus den Banden des  
Durstes.

Mit trockenem Gaum', die Lippen kaum  
Noch rot, stehn wir; kein Laut  
Erschallt – sind stumm; hin ist der Mut!  
Da biß den Arm ich, saugte Blut 160  
Und rief: Ein Segel! schaut!

Ein Freudenblitz.

Mit trockenem Gaum' die Lippen kaum  
Noch rot, sehn sie mein Winken;  
Vor Freude weinte Groß und Klein,  
Und alles zog den Atem ein, 165  
Als ob sie wollten trinken.

Aber Grausen folgt: denn  
kann das ein Schiff sein,  
was ohne Wind oder Flut  
herankommt?

Seht! rief ich, seht! es dreht nicht mehr!  
Es naht uns, bringt uns Heil!  
Und ohne Flut und ohne Wind  
Schwimmt's auf uns zu in Eil. 170

Des Westens Flut war eine Glut;  
Der Tag war bald verronnen!  
Und sinkend ruht auf Westens Flut  
Das breite Rund der Sonnen!  
Und die Gestalt stellt zwischen uns 175  
Sich und das Rund der Sonnen.

Es scheint ihm nur das  
Gerippe eines Schiffes.

Und schwarze Streifen treten stracks  
Vor des Ozeans goldne Braut;  
Und glüh'nd, wie durch ein Kerkertor,  
Ihr brennend Antlitz schaut. 180

|   |  |            |
|---|--|------------|
|   | Ach, dacht' ich, und mein Herz schlug laut,<br>Denn näher kam es immer;<br>Das seine Segel, blitzend hell<br>Wie Mettenfadenschimmer?  |            |
| Und seine Rippen gleichen<br>Gitterstäben vor dem<br>Antlitz der untergehenden<br>Sonne. Das Gespensterweib<br>und ihr Totengenoss und<br>niemand sonst an Bord des<br>Skelettschiffes. Wie das Schiff,<br>so die Mannschaft! | Das seine Rippen, so die Sonn'<br>Durchscheint so feuerrot;<br>Und ist nur jenes Weib an Bord?<br>Ist das ein Tod? sind zweie dort?<br>Ist ihr Gemahl der Tod?   | 185        |
|   | Rot ist ihr Mund; frei her sie schaut;<br>Ihr Haupthaar golden wallt;<br>Weiß ist, wie Aussatz, ihre Haut!<br>Die Nachtmahr ist's, die Totenbraut,<br>Macht Menschenblut so kalt!  | 190        |
| Tod und Nachtmahr würfeln<br>um die Mannschaft des<br>Schiffes, und sie (die letzte)<br>gewinnt den alten Matrosen.   | Der Schiffsrumpf kommt, legt Bord an Bord;<br>Da würfelten die Zwei.<br>Der Würfel fiel! Gewonnen Spiel!<br>Spricht sie und pfeift dabei.  | 195        |
| Kein Zwielight in den Höfen<br>der Sonne.   | Die Sonne sinkt, die Sterne glühn,<br>Die Nacht kommt stracks heran;<br>Mit leisem Flüstern übers Meer<br>Schießt fort der Geisterkahn.  | 200        |
|   | Wir horchen, sehn ihn seitwärts fliehn;<br>Die Furcht aus meinem Herzen schien<br>Das Lebensblut zu trinken.<br>Die Nacht dick, trüb der Sterne Kreis;<br>Des Steurers Antlitz stier und weiß<br>Bei seiner Lamp'; – es sinken<br>Vom Segel Tropfen Taus; fern<br>Im Osten steht der Mond, ein Stern<br>Schimmernd zu seiner Linken. | 205<br>210 |
| Beim Aufgehen des Mondes,<br>einer nach dem anderen<br>fallen seine Genossen tot<br>nieder.   | Und alle, bei des Mondes Schein,<br>Mit stierem, gräßlichem Blick<br>Sehn grinsend mich und klagend an:<br>Mir flucht ihr Schmerzensblick!   | 215        |
|   | Viermal fünfzig Menschen wohl,<br>Sie sinken leblos nieder.<br>Sie stöhnen nicht, sie seufzen nicht.<br>Aufstehn sie nimmer wieder.  |            |

Aber Totenbraut beginnt ihr  
Werk an dem alten Matrosen.

Die Seelen fliehn der Leiber Haft;  
Glück harrt auf sie und Grausen;  
Und jede mir vorüberschwirrt,  
Wie meiner Armbrust Sausen.“

220

#### VIERTER TEIL

Der Hochzeitsgast fürchtet,  
daß ein Geist zu ihm redet

„ICH fürcht’ dich, alter Schiffsgesell,  
Fürcht’ deine dürre Hand,  
Und du bist lang und schlank und braun,  
Wie des Meers gerippter Sand!

225

Aber der alte Matrose  
versichert ihn seines  
Leibeslebens und fährt fort,  
seine schreckliche Buße zu  
erzählen.

Ich fürcht’ dich und dein glühes Aug’!  
Ich fürchte dich so sehr! –‘  
„Fürcht nicht, fürcht nicht, du Hochzeitsgast!  
Ich starb nicht auf dem Meer!

230

Allein, allein und ganz allein  
Auf weiter, weiter See!  
Nicht lindert meine Todesangst  
Ein Heil’ger in der Höh’!

235

Er verachtet die Kreaturen  
der Windstille.

So viele Menschen, schön und stark!  
Und keiner rührte sich!  
Und tausend Tier’ im Moderschlamm,  
Sie lebten; und auch ich!

Und ist neidisch, daß sie  
leben, und so viele liegen tot.

Ich blickte auf die faule See  
Und wandte die Augen fort!  
Ich blickte auf das faule Deck;  
Die Toten lagen dort!

240

Ich blick’ empor; will beten dann;  
Doch meiner Lipp’ mit Stocken  
Entfließt nur gottlos Flüstern, macht  
Mein Herz wie Staub so trocken.

245

Ich schließ’ das Aug’; gleich Pulsen pocht  
Des Auges Stern beim Schließen;  
Des Himmels Höh’, die blaue See  
Thun lastend meinen Augen weh,  
Und die Toten mir zu Füßen!

250

Aber der Fluch lebt für ihn in  
den Augen der toten Männer.

Auf ihren Gliedern kalter Schweiß;  
Nicht faul ward ihr Gebein.  
Und immer sah ihr Aug' mich an  
Mit geisterhaftem Schein. 255

Zur Hölle schleppen kann der Fluch,  
Den eine Waise spricht;  
Doch schreckenvoller ist der Fluch  
Auf Toter Angesicht; 260  
Ich sah ihn sieben Tage lang,  
Doch sterben konnt' ich nicht.

In seiner Einsamkeit und  
seinem Starren sehnt er sich  
nach dem wandernden Monde  
und den Sternen, die da weilen  
und dennoch sich bewegen; –  
allerwegen ist der Himmel ihr  
Eigentum und ihre bestimmte  
Ruhstatt, ihr Vaterland  
und ihre eigene natürliche  
Heimat, die sie ohne Meldung  
beziehen, gleichwie Herren,  
die man sicher erwartete, und  
ist doch eine geheime Freude  
bei ihrer Ankunft.

Und wiederum ging auf der Mond,  
Zur Seit' ihm wen'ge Sterne;  
Er schwebte klar und mildiglich  
Durch die blaue Himmelsferne. 265

Sein Strahl beschien die schwüle Flut,  
Als ob sie Reif bedeckte;  
Doch, wo des Schiffes Schatten lag,  
Da, vor wie nach, so Nacht wie Tag,  
Die rote Flamme leckte. 270

Beim Lichte des Mondes  
sieht er Gottes Kreaturen der  
großen Windstille.

Und in des Schiffes Schatten sah  
Ich große Wasserschlangen;  
Sie schlängeln sich in weiter Spur;  
Wenn sie sich bäumen, sind sie nur  
Mit flockigem Feu'r umhangen. 275

Und in des Schiffes Schatten gern  
Sah ich ihr blitzend Fell,  
Wie Sammet schwarz und blau und grün;  
Sie schwimmen her, sie schwimmen hin,  
Die Spur wie Gold so hell. 280

Ihre Schönheit und ihr Glück.  
Er preist sie glücklich in  
seinem Herzen.

O, glücklich ihr; wie schön ihr seid,  
Sagt eine Zunge nie!  
Und Liebe quoll im Busen mir,  
Und glücklich pries ich sie; 285  
Mein Heiliger erbarmte sich,  
Und glücklich pries ich sie.

Der Zauber fängt an,  
gebrochen zu werden.

Zur Stunde konnt' ich beten dann!  
Von meinem Halse frei  
Fiel da der Albatros und sank  
Ins Meer, so schwer wie Blei. 290

## FÜNFTER TEIL

- O Schlaf, du bist so süß, so süß!  
Geliebt von Pol zu Pol!  
Maria! dir sei Preis und Dank,  
Daß Schlaf auf meine Wimpern sank! 295  
Du gabst ihn mir ja wohl!
- Durch die Gnade der seligsten  
Jungfrau wird der alte  
Matrose mit Regen erfrischt
- Mir träumte: Alle Eimer rings  
Auf des Verdeckes Feld,  
Sie wären kühlen Taus voll.  
Wach werd' ich – Regen fällt! 300
- Die Lippen naß, der Gaumen naß,  
Die Kleider – wahr ist's doch!  
Im Traume trank ich sicherlich,  
Und trinke, trinke noch.
- Ich geh' und fühl' die Glieder kaum! 305  
Heb' mich so leicht empor!  
Bin ich im Schlaf gestorben denn  
Und in der Sel'gen Chor?
- Er hört Töne und sieht  
seltsame Gesichte und  
Bewegungen am Himmel und  
auf dem Wasser.
- Und einen Wind drauf hört' ich wehn,  
Doch ferne blieb sein Brausen! 310  
Die Raa'n und Taue regen sich,  
Die dürren Segel sausen.
- Lebendig wird die obre Luft,  
Und Feuerflaggen zischen.  
Sie zischen auf und ab, voll Graus, 315  
Und aus und ein, und ein und aus;  
Die Sterne glühn dazwischen.
- Und näher drauf erbraust der Wind;  
Wie Binsen seufzen welk  
Die Segel; Regen strömt herab 320  
Aus donnerndem Gewölk.
- Geborsten klafft's mit weitem Spalt,  
Des Mondes finstrer Sitz;  
Und wie ein Fluß in Tales Schoß  
Vom Felsen stürzt, fällt zackenlos 325  
Ein Glutstrom Blitz auf Blitz.

Die Leiber der  
Schiffsmannschaft werden  
beseelt, und das Schiff  
bewegt sich fort.

Nicht kommt der laute Wind ans Schiff!  
Doch vorwärts geht es immer;  
Die toten Menschen stöhnen dumpf  
Bei des Blitzes fahlem Schimmer. 330

Sie stöhnen, regen, heben sich,  
Doch blicken, reden nicht!  
Wie seltsam, Tote leben sehn,  
Selbst wär's ein Traumgesicht!

Und weiter zieht das Schiff, bewegt 335  
Von keines Windes Kraft;  
Die Mannschaft klimmt im Takelwerk,  
Treibt, was sie sonst geschafft.  
Sie regen gleich Maschinen sich;  
O, schrecklich, schauderhaft! 340

Der Leib von meines Bruders Sohn,  
Knie an Knie, stand neben mir dort;  
Wir zogen beid' an einem Seil,  
Doch sagt' er mir kein Wort. –“

Aber nicht durch die Seelen  
der Menschen, noch durch  
Dämonen der Erde oder  
mittleren Luft, sondern  
durch eine nahm selige  
Schar englischer Geister,  
herabgesandt durch die  
Anrufung des Schutzheiligen.

„Ich fürcht' dich , alter Schiffsgesell! –‘ 345  
„Gast, ruhig immerdar! –  
Denn nicht Verdammter Seele nahm  
Den Körper wieder ein; nur kam  
Beglückter Geister Schar!

Beim Morgenraun sinkt schlaff ihr Arm; 350  
Den Mast umringen sie;  
Und von der Toten Lippen süß  
Tönt Himmelsmelodie.

Die Töne ziehn zur Sonn' empor,  
Die licht im Osten flammt; 355  
Dann kehren langsam sie zurück,  
Bald einzeln, bald gesamt.

Bald war es mir, als zwitscherte  
Die Lerche auf dem Meer;  
Dann glaubt' ich, alle Vögelein, 360  
Die es nur gibt, so groß wie klein,  
Sie sängen rings umher.

- Jetzt klingt es süß wie Flötenlaut,  
Jetzt wie Orchesterrauschen;  
Jetzt ist es eines Engels Lied, 365  
Dem selbst die Himmel lauschen.
- Es schweigt; doch tönt das Segelwerk  
Bis Mittag säuselnd nach,  
Wie in dem laub'gen Junimond  
Ein grasversteckter Bach, 370  
Der die ganze Nacht dem schlafenden Wald  
Ein Lied singt, selbst noch wach.
- Und ruhig segelte das Schiff –  
Kein Lüftchen trieb's im Lauf –  
Bis Mittag, denn getrieben ward's, 375  
Bewegt von unten auf.
- Gehorsam der Engelschar,  
treibt der einsame Geist vom  
Südpol das Schiff bis an die  
Linie, fordert aber doch noch  
Rache.
- Neun Faden tief wohl unterm Kiel  
Vom Schnee- und Nebelland  
Folgt uns der Geist und treibt das Schiff  
Mit unsichtbarer Hand; 380  
Das Schiff steht still; bis Mittag nur  
Säuselt die Leinwand!
- Die Sonne, lotrecht überm Mast,  
Schaut meerwärts ohne Regung;  
Doch plötzlich rührt und regt sie sich 385  
Mit zitternder Bewegung;  
Schießt vorwärts, rückwärts unruhvoll  
Mit zitternder Bewegung.
- Dann plötzlich, wie ein scheuend Roß,  
Prallt sie zur Seite wieder! 390  
Das Blut schoß mir ins Angesicht:  
In Ohnmacht sank ich nieder.
- Ich weiß es nicht, wie lang ich dort  
Gelegen ohne Leben;  
Doch, als noch Dunkel mich umzog, 395  
Da hört' ich in den Lüften hoch  
Zwei Stimmen sich erheben.
- Die Mitdämonen des  
Geistes vom Südpol, die  
unsichtbaren Bewohner des  
Elementes, nehmen teil an  
seiner Kränkung; und zwei  
von ihnen erzählen sich, der  
eine dem anderen, daß eine  
lange und schwere Buße für  
den alten Matrosen dem  
Geiste vom Pol bewilligt ist,  
welcher südwärts heimkehrt.
- Sagt eine: Sprich, bei Christi Blut,  
Ist dies der Schiffsgenoß?  
Harmlosen Vogels Herzblut trank 400  
Sein grausam Pfeilgeschoß.



Der Geist im Schnee- und Nebelland  
War hold dem Albatros,  
Und auch der Vogel liebte den,  
Der grausam ihn erschöß. 405

Die andre Stimm' ist sanft und süß,  
Wie Honigtau so süß;  
Sie spricht: Der Mann tat Buße schon  
Und büßt noch mehr gewiß!

### SECHSTEL TEIL

Der Matrose ist in eine  
Verzückung entrückt gewesen;  
denn die englische Macht läßt  
das Schiff schneller nordwärts  
treiben, als Menschenleben  
ertragen könnte.

ERSTE STIMME  
DOCH nun sprich weiter! rede fort,  
Daß deine Stimm' ich hör'!  
Wer treibt gen Norden jenes Schiff?  
Was macht das blaue Meer? 410

ZWEITE STIMME  
Noch wie ein Sklav' vor seinem Herrn  
Liegt still der Ozean;  
Mit seinem großen Auge sieht  
Schweigend den Mond er an – 415

Ob er auch wisse, wohin er fließe;  
Das Meer ja lenkt er immer!  
Sieh, Bruder, sieh doch, wie das Meer  
So milde grüßt sein Schimmer! 420

ERSTE STIMME  
Doch wie eilt ohne Flut und Wind  
Das Schiff durchs blaue Meer?

ZWEITE STIMME  
Die Lüfte schließen sich hinter ihm,  
Sind vor ihm nimmermehr! 425

Fleuch, Bruder! kommen sonst zu spät!  
Fleuch höher, höher, Lieber!  
Nur träg zum Ziel schwimmt jener Kiel,  
Wenn des Seemanns Traum vorüber.

|  |  |     |
|--|--|-----|
| Der übernatürlichen Bewegung<br>geschieht Einhalt; der<br>Matrose erwacht und seine<br>Buße beginnt von neuem. | Ich wurde wach; wir segelten,<br>Nichts hemmte des Schiffes Lauf;<br>Die Nacht war still, der Mond stand hoch,<br>Die Toten standen zuhauf.  | 430 |
|  | Die lägen besser auch im Sarg;<br>Umstehn mich allzumal<br>Und sehn mit glas'gem Aug' mich an;<br>Drin blitzt des Mondes Strahl.   | 435 |
|  | Der Fluch, mit dem sie starben, zuckt<br>Noch auf dem Angesicht;<br>Mein Auge sah das ihre an,<br>Doch beten konnt' ich nicht.   | 440 |
|  | Und wieder schaut' ich hin aufs Meer,<br>Auf seine Flut, so grün;<br>Und spähet, doch sah ich nichts,<br>Als was ich sah vorhin.   | 445 |
|  | Ich stand wie einer, dem im Wald<br>Auf dunklem Pfade graut;<br>Der immer, immer vorwärts eilt<br>Und nimmer rückwärts schaut;<br>Er weiß, ein Feind ist hinter ihm;<br>Sein Herz schlägt bang und laut. | 450 |
| Der Fluch ist endlich gesühnt.   | Da rauschte Windeswehn mich an,<br>Es wehte leise her;<br>Ich wußte nicht, woher es kam,<br>Nicht kräuselt' es das Meer.   | 455 |
|  | Es hob mein Haar; wie Lenzeshauch<br>Umspielt' es meine Wangen.<br>Mir war so bang, doch kühlt' es mich,<br>Als wollt's mich froh empfangen.   |     |
|  | Schnell wohl, schnell wohl flog das Schiff,<br>Und doch so sanft, so leicht!<br>Leise, leise blies der Wind –<br>Nur mich sein Wehn erreicht.  | 460 |
| Und der alte Matrose sieht<br>sein Heimatland.   | O Freudentraum! ist dies fürwahr<br>Des Leuchtturms graue Wand?<br>Ist dies die Kirch', ist dies der Berg?<br>Ist dies mein Heimatland?  | 465 |

- Und schluchzend fleht' ich, als wir nun  
Durchsegelten den Hafen:  
O, laß mich bald erwachen, Gott!  
Sonst laß mich immer schlafen. 470
- Hell war, wie Glas, des Hafens Bucht  
Und klar die Flut des glatten;  
Und auf der Bucht lag Mondenschein  
Und auch des Mondes Schatten. 475
- Der Fels schien hell, die Kirche hell,  
Die sich auf ihm erhebt;  
Der Mond beschien den Wetterhahn,  
Der auf der Kirche schwebt.
- Die englischen Geister  
verlassen die toten Leichname. Ein schweigend Licht umfloß die Bucht;  
Da hoben sich Gestalten!  
Es waren Schatten allzumal;  
Rot ihre Kleider wallten. 480
- Nicht fern vom Gallione war's,  
Wo ich die Schatten sah; 485  
Da schaut' ich wieder aufs Verdeck –  
O Gott, was sah ich da!
- Und erscheinen in ihren  
eigenen Lichtgestalten. Am Boden flach lag jeder Leib,  
Und, bei des Kreuzes Zeichen!  
Helleuchtend standen Seraphim  
Rings auf den blassen Leichen. 490
- Sie winken mir wohl für und für;  
O himmlisches Gesicht!  
Sie leuchten weit aufs Ufer hin,  
Umstrahlt von süßem Licht. 495
- Sie winken mir wohl für und für;  
Sie sprechen nicht – o Lust!  
Ihr Schweigen sinkt wie Melodie  
Mir in die wunde Brust.
- Und bald vernehm' ich Ruderschlag; 500  
Horch, des Piloten Gruß!  
Von selber wendet sich mein Haupt –  
Ein Boot an Schiffes Fuß!

Der Lotse und des Lotsen Sohn,  
Die rühren sich im Boote; 505  
Gott, welche Freude! großer Gott!  
Die stören doch nicht Tote!

Ein dritter noch: der Siedler ist's!  
Horch, seine Stimme schallt!  
Laut singt er seinen Lobgesang, 510  
Den er gemacht im Wald.  
Des Vogels rotes Blut wäscht er  
Von meinen Händen bald.

### SIEBTE TEIL

Der Siedler des Waldes

DER Siedler lebt im grünen Wald,  
Im Walde dort am Meer. 515  
Mit lauter Stimme lobt den Herrn  
Sein Mund; mit Schiffern spricht er gern,  
Die ferne kommen her.

Auf hartem Kissen kniet er nachts,  
Am Mittag und am Morgen; 520  
Das Kissen ist ein Eichenstumpf,  
Der ganz in Moos verborgen.

Nähert sich dem Schiffe mit  
Verwunderung.

Das Boot kommt nah; sie sprechen laut:  
Beim Himmel, wunderbar!  
Wo ist der Feuerzeichen Glut, 525  
Die hell hier leuchtend war?

Der Siedler sagte: Seltsam, traun!  
Nicht tönt mit frohem Schall  
Ihr Gruß zurück; die Planken dürr  
Und dürr die Segel all; 530  
Sie scheinen Laubgerippen gleich,  
Die an des Bergstroms Fall

Runzlig um meine Klause wehn,  
Wenn der Sturm am Brausen ist,  
Wenn unterm Schnee die Waldung ächzt, 535  
Wenn die Eul' zu des Wolfes Heulen krächzt,  
Der der Wölfin Junge frißt.

|  |   |                |
|--|---|----------------|
|  | Der Lotse sagte: Wie das Schiff<br>So schrecklich uns ansieht!<br>Ich fürchte mich! – Frisch, rudre zu!<br>Sprach froh der Eremit.  | 540            |
|  | Und näher, näher kam das Boot;<br>Still war ich, sprach kein Wort.<br>Das Boot kam dicht ans Schiff heran –<br>Da, welch ein Ton schallt dort!  | 545            |
| Das Schiff geht plötzlich<br>unter.  | Unter dem Wasser rollt es dumpf;<br>Donnernd durchzieht's die Bai,<br>Es kommt ans Schiff, es spaltet die Bucht;<br>Das Schiff geht unter wie Blei.   |                |
| Der alte Matrose wird in des<br>Piloten Nachen gerettet.   | Vom fürchterlichen Schall betäubt,<br>Dem Erd' und Himmel krachen,<br>Trieb schwimmend auf den Wellen ich,<br>Starr, zwischen Schlaf und Wachen;<br>Drauf, wie im Traume, fand ich mich<br>In des Piloten Nachen. | 550<br><br>555 |
|  | Und auf dem Strudel, wo das Schiff<br>Versank, kreist ungestüm<br>Das Boot, verklungen ist der Ton;<br>Der Berg nur spricht von ihm.  |                |
|  | Die Lippen rührt' ich; der Pilot<br>Schrie auf und sank zurück;<br>Der fromme Siedler betete<br>Und hob empor den Blick.  | 560            |
|  | Ich ruderte; des Lotsen Sohn –<br>Noch wandelt' er im Wahn<br>Des Irrseins – lachte, sah mich stier<br>Mit wilden Augen an;<br>Ha, ha! sprach er, nun seh' ich, wie<br>Der Teufel rudern kann!                    | 565            |
|  | Und jetzt in meinem Heimatland<br>Betret' ich Strandes Höhn;<br>Der Siedler aus dem Nachen steigt,<br>Kann kaum noch aufrecht stehn.  | 570            |
| Der alte Matrose bittet den<br>Siedler ernstlich, ihn zu<br>entsündigen, und es trifft ihn<br>die Buße fürs Leben. | Entsünd'ge mich! entsünd'ge mich!<br>Trat ich den Siedler an.<br>Der schlug des Kreuzes Zeichen erst:<br>Was bist du für ein Mann?<br>Da bebte Angst durch mein Gehirn,   | 575            |

|   |  |     |
|---|--|-----|
|   | Angst, fürchterlich und groß;<br>Was mir begegnet, sagt' ich ihm,<br>Da ließ die Angst mich los.   | 580 |
|   | Und oft noch kehrt seit jener Zeit<br>Zurück die Angst, der Schmerz;<br>Eh' ich das Gräßliche gesagt,<br>Brennt in mir dieses Herz.  | 585 |
| Denn immer und immer,<br>durch sein ganzes künftiges<br>Leben zwingt ihn eine innere<br>Angst, von Land zu Land zu<br>reisen. | Und wie die finstre schwarze Nacht<br>Eil' ich landaus, landein;<br>Und am Gesicht kenn ich den Mann,<br>Der meine Mär vernehmen kann,<br>Er muß mein Hörer sein.                                  | 590 |
|   | Welch ein Tumult erhebt sich dort?<br>Die Gäste sind dort all'!<br>Und, horch! im Garten singt die Braut<br>Und ihre Mädchen all'!<br>Und, wieder horch! zum Beten ruft<br>Der Abendglocke Schall! | 595 |
|   | O Hochzeitsgast, ich war allein<br>Auf weiter, weiter See!<br>So einsam war's, ich fühlte kaum<br>Des guten Gottes Näh'.   | 600 |
|   | Und süßer, glaub, als Hochzeit ist's,<br>Kann besser mir gefallen,<br>Kann ich an guter Leute Hand<br>Zu Gottes Kirche wallen!   |     |
|   | Kann ich zu Gottes Kirche gehn<br>Zum brünstigen Gebet,<br>Wo alles, Kind und Mann und Greis,<br>Wo Jüngling, Mädchen, Ihm zum Preis,<br>Zu Ihm dem Vater fleht.                                   | 605 |
| Und durch sein eigen<br>Beispiel, Liebe und Ehrfurcht<br>gegen alle Dinge zu lehren,<br>die Gott gemacht hat und<br>liebt.    | Leb wohl, leb wohl, du Hochzeitsgast!<br>Doch dieses sag' ich dir:<br>Der betet gut, wer Liebe hegt<br>Für Vogel, Mensch und Tier!   | 610 |
|   | Der betet gut, wer Liebe hegt<br>Für alle, groß und klein!<br>Gott, der uns schuf, der liebt uns all',<br>Will allen Vater sein.“  | 615 |

Der Seemann mit dem grauen Bart  
Und mit dem hellen Blick,  
Er geht; und auch der Hochzeitsgast **620**  
Kehrt ernst nach Haus zurück.

Er ging, wie ein Betäubter geht,  
Als drückten schwer ihn Sorgen,  
Ein ernst'rer Mann, ein weis'rer Mann  
Erhob er sich am Morgen. **625**



## LA RIMA DEL ANCIANO MARINERO

Trad. José María Martín Triana, 1982

### PARTE I

Un anciano marinero  
encuentra a tres galanes  
invitados a una boda y  
detiene a uno.

Es un anciano marinero,  
de tres mozos a uno detiene.  
—Por tu larga barba gris y ojos brillantes,  
¿por qué, pues, a mí me detienes?

«De par en par las puertas del hogar del novio,  
y yo soy el pariente más cercano;  
han llegado los invitados y la fiesta está lista:  
oír puedes la alegre jarana.»

5

El invitado es hechizado por  
los ojos del viejo marinero y  
se ve obligado a escuchar  
su cuento.

Con su mano flaca le sujeta.  
—Había un barco, dijo él.  
—¡Quédate ahí, suéltame, bribón de barba gris!  
Y, en seguida, caer dejó la mano.

10

Con los ojos brillantes le sujeta...  
El invitado se quedó quieto,  
y escucha como un niño de tres años:  
así hace su voluntad el marinero.

15

Sobre una piedra sentóse el invitado:  
otra cosa no puede hacer sino escuchar;  
y así habló el anciano hombre,  
el marinero de ojos brillantes.

20

—Aclamado fue el barco, atrás el puerto,  
alegremente pasamos  
por debajo de la iglesia, bajo la colina,  
por debajo del tejado del faro.

El marinero narra cómo el  
barco navegó hacia el sur con  
buen viento y hermoso clima,  
hasta que llegó al Ecuador.

«El sol salía por la izquierda,  
del mar él salía.  
Y brillaba reluciente, y por la derecha  
al mar se volvía.

25

»Más alto y más alto cada día,  
hasta encontrarse sobre el mástil al mediodía...»  
Entonces el invitado se golpeó el pecho  
porque escuchó el ruidoso fagot.

30



- El invitado escucha a música nupcial; pero el mariner continúa su cuento.
- La novia ha entrado en la iglesia,  
sonrosada como una rosa está;  
saludando con la cabeza ante ella van  
los alegres trovadores. 35
- El invitado se golpea el pecho,  
pero otra cosa no puede hacer sino escuchar;  
y así continuó el anciano hombre,  
el marinero de ojos brillantes. 40
- El barco es arrastrado por una tormenta hacia el Polo Sur.
- Y entonces llegó la ráfaga de la tormenta,  
y era poderosa y tiránica:  
golpeó con sus alas atrapadoras,  
y nos persiguió hacia el sur.
- «Con mástiles inclinados y proa sumergida,  
como quien perseguido con gritos y golpes,  
aún pisa la sombra de su enemigo,  
y hacia adelante inclina la cabeza,  
el barco raudo andaba, fuerte rugía el viento,  
y hacia el sur siempre huímos. 45
- La tierra del hielo y de los espantosos ruidos, donde no se vela cosa viviente.
- »Y juntas llegaron niebla y nieve  
e hizo un frío asombroso:  
y el hielo, alto como el mástil, llegó flotando,  
tan verde como la esmeralda.
- »Y en medio de las corrientes los acantilados nevados  
enviaban un resplandor lúgubre:  
ni formas de hombres ni de bestias vimos...  
El hielo nos rodeaba. 55
- »Había hielo por aquí, había hielo por allí,  
había hielo por todas partes:  
crujía y gruñía, y rugía y aullaba,  
como los ruidos que oímos en un desmayo. 60
- Hasta que una gran ave llamada albatros llegó a través de la niebla y la nieve y fue recibida con gran júbilo y hospitalidad.
- »Por fin llegó un albatros:  
a través de la niebla vino;  
como si fuera un alma cristiana,  
en nombre de Dios le saludamos. 65
- »Comió la comida que nunca había comido,  
y voló dando vueltas y vueltas.  
El hielo se quebró con la convulsión del trueno;  
por allí, el timonel nos guió. 70

Y ved que el albatroz es un pájaro de buen agüero y sigue al barco, mientras volvía al Norte, entre la niebla y los hielos flotantes.

»Y un buen viento del sur se levantó por detrás;  
el albatros nos seguía,  
y cada día, por comida o diversión,  
acudía al saludo del marinero.

»Con nieblas o nubes, sobre mástil u obenques,  
se posó durante nueve atardeceres;  
mientras todas las noches, entre el blanco humo  
de la niebla,  
rielaba la blanca luz de la luna.»

75

El anciano mariner,  
Inhospitalariamente, Mata  
el piadoso Pájaro de buen  
agüero.

«— ¡Dios te salve, anciano marinero,  
de los demonios que así te atormentan!  
Pero, ¿por qué me miras así? —Con mi ballesta  
muerte di al albatros.

80

## PARTE II

»Entonces el sol surgió por la derecha:  
del mar él salía,  
aún escondido en la niebla, y por la izquierda  
al mar se volvía.

85

»Y el buen viento del sur soplando seguía detrás,  
pero ningún dulce pájaro nos seguía,  
ni ningún día por comida o diversión  
acudía al saludo del marinero.

90

Y sus compañeros, ociferan  
contra el anciano mariner  
por haber matado al pájaro  
de buen agüero.

»Yo había hecho algo diabólico  
que les acarrearía desgracia:  
pues todos afirmaban que había matado al ave  
que hizo que la brisa soplase.  
— ¡Ah, miserable!, decían, por matar al ave  
que hizo que la brisa soplase.

95

Pero cuando despeja la  
niebla, lo justifican y así se  
convierte en cómplices del  
crimen.

»Ni oscuro ni rojo, como la misma cabeza de Dios,  
ascendió el sol glorioso;  
entonces todos afirmaron que yo había matado al ave  
que trajo la niebla y la bruma.  
—Hizo bien, decían, en matar a tal ave  
que trae la niebla y la bruma.

100

Continua la Buena brisa;  
el barco entra en el océano  
Pacífico y navega rumbo  
al Norte, hasta que llega al  
Ecuador. De pronto, el barco  
se detiene.

»Sopló la buena brisa, corrió la blanca espuma,  
siguió libre la estela;  
éramos los primeros que jamás irrumpieran  
en aquel mar callado.

105

89

- »Se detuvo la brisa y las velas cayeron,  
era tan triste como triste podía ser;  
y sólo hablábamos para romper  
el silencio del mar. 110
- »En un cielo caliente y cobrizo,  
a mediodía, el sol maldito.  
Sobre el mástil se erguía,  
no mayor que la luna. 115
- »Día tras día, día tras día,  
aguantamos, sin movimiento ni soplo:  
tan ociosos como un barco pintado  
sobre un pintado océano.
- Y el albatross empieza a ser  
vengado. »Agua, agua, por todas partes,  
y todas las provisiones se redujeron;  
agua, agua, por todas partes,  
para beber ni una gota. 120
- »El mismo abismo se corrompía: ¡Oh, Cristo!  
¡Que tal cosa llegase a suceder!  
Si, seres resbalosos se arrastraban con sus patas  
por aquel mar resbaloso. 125
- »En círculos, en círculos, en rondas y agitados  
de noche danzaban los fuegos de San Telmo;  
el agua, como aceite de brujas,  
verde, azul y blanco, ardía. 130
- Un espíritu los seguía; uno  
de los invisibles habitantes  
de este planeta, que no son  
ni almas que se han ido ni  
ángeles sobre los que se puede  
consultar a Josefo, el sabio  
judío, y a Miguel Psellus, el  
platónico de Constantinopla.  
Son muy numerosos, y no  
hay clima ni elemento que  
no cuente con uno o más de  
estos espíritus.
- Y a algunos, en sueños, les afirmaban  
del espíritu que así nos infectaba:  
a nueve brazas en el abismo nos seguía  
desde la tierra de la niebla y la nieve. 135
- »Y cada lengua, o aquella sed total,  
marchitóse de raíz.  
Hablar no podíamos, no más que si  
el hollín nos hubiera ahogado.
- Los compañeros, en su dura  
calamidad, estaban dispuestos  
a cargar toda la culpa sobre el  
anciano marinero, en señal  
de lo cual le cuelgan el ave  
muerta alrededor del cuello.
- »¡Ah! ¡Ay de mí! ¡Qué malditas miradas  
recibía de jóvenes y viejos!  
En vez de la cruz, el albatross  
colgaron de mi cuello.» 140

## PARTE III

- El anciano marinero contempla una señal en el panorama lejano.
- «Pasó un tiempo abrumado. Cada garganta estaba reseca y vidrioso cada ojo. ¡Un tiempo abrumado! ¡Un tiempo abrumado! Cuán vidrioso cada ojo abrumado; cuando mirando al poniente contemplé un algo en el firmamento.
- 145
- »Al principio pareció una mancha muy pequeña y luego pareció niebla; se movía y movía y, por fin, comprendí que tomaba una cierta forma.
- 150
- »¡Una manchita, niebla, una forma, comprendí! y cada vez más y más se acercaba: como si eludiese a una ondina, se sumergía y viraba y giraba.
- 155
- A medida que se acerca, le parece un barco, y ante el ansiado rescate, libera su lengua de las ataduras de la sed.
- »Con gargantas apagadas, con negros labios quemados, no podíamos ni reír, ni levantarnos; por la total sed todos mudos estábamos. Me mordí el brazo, chupé la sangre, y grité: —¡Una vela! ¡Una vela!
- 160
- Un relámpago de júbilo.
- »Con gargantas apagadas, con negros labios quemados, boquiabiertos me oyeron gritar: ¡Gracias, Dios mío! Qué muecas de júbilo, y de pronto todos el aliento recobraron, como si todos ya bebiesen.
- 165
- Y sigue el horror, porque, ¿cómo puede haber un barco que avance sin viento ni marea?
- »¡Mirad! ¡Mirad! (grité) ¡Ya no vira! Hacia aquí viene para nuestro bien; sin una brisa, sin una marea, con quilla erguida se afianza!
- 170
- »¡La ola del poniente era toda fuego, el día casi se había acabado! Casi sobre la ola del poniente, descansaba el ancho y brillante sol; cuando esa extraña forma, de pronto, se interpuso entre sol y nosotros.
- 175
- No le parece otra cosa sino el esqueleto de un barco.
- »Y con barrotes manchado vióse el sol (¡Madre del Cielo, danos tu gracia!) Como si desde la reja de un calabozo mirase Con ancho y ardiente rostro.
- 180

- Y sus costillas la ve como barrotos sobre el rostro del sol poniente. La mujer espectro y su compañera-muerte, y nadie más a bordo del barco-esqueleto.
- » ¡Ay (pensé, y el corazón me latía con fuerza),  
cuán rauda se acerca y acerca!  
¿Son esas sus velas que fulguran al sol,  
como telarañas agitadas? 185
- » ¿Son esas sus costillas, por las que el sol  
escrutábanos, como desde una reja?  
¿Y es esa mujer toda su tripulación?  
¿Es esa la muerte? ¿O son dos, acaso?  
¿Es la muerte la compañera de esa mujer? 190
- ¡Como navio, como tripulación!
- » Sus labios eran rojos; sus miradas, desenvueltas;  
sus rizos, amarillos eran como el oro;  
su piel era tan blanca como la lepra,  
era la pesadilla de la Vida-en-Muerte,  
que espesa con frío la sangre del hombre. 195
- La muerte y la vida-en-la-muerte, se juegan a los dados la tripulación del barco, y la última gana al anciano marinero.
- » El desnudo casco nos pasó cerca,  
y la pareja arrojaba los dados:  
— ¡Acabó el juego! — ¡He ganado! ¡He ganado!  
Dijo ella, y silba tres veces.
- » El borde del sol se hunde; corren fuera las estrellas;  
con paso largo llega la penumbra;  
con murmullo escuchado de lejos, sobre el mar,  
huyó el barco-espectro. 200
- No hay crepúsculo dentro de los reinos del Sol.
- » Escuchamos y miramos al cielo y en torno  
Miedo en mi corazón, como de una taza,  
parecía chupar la sangre de mi vida. 205
- Al salir la Luna
- Oscuras estaban las estrellas y densa la noche,  
la cara del timonel, junto a su luz, blanca, destellaba;  
de las velas el rocío goteaba...  
Hasta que vi sobre la barra de estribor  
la luna creciente, con una estrella brillante  
cerca de su punta inferior. 210
- Unos detras de otros.
- » Uno tras otro, bajo la luna seguida por la estrella,  
demasiado rápido para gemir o suspirar,  
cada uno volvió el rostro con un dolor horrible,  
y con sus ojos me maldijo. 215
- Sus compañeros caen muertos.
- » Cuatro veces cincuenta hombres vivos  
(y no escuché ni suspiro ni gemido),  
con pesado golpe, trozo sin vida,  
fueron cayendo uno a uno. 220

Aber Totenbraut beginnt ihr  
Werk an dem alten Matrosen.

»¡Las almas de sus cuerpos volaron,  
volaron a la bendición o al infortunio!  
iy cada alma me pasó por el lado,  
como<sup>1</sup> zumbido de mi ballista!«

#### PARTE IV

El invitado teme que sea un  
espíritu el que le hable:

—¡Te temo, anciano marinero!  
¡Temo tu flaca mano!  
Pues eres alto y delgado y atezado  
como los arenales, de surcos marcado,

225

Pero el anciano marinero le  
asegura que sigue vivo, y  
procede a relatar su horrible  
penitencia.

Te temo a ti y a tus ojos brillantes,  
a tu flaca mano, tan atezada.  
—No me temas, no me temas, invitado.  
Que este cuerpo no cayó.

230

«Solo, solo, siempre, siempre solo,  
solo en el ancho, ancho mar,  
y nunca un santo se apiadó  
de mi alma en agonía.

235

Menosprecia las criaturas de  
la calma.

»¡Tantos hombres, tan hermosos!  
Y todos muertos descansaban:  
y mil, mil seres resbalosos  
seguían viviendo, y yo también.

240

Y envidia que ellos vivan, y  
tantos hayan muerto.

»Miré al mar podrido  
y de él aparté los ojos;  
miré a la cubierta podrida,  
y allí los hombres muertos descansaban.

»Miré al cielo y traté de rezar;  
pero antes de que hubiera devanado una oración,  
oí un malvado murmullo, que hizo  
a mi corazón tan seco como el polvo.

245

»Cerré los párpados y cerrados los mantuve,  
y sus globos latían como pulsos;  
porque el cielo y el mar y el mar y el cielo  
yacían como un peso sobre mis ojos cansados,  
y los muertos estaban a mis pies.

250

<sup>1</sup> Me siento deudor de Mr. Wordsworth por los últimos versos de esta estrofa. Fue durante un delicioso paseo desde Nether Stowey hasta Dulverton, con él y su hermana, en el otoño de 1797, en que ideé este poema, y en parte lo compuse. (Nota del autor.)

- Pero la maldición sigue viva para él, en los ojos de los hombres muertos.      »De sus miembros se deshacía el sudor helado, no estaban podridos ni olían: la mirada con que me miraban nunca se desvanecía.      255
- »La maldición de un huérfano arrastraría al infierno a un espíritu desde las alturas; pero, ¡oh!, imás horrible que eso es la maldición de los ojos de un muerto! Siete días, siete noches, vi esa maldición, y sin embargo, morir no podía.      260
- En su soledad e inmovilidad suspira por la Luna y las estrellas, que quietas, viven y, sin embargo, se mueven, y en todas partes, el cielo azul les pertenece, y es su descanso señalado, y su país nativo, y su propio hogar natural, al que entran sin ser anunciadas, como señoras que son esperadas con certeza, y, no obstante, hay un júbilo callado con su llegada.      »La andante luna subió al cielo, y en ningún sitio se quedaba: suavemente seguía adelante, con una o dos estrellas a su lado...      265
- »Sus rayos se burlaban del mar tórrido, como abril esparce la blanca escarcha; pero donde la ancha sombra del barco reposaba, el agua hechizada ardía siempre con su constante y horrendo rojo.      270
- A la luz de la Luna, contempla las criaturas de Dios, de la gran calma.      »Más allá de la sombra del barco, observaba las serpientes marinas: movíanse en sendas de brillante blanco y cuando se alzaban, la luz fantástica caía en escamas blanquecinas.      275
- »A la sombra del barco observaba sus ricos atuendos: azul, refulgente verde y negro terciopelo; se enrollaban y nadaban; y cada senda era un relámpago de fuego dorado.      280
- Su belleza y felicidad      »¡Oh felices seres vivos! Ninguna lengua afirmar puede vuestra belleza: un manantial de amor saltaba de mi pecho, y yo las bendecía sin cuidado:      285
- Las bendisse de corazón.      sin duda mi buen patrón de mí se apiadaba, y yo las bendecía sin cuidado.
- El hechizo empieza a romperse.      »En el mismísimo momento pude rezar; y de mi cuello, muy libre, cayó el albatros, y se hundió como plomo en el mar.»      290

## PARTE V

- «¡Oh, el sueño es cosa amable,  
querida de polo a polo!  
¡Ofrezcamos la loa a María reina! 295  
Ella envió el amable sueño desde el cielo,  
que se escabulló dentro de mi alma.
- Por l agracia de la Santa  
Madre, el anciano marinero  
se refresca con la lluvia.
- »Los sencillos cubos de cubierta,  
que tanto habían sobrado  
soñé que llenos estaban de rocío, 300  
y, cuando me desperté, llovía.
- »Mojados estaban mis labios; mi garganta, fría;  
todas mis ropas, húmedas;  
seguro estaba de haber bebido en sueños,  
y aún mi cuerpo bebía. 305
- »Me moví y no pude sentir mis miembros:  
era tan ligero... Casi  
pensé que había muerto en el sueño,  
y era un fantasma bandito.
- Oye sonidos y ve extrañas  
visiones y movimientos en el  
cielo y los elementos.
- »Y pronto oí un viento rugiente: 310  
no venía de cerca;  
pero con su sonido estremeció las velas,  
que tan delgadas eran y gastadas estaban.
- »¡El aire arriba estallaba de vida!  
¡Y el resplandor de cien banderas de fuego,  
de un lado a otro muy acuciadas! 315
- Y de un lado a otro y de fuera a adentro,  
entre ellas bailaban las pálidas estrellas.
- »Y el viento que se acercaba rugía con más fuerza,  
y las velas suspiraban como juncias; 320  
y cayó la lluvia de una nube negra;  
en su borde estaba la luna.
- »Hendióse la espesa nube negra y aún  
la luna seguía a su lado:  
como aguas lanzadas desde un alto peñasco, 325  
el rayo cayó sin nunca mellarse,  
escarpado y ancho río.
- Los cadáveres de la tripulación  
del barco cobran vida y el  
barco comienza a moverse.
- »¡El fuerte viento nunca alcanzó al barco,  
sin embargo, entonces el barco se movió!  
Bajo el rayo y la luna, 330  
los muertos dieron un gemido.



»Gimieron, se agitaron, todos se levantaron,  
ni hablaron ni movieron sus ojos;  
hasta en el sueño, hubiera sido extraño  
ver a aquellos muertos levantarse. 335

»El timonel guiaba, el barco avanzaba;  
sin embargo, nunca sopló ninguna brisa;  
todos los marineros empezaron a faenar con las cuerdas;  
desde donde estaban acostumbrados a hacerlo;  
elevaron sus miembros como herramientas sin vida: 340  
éramos una tripulación espectral.

pero no gracias a las almas  
de los hombres ni a los  
demonios de la Tierra o del  
aire intermedio, sino por una  
bendita turba de espíritus  
angélicos, enviados por la  
invocación del santo patrón.

»El cadáver del hijo de mi hermano  
estaba junto a mí, rodilla con rodilla:  
el cadáver y yo tirábamos de una cuerda  
pero no me decía nada.» 345

—¡Te temo, anciano marinero!  
—Cálmate, invitado!  
No eran aquellas almas que volaron en pena,  
las que a sus cuerpos de nuevo volvían,  
sino una turba de espíritus benditos: 350

Pues al amanecer dejaron caer sus brazos,  
y apiñáronse alrededor del mástil;  
de sus bocas, lentamente, se elevaron dulces sonos,  
y de los cuerpos de los muertos huyeron.

»Alrededor, alrededor voló cada dulce son,  
y luego hacia el sol se lanzaba:  
lentamente los sonos de nuevo volvían,  
ora mezclados, ora uno a uno. 355

»A veces, cayendo del cielo,  
oía cantar a la alondra; 360  
a veces a todos los pajarillos que existen,  
icómo parecían llenar el mar y el aire  
con su dulce guirigay!

»Y luego eran como todos los instrumentos,  
y luego como una flauta solitaria, 365  
y luego era una canción angélica,  
que enmudeciera al cielo.

»Cesó, sin embargo, aún las velas hicieron  
sua agradable sonido hasta mediodía,  
un ruido como de arroyo escondido 370  
en el frondoso mes de junio,  
que a los dormidos bosques todas las noches  
cantase una sosegada melodía.

El espíritu solitario del Polo Sur lleva al barco hasta el Ecuador, obedeciendo a la turba angélica, pero aún exige venganza.

Los demonios compañeros del espíritu polar, los habitantes invisibles de los elementos, toman parte en su daño; y dos de ellos se cuentan la penitencia larga y pesada que el espíritu polar ha otorgado al anciano arinero, mientras aquél regresa al Sur.

»Hasta el mediodía, calladamente, navegamos,  
sin embargo, nunca sopló ninguna brisa;  
lento y suavemente andaba el barco,  
movido hacia adelante desde abajo. 375

»Bajo la quilla, a nueve brazas de profundidad,  
desde la tierra de la niebla y la nieve,  
se deslizaba el espíritu: y era él  
Quien hacía que el barco avanzase. 380  
Las velas, al mediodía, dejaron su canto,  
y también quieto quedóse el barco.

»El sol, justamente sobre el mástil,  
lo había fijado al océano;  
pero en un minuto empezó a agitarse  
con un corto movimiento intranquilo:  
hacia atrás y adelante la mitad de su longitud  
con un corto movimiento intranquilo. 385

»Luego como un caballo piafador se encabrita,  
el barco dio un súbito salto:  
sentí que la sangre me subía a la cabeza,  
y caí en un desmayo. 390

»Cuánto tiempo en ese ataque estuve,  
no puedo afirmarlo: 395  
pero antes de que mi viva vida volviese  
escuché mi alma discernió  
dos voces en el aire.

»—¿Es él? Una decía: —¿Es éste el hombre?  
Por Él que murió en la Cruz 400  
con su cruel arco abatió para siempre  
al inofensivo albatros.

»El espíritu que solitario vive  
en la tierra de la niebla y la nieve,  
él amaba al pájaro que amaba al hombre 405  
que lo mató con su arco.

»La otra era una voz más suave,  
tan suave como la miel primera:  
dijo ella: -el hombre ha sufrido penitencia,  
y más penitencia tendrá que sufrir.» 410

## PARTE VI

«*Voz primera*

—Pero, dime, dime, habla de nuevo,  
renueva tu suave respuesta:  
¿qué hace que ese barco avance tan raudo?  
¿Qué está haciendo el océano?

415

»*Voz segunda*

—Callado como esclavo ante su señor,  
el océano no tiene ráfagas;  
su gran ojo brillante en el mayor silencio,  
hacia la luna está dirigido...

420

»Si él pudiera saber qué camino tomar,  
pues ella le guía en calma o torva.  
¡Mira, hermano, mira! Cuán graciosamente  
baja la vista y le mira.

El marinero ha caído en un enajenamiento, pues la fuerza angélica hace que la nave se dirija al Norte con una rapidez mayor que la que puede soportar la vida humana.

»*Voz primera*

—Pero, ¿qué empuja a ese barco tan raudo,  
sin mares y sin viento?

425

»*Voz segunda*

—Ante él se abre el aire  
y se cierra por detrás.

430

»¡Vuela, hermano, vuela! ¡Más alto, más alto!  
o llegaremos con retraso;  
pues cada vez más lento irá ese barco,  
cuando acabe el enajenamiento del marinero.

Se amaina el movimiento sobrenatural; el marinero se despierta y su penitencia comienza de nuevo.

»—Desperté y navegábamos,  
como con buen tiempo:  
era de noche, noche calmada, la luna estaba alta,  
y todos los muertos juntos seguían.

435

»Todos seguían juntos en la cubierta,  
y mejor hubieran estado en un calabozo sepulcral:  
y todos me clavaban con sus ojos de piedra,  
que a la luna brillaban.

440

»El tormento, la maldición, con que murieron,  
no había desaparecido:  
no podía apartar mis ojos de los suyos,  
ni, alzándolos, hacer que rezasen.

445

Finalmente, la maldición es  
expiada.

»Y entonces se quebró este hechizo: de nuevo  
vi el verde océano,  
y miré bastante lejos, sin embargo, poco vi  
que no fuera lo hasta entonces visto: 450

»Como alguien, que en solitario camino  
anda con miedo y temor,  
y tras volverse una vez, sigue adelante  
y no vuelve más la cabeza;  
pues sabe que un terrible demonio,  
los talones le va pisando. 455

»Pero pronto sobre mí sopló una brisa,  
que ni sonido ni movimiento hizo:  
su senda no estaba sobre el mar,  
ni en ondas ni en sombras. 460

»El pelo me levantó, me abanicó la mejilla  
como una brisa de primavera:  
mezclóse extrañamente con mis temores;  
sin embargo era como una bienvenida.

»Raudo, raudo volaba el barco, 465  
sin embargo, también suavemente navegaba:  
dulce, dulcemente soplabla la brisa:  
sobre mí solo soplabla.

Y el anciano marinero  
contempla su país nativo.

»¡Oh sueño de júbilo! ¿Es en realidad  
el tejado del faro que veo? 470  
¿Es ésta la colina? ¿Es ésta la iglesia?  
¿Es éste mi país nativo?

»Pasamos la barra del puerto,  
y yo con sollozos rezaba:  
¡Oh, que despierte, Dios mío!,  
o que duerma para siempre. 475

»La rada del puerto límpida estaba, cual cristal,  
itan lisamente extendida!  
Y sobre la rada estaba la luna,  
y la sombra de la luna. 480

»El peñón brillaba deslumbrante, no menos la iglesia  
que sobre el peñón está:  
la luz de la luna impregnaba en silencio  
la inmóvil veleta.

|  |   |     |
|--|---|-----|
| Los espíritus angélicos abandonan los cuerpos muertos. | »Y la rada estaba blanca de luz callada, hasta que de sí misma eleváronse muchas formas, que sombras eran, cubiertas de colores carmesíes.                                    | 485 |
| Y aparecen bajo sus propias formas luminosas.          | »A poca distancia de la proa estaban esas sombras carmesíes: volví los ojos a la cubierta: ¡oh, Cristo! ¡Lo que allí vi!  | 490 |
|  | »¡Cada cadáver estaba tieso, sin vida y tieso, y por la Santa Cruz!, ¡un hombre todo luz, un hombre seráfico sobre cada cadáver estaba!                                       | 495 |
|  | »En este grupo seráfico, cada uno movía una mano: ¡era una visión celestial! Eran como señales a la tierra, cada uno una luz hermosa;   | 500 |
|  | »en este grupo angélico, cada uno movía una mano, ninguna voz ellos daban; ninguna voz; pero, ¡oh!, se hundió el silencio como música en mi pecho.                            |     |
|  | »Pero pronto oí el golpe de los remos, oí el grito animado del piloto; giré, a la fuerza, la cabeza, y aparecer vi a un bote.   | 505 |
|  | »El piloto y el muchacho del piloto, oí que raudos se acercaban: ¡amado Señor de los Cielos! Era una alegría que los muertos no podían maldecir. »Vi a un tercero; oí su voz: | 510 |
|  | ¡es el buen ermitaño! Con alta voz canta sus himnos piadosos que escribe en el bosque. Me confesará el alma y lavará la sangre del albatros.»                                 | 515 |

## PARTE VII

- El ermitaño del bosque.      «Este buen ermitaño vive en ese bosque  
que baja hasta el mar.      520  
¡Cuán alto su voz se eleva!  
Le gusta hablar con marineros  
que llegan de lejanos países.
- »Se arrodilla por la mañana, y a mediodía, y de noche:  
tiene un cómodo almohadón:      525  
es el musgo que completamente esconde  
la podrida cepa del viejo roble.
- »Se acercaba el esquife: hablar les oía:  
—¡En verdad creo que esto es extraño!  
¿Dónde están esas muchas luces tan hermosas,      530  
que señal nos hicieron hace poco?
- Se acerca asombrado al barco.      «—¡Extraño es, por mi fe! Dijo el ermitaño:  
—¡Y no contestaron a nuestro saludo!  
Los tablones parecen deformados y, imirad esas velas,  
qué delgadas son y qué gastadas!      535  
Nunca vi nada como ellas,  
a menos que, por casualidad, no sean
- »pardos esqueletos de hojas que revisten  
todo el arroyo de mi bosque:  
cuando la nieve pesa sobre la hiedra      540  
y el joven búho chilla al lobo que, debajo,  
se come los cachorros de la loba.
- «—¡Dios mío! Tiene un aspecto diabólico...  
(replicó el piloto).  
—¡Miedo me dá...! ¡Adelante! ¡Adelante!  
Dijo el ermitaño animosamente.      545
- »El bote se acercó un poco más al barco,  
pero yo no hablé ni me moví;  
el bote se acercó junto al barco,  
y un sonido en seguida se oyó.      550
- De pronto, el barco se hundió.      »Bajo el agua retumbó,  
aún más fuerte y más terrible:  
llegó al barco, hendió la rada:  
y como plomo hundióse el barco.

- El anciano marinero se salva  
en le bote del piloto
- »Aturdido por aquel fuerte y terrible sonido,  
que cielo y océano golpearon,  
como alguien que lleva siete días ahogado,  
mi cuerpo quedó a flote;  
pero veloz como sueño, yo mismo me encontré  
dentro del bote del piloto. 555
- »Alrededor del remolino, que hundi6 al barco,  
el bote giraba una vez y otra;  
y todo estaba callado, salvo la colina  
que relataba el sonido. 560
- »Moví los labios: el piloto tembló  
y cay6 al suelo en un desmayo;  
el santo ermitaño elevó los ojos  
y rezó desde donde estaba sentado. 565
- »Tomé los remos: el muchacho del piloto,  
que ahora está loco,  
reía reciamente y mucho, y durante todo este rato  
sus ojos iban de un lado a otro.  
—¡Ja! ¡Ja!, decía, todo claro lo veo,  
bien que sabe remar el diablo. 570
- »Y entonces, ya en mi propio país,  
ime encontré en tierra firme!  
El ermitaño sali6 del bote  
y apenas podía sostenerse en pie. 575
- El anciano marinero le pide  
ansiosamente al ermitaño  
que le confiese, y se ve  
condenado a una penitencia  
para siempre.
- »—¡Oh, confíesame, confíesame, santo hombre!  
El ermitaño santigu6se la frente.  
—Habla pronto, dijo él, te ruego me digas  
¿qué clase de hombre eres tú? 580
- »Y mi cuerpo entonces se retorció  
con terrible agonía,  
que me forzó a empezar el relato;  
y luego me dejó en libertad. 585
- Una y otra vez, siempre,  
por toda su vida futura, una  
agonía le obliga a viajar de  
una tierra a otra
- »Desde entonces, a hora incierta,  
vuelve esa agonía:  
y hasta que cuento el espantoso relato,  
este corazón dentro de mí arde. 590
- »Como noche paso de tierra a tierra;  
tengo un extraño poder para hablar:  
en el momento en que veo un rostro,  
sé el hombre que tiene que oírme;  
a él con mi relato instruyo. 595

»¡Qué gran ruido sale por esa puerta!  
 Ahí están los invitados a la boda:  
 pero en la glorieta del jardín la novia  
 y sus damas cantando están;  
 y oye la campanilla de las vísperas,  
 ¡que a la oración me invita!

600

»¡Oh, invitado! Esta alma ha estado  
 sola en el ancho, ancho mar:  
 tan sola estuvo, que el mismo Dios  
 apenas parecía que allí estuviera.

605

»¡Oh, más dulce que el convite matrimonial,  
 mucho más dulce es para mí  
 caminar hacia la iglesia  
 junto a buena compañía!

610

»¡Caminar juntos a la iglesia,  
 y rezar todos juntos,  
 mientras cada uno se inclina ante su gran Padre,  
 viejos e infantes, y amigos queridos,  
 y mozos, y alegres doncellas!

615

Para enseñar, con su propio  
 ejemplo, amor y reverencia  
 hacia todas las cosas que  
 Dios creó y ama.

»¡Adiós! ¡Adiós! ¡Pero esto te digo,  
 a ti, invitado!  
 Reza bien quien bien quiere,  
 al hombre, al pájaro y a la bestia.

620

»Reza mejor quien mejor quiere  
 todas las cosas, grandes y pequeñas;  
 porque el Dios amado que nos quiere  
 creó y ama a todos.»

El marinero de ojos brillantes,  
 cuya barba con la edad es cana,  
 se marchó y entonces el invitado  
 alejóse de la puerta del novio.

625

Se fue como alguien que, aturdido,  
 se viera privado de sentido:  
 hombre más triste y más sabio,  
 despertó a la siguiente mañana.

630





**Página intencionalmente deixada em branco**

# A BALADA DO VELHO MARINHEIRO

Trad. Paulo Vizioli, 1995

## PARTE I

Um velho marinheiro encontra três Galantes convidados a uma festa nupcial, e detém um.

É um velho Marinheiro,  
E detém um, de três que vê:  
- “Por tua barba branca e cintilante olhar,  
Tu me deténs por quê?

Agora o noivo escancarou as suas portas,  
E eu sou seu familiar.  
O comensal se apresta, principia a festa;

5

Ouve o alegre exultar.”  
Com a escarnada mão ele o detém ainda;  
“Houve um navio...”lhe disse.  
“Solta-me! Solta-me barbado vagabundo!”  
Deixou que a mão caísse.

10

O convidado Nupcial é enfeitiçado pelo olhar do velho homem do mar, e é obrigado a ouvir sua história.

Com o olho cintilante ele o detém agora...  
E, quieto, o Convidado  
Fica a escutar, como criança de três anos,  
Pelo outro dominado.

15

O convidado vai sentar-se numa pedra:  
Vê-se forçado a ouvir;  
E sua fala prossegue o Marinheiro antigo  
De olhar a refulgir.

20

“O navio foi saudado, o porto evacuado;  
Equipagem radiante,  
Passamos sob a igreja, sob o promontório,  
Sob o farol adiante.

O marinheiro conta como o navio velejou para o sul com vento favorável e bom tempo até alcançar o Equador.

À nossa esquerda então o sol se levantava,  
Do mar a se elevar;  
Era um claro esplendor... Depois ia se pôr  
À direita no mar.

25

Sempre, sempre mais alto, até que sobre o mastro  
Pairava ao meio-dia...”  
O ouvinte contrafeito aqui bateu no peito:  
O alto fagote ouvia.

30

Agora a noiva já ingressara no salão, Rubor rosa tem;  
A inclinar as cabeças, menestréis alegres  
À sua frente vêm.

35

O convidado ouve a música nupcial, mas o Marinheiro continua sua narrativa.

O ouvinte contrafeito aqui bateu no peito,  
Mas é forçado a ouvir;  
E sua fala prossegue o Marinheiro antigo  
De olhar a refulgir.

40

“E eis que colheu os navegantes a borrasca,  
Tirânica e violenta;  
Veio nas asas da surpresa, e nosso barco  
Para o sul afugenta.

O navio impelido por uma tempestade rumo ao pólo sul.

Pendiam os seus mastros, mergulhava a proa...  
Como quem, a dar gritos e golpes cm perigo,  
Persegue e pisa a sombra do inimigo,  
Curva à frente a cabeça,  
O barco assim se evade; e ruga a tempestade  
Que ao sul nos arremessa.

45

50

E de repente nos envolvem névoa e neve,  
Com um frio assassino;  
E, alto de um mastro ao vê-lo, flutuava gelo  
De um verde esmeraldino.

E, entre os blocos errantes, penhas alvejantes  
Dão espectral fulgor;  
Homens não vemos e animais que conhecemos...  
Só há gelo ao redor.

55

A terra do gelo e de sons terríveis onde nenhum ser vivo se podia ver.

O gelo estava aqui, o gelo estava ali,  
Só gelo no lugar;  
E rangia e rosnava, e rugia e ululava,  
- Os sons de um desmaiar.

60

Enfim passou por nós, bem no alto, um Albatroz,  
Vindo da cerração;  
Em nome do Senhor nós o saudamos, como  
se fosse outro cristão.

65

Até que uma grande ave marinha, chamada Albatroz, veio entre a névoa, e foi recebida com grande alegria e hospitalidade.

Comeu o que jamais comera, e lá na altura  
Volteava sobranceiro;  
Rompeu-se o gelo então co'o estrondo de um trovão...  
Passou o timoneiro!

70

E do sul um bom vento nos soprava alento;  
O Albatroz nos seguia,  
E à nossa saudação, por fome ou diversão,  
Buscava todo dia!

E eis que o Albatroz se revela  
uma ave de bom augúrio, e  
segue o navio em seu retorno  
para o norte em meio à neblina  
e ao gelo flutuante.

Em névoa ou nuvem vem, no mastro ou no ovém,  
Por vésperas nove pousar;  
Enquanto a noite inteira, em bruma alva e ligeira,  
Luzia o alvo luar.”

75

“Velho Marujo! Deus te salve dos demônios  
Que de ti vão empós...  
Que olhar! Que te molesta?” Com a minha besta  
Eu matei o Albatroz.

80

## PARTE II

O Velho Marinheiro inospitaleiramente mata a ave de bom augúrio.

Pela direita agora o Sol se levantava:  
Do mar a se elevar  
Ainda em meio à bruma; e adiante, à nossa esquerda,  
Deitava-se no mar.

85

E do sul o bom vento nos soprava alento...  
Mas ave não se via  
Que à nossa saudação, por fome ou diversão,  
Acorresse algum dia!

90

E meu ato infernal traria para todos  
A desgraça improvisa,  
Pois, para toda a nave, eu fora a morte da ave  
Que faz soprar a brisa.

Seus companheiros de bordo protestam contra o velho Marinheiro, por matar a ave da sorte.

Glorioso o Sol surgiu, nem rubro nem sombrio,  
Tal qual fonte divina;  
E, para toda a nave, eu fora a morte da ave  
Que traz névoa e neblina.  
Justo era, em seu pensar, tal pássaro matar  
Que traz névoa e neblina.

95

Mas quando a neblina se ergueu eles o justificam, tornando-se assim, eles próprios, cúmplices do crime.

A branda brisa arfava, a espuma alva voava,  
E o sulco solto a esfiar...  
Jamais humana voz soara antes de nós  
Naquele mudo mar.

100

O vento brando continua; o navio entra no Oceano Pacífico, e veleja rumo ao norte, até alçar o Equador.

E o vento cede, as velas cedem... Quem iria  
Tristeza mais triste encontrar?  
E nós falávamos tão-só para romper  
O silêncio do mar!

105

- O navio foi subitamente  
imobilizado.
- E num ardente céu de cobre, ao meio dia,  
Em sangue o sol flutua,  
Pairando bem em cima do alto mastro,  
Não maior do que a Lua. 110
- Dia após dia, o barco ali, dia após dia,  
Sem sopro, ali, cravado;  
Ocioso qual uma pintada embarcação  
Num oceano pintado. 115
- Água, água, quanta água em toda a parte,  
E a madeira a encolher;  
Água, água, quanta água em toda a parte,  
Sem gota que beber. 120
- E o Albatroz começa a ser  
vingado.
- O próprio abismo apodrecia... Como, ó Cristo,  
Aquilo foi se dar?  
Coisas viscosas e com pernas rastejavam  
Sobre o viscoso mar.
- Sant'Elmo urdia à noite um coriscar de açoitado,  
Turbilhão e tropel;  
A água - um óleo de bruxa - verde, azul e branca  
Ardia sob o céu. 125
- Um Espírito os havia seguido,  
um dos habitantes invisíveis  
deste planeta, não almas  
que se foram nem anjos; a  
seu respeito, o erudito judeu  
Josefo e o constantinopolitano  
platônico Miguel Psellus  
podem ser consultados. São  
muito numerosos, e não há  
terra ou elemento sem um ou  
mais.
- E alguns em sonhos garantiam ver o Espírito  
Que atormentar nos deve;  
Nove braças ao fundo, havia nos seguido  
Do lar de névoa e neve. 130
- O calor e a aridez tinham secado a língua,  
Que até a raiz afligem;  
E não podíamos falar, como se a nós  
Sufocasse a fuligem. 135
- Os companheiros, em sua  
dolorosa aflição, desejavam  
lançar a culpa toda sobre o  
velho Marinheiro; como indício  
de tal coisa, penduraram  
a ave marinha morta em seu  
pescoço.
- Ah! Então - ai de mim! - que olhares mais terríveis  
Tive de velho e moço!  
Como cruz para o algoz, ataram o Albatroz  
Em torno a meu pescoço. 140

## PARTE III

- O velho Marinheiro avista um sinal ao longe no elemento.
- Um tempo de cansaço! A seca na garganta,  
No olhar vidrado um véu.  
Cansaço! E que luzir em cada olhar vidrado,  
Cansado atrás de um véu. 145  
Quando eis que de repente, os olhos no poente,  
Eu vi algo no céu.
- De início parecia uma pequena mancha,  
E depois uma bruma!  
Avançava e avançava, até que certa forma  
Ele tomou, em suma. 150
- Uma mancha, uma bruma, certa forma, em suma!  
E sempre, sempre avança...  
Como a esquivar-se de um espírito marinho,  
Mergulha e vira e dança.
- Com sua maior aproximação,  
parece-lhe ser um navio; e a  
duras penas ele liberta sua  
fala dos grilhões da sede.
- Com garganta insaciada, a boca negra assada 155  
Riso e pranto cancela;  
Nessa aridez, ante a equipagem muda e langue,  
O meu braço mordi, suguei o próprio sangue,  
E gritei: Uma vela!
- Um lampejo de júbilo;
- Com a garganta insaciada e boca negra assada, 160  
Atônitos parecem;  
Graças a Deus! exclamam; riem, riem bastante...  
E todos tomam fôlego naquele instante,  
Como se eles bebessem.
- E segue-se o horror. Pois pode  
ser um navio o que avança  
sem vento ou correnteza?
- Vede! Vede! (Gritei) - Não mais vacila! Vem 165  
Salvar-nos certamente;  
Navega firme com a quilha levantada,  
Sem vento, sem corrente!
- Agora o oceano no ocidente era um incêndio:  
A tarde no arrebol! 170  
Quase pousara sobre o oceano no ocidente  
Largo e luzente o Sol;  
Foi quando aquela forma estranha se interpôs  
Justo entre nós e o Sol.
- Parece-lhe apenas o esqueleto  
de um navio.
- E com barras o Sol logo ficou listrado 175  
(Ó Mãe do Céu, socorre o crente!);  
Parecia espiar por grades de masmorra,  
Com rosto enorme e ardente.

|   |   |     |
|---|---|-----|
|   | Ai de mim! (eu pensei, e o peito martelava)<br>O espaço, como ganha!<br>Seriam suas velas o que ao sol cintila<br>Como teias de aranha?   | 180 |
| E suas balizas são vistas como barras sobre a face do sol poente. A Mulher-espectro e sua companheira Morte, e ninguém mais a bordo do navio esqueleto. Tal nave, tal tripulação! | O arcabouço talvez - que encerra a luz do Sol<br>Em grades de madeira?<br>Seria essa Mulher sua tripulação?<br>Ela seria a MORTE? Ou ambas que lá estão?<br>A MORTE é a companheira?  | 185 |
|   | Seus lábios eram rubros; seu olhar, lascivo;<br>Sua trança, auri-amarela;<br>Sua pele, como a lepra, era de um branco forte;<br>Ela era o próprio Pesadelo VIDA-EM-MORTE,<br>Que o sangue humano gela.  | 190 |
| A Morte e a Vida-em morte disputam nos dados a tripulação do navio, e ela (a última) conquista o velho Marinheiro.  | Chegou a nua carcassa; e o par, a jogar dados,<br>fazia desafios;<br>“É o fim do jogo!” a Mulher diz, “Ganhei! Ganhei!”<br>E dá três assobios.  | 195 |
| Nenhum crepúsculo nas cortes do Sol.  | A orla do sol mergulha; fogem as estrelas:<br>É escuridão total.<br>Num sussurrar distante, sobre o mar dispara<br>O navio espectral.   | 200 |
| Ao levantar-se a Lua,   | Tudo ao redor o ouvido escuta o e olhar perpassa!<br>Meu sangue vital sorve, como numa taça,<br>Em meu peito o temor!<br>Apagam-se as estrelas, densa é a escuridão;<br>Lívida a face do piloto à luz junto ao timão!<br>Nas velas o orvalho é um suor...<br>Até que a Lua sobe ao longe no oriente,<br>Nos cornos envolvendo estrela refulgente<br>Junto à porta inferior. | 205 |
| Um após o outro,  | Um por um, pela Lua que os astros acuam,<br>Sem tempo de gemer ou suspirar,<br>Todos viram-me o rosto, com horrenda angústia<br>E maldição no olhar.  | 210 |
| Seus companheiros tombaram mortos.  | Quatro vezes cinquenta a soma de homens vivos<br>Que, sem suspiro e sem gemido algum,<br>Com um baque pesado, quais massas inertes,<br>Caíram um por um.  | 215 |

Mas a Vida-em-Morte começa a trabalhar o velho Marinheiro.

Suas almas voaram... para a danação,  
Ou para a eterna paz.  
E essas almas silvavam, ao passar por mim,  
Qual minha seta o faz. 220

#### PARTE IV

O convidado Nupcial teme que quem lhe fala é um Espírito;

“Tenho medo de ti, ó velho Marinheiro!  
De tua mão escarnada!  
E tu és alto, e esguio, e escuro como a areia  
Dos mares estriada. 225

Mas o velho Marinheiro o reassegura de sua vida corporal, e prossegue o relato de sua horrível penitência.

Tenho medo de ti, do olhar teu cintilante,  
E da escarnada, escura mão...”  
Convidado Nupcial, não temas; este corpo  
Não tombou. Ainda não!

Ah, sozinho, sozinho, inteiramente só,  
Num largo, largo mar!  
E nunca nenhum santo se apiedou  
De minh'alma a agoniar. 230

Ele despreza as criaturas da calmaria,

Uma tripulação tão grande - e tão bonita!  
E toda ali morreu;  
E milhares, milhares de viscosos seres  
Vivendo... e também eu. 235

Despeitado por que elas vivem, e tantos jazem mortos.

Lancei os olhos sobre o oceano putrescente -  
E os vazios desolados;  
Ao convés putrescente desviei os olhos -  
E os mortos lá deitados. 240

Olhei para o alto e quis orar, mas não jorrou  
Nem uma reza só;  
Um sussurro malvado fez que o coração  
Secasse como pó. 245

Cerrando as pálpebras, mantive-as comprimidas;  
Como veias os glóbulos pulsavam,  
Enquanto o mar e o céu, enquanto o céu e o mar  
Jaziam como um peso em meu cansado olhar...  
E os mortos me rodeavam. 250



Mas para ele a maldição vive  
no olhar dos homens mortos.

Os seus membros, nem fétidos nem pútridos,  
Destilavam suor gelado;  
Os seus olhares - os olhares que me olharam -  
Jamais haviam passado.

Mesmo à alma superior a maldição de um órfão  
Pode danar com seu poder;  
Mais horrível, porém, é quando o olhar de um morto  
A nós vem maldizer!  
Sete dias e noites vi tal maldição,  
E não podia morrer.

255

260

Em sua solidão e imobilidade, ele anseia pela Lua a viajar, e pelas estrelas que restam fixas mas ainda assim avançam; e em toda parte o céu pertence a elas, e é seu designado repouso, e seu país natal e seus próprios lares naturais, onde elas ingressam sem anúncio prévio, como soberanas que são certamente aguardadas e, no entanto, há um júbilo silencioso à sua chegada.

A Lua viajante alçava-se no céu,  
Nenhum lugar seu lar;  
Doce subia, acompanhada de uma estrela,  
Ou duas, a brilhar...

Qual geada de abril, zombavam os seus raios  
Do mormacento oceano;  
Mas, onde a sombra imensa do navio jazia,  
Ainda a água do mar enfeitada ardia,  
Um rubro imoto e insano.

265

À luz da lua ele contempla as criaturas de Deus na grande calmaria.

Além da sombra do navio, serpentes d'água  
Vejo em minha agonia:  
Movem-se em trilhas de candura que fulgura,  
E, quando se erguem, chispam lâminas de alvura  
Das luzes de magia.

270

Dentro da sombra do navio, as ricas vestes,  
Suas vestes ricas vejo:  
De azul, negro-veludo, ou verde que rebrilha,  
Nadam e se enovelam, quando cada trilha  
De áurea chama é um lampejo.

275

Sua beleza e felicidade.

Felizes criaturas! A beleza vossa  
Não há quem represente...  
Uma fonte de amor jorrou deste meu peito.  
E as bendisse inconsciente.  
Um bom santo de mim por certo se apiedara,  
E as bendisse inconsciente.

280

Em seu coração ele as abençoa.

285

Começa a quebrar-se o encanto.

Naquele mesmo instante orar eu já podia;  
E o albatroz, meu colar,  
Se desprende de meu pescoço, e mergulhou  
Como chumbo no mar.

## PARTE V

- Ó Sono! Ó Sono, que é de pólo a pólo amado, 290  
 Suave essência, e calma!  
 Nós devemos louvar Maria no seu trono!  
 Foi ela quem mandou este suave sono  
 Que desceu em minh'alma.
- Pela graça da santa Mãe, o  
 velho Marinheiro é revigora-  
 do pela chuva. 295  
 Sonhei que os baldes, tanto tempo no seu ócio  
 Ditoso no convés,  
 Encheram-se de orvalho; mas, quando acordei,  
 Era chuva ao invés.
- Molhadas minhas vestes, úmidos meus lábios,  
 Minha garganta, fria; 300  
 Por certo havia bebido nos meus sonhos,  
 E o corpo ainda bebia.
- Eu então me movi, mas não sentia os membros:  
 Tão leve estava... Quase 305  
 Imaginei que no meu sono havia morrido,  
 E era espírito em êxtase.
- Ele ouviu sons e vê estranhas  
 visões e comoções no céu e no  
 elemento. 310  
 Mas logo ouvi um vento que rugia ao longe -  
 Um rumor afastado;  
 Mas só este som já sacudiu todo o velame,  
 Ressequido e esgarçado.
- A vida irrompe no ar! Cem flâmulas-de-flama  
 Coriscam sobre os mastros,  
 Indo e voltando, à frente e atrás, rapidamente;  
 E dentro e fora, para trás e para frente,  
 Dançam em meio aos astros. 315
- E o vento ao vir ruge mais alto; qual carriça,  
 Suspiram velas, cordas;  
 E a chuva se despeja de uma nuvem negra,  
 Com a Lua em suas bordas.
- Inda lá estava a Lua, quando negra e espessa  
 A nuvem se partiu: 320  
 Como de alto penhasco tomba a catarata,  
 O relâmpago veio numa linha exata,  
 Um fundo e largo rio.
- Os corpos da tripulação do  
 navio são inspirados e o na-  
 vio se move. 325  
 Nunca atingiu o barco o rumoroso vento -  
 E o barco era impelido!  
 Por sob a Lua e o coriscar, os mortos deram...  
 Sim, deram um gemido.

- Gemeram, se moveram, e depois se ergueram,  
Sem falar, sem olhar; 330  
Mesmo em sonho, era estranho ver tanto homem morto  
Do chão se levantar.
- Manobra o Timoneiro, a nave se desloca,  
E sem nenhuma aragem; 335  
Os marujos se põem a trabalhar nas cordas,  
E tal como antes agem;  
Instrumentos sem vida tornam-se seus membros...  
Que tétrica equipagem!
- Postado frente a mim, puxando a mesma corda,  
Era-me companhia, 340  
Joelho com joelho, o corpo de um sobrinho;  
Mas nada me dizia.
- Mas não pelas almas dos mortos, nem por entidades da terra ou do ar intermediário, mas por uma legião abençoada de espíritos angélicos, enviada pela invocação do santo guardião.
- “Tenho medo de ti, ó velho Marinheiro!”  
Por que, convidado, te espantas? 345  
Em vez de seus espíritos atormentados,  
Ora os cadáveres estavam animados  
Por legião de almas santas:
- Pois quando amanheceu, os braços de seus caídos,  
Ao mastro envolve o bando; 350  
Das bocas se elevaram lentos sons suaves,  
De seus corpos passando.
- Voava à volta, à volta, cada som suave  
E rumo ao Sol subia;  
E lento eles tornavam - um por uma agora,  
Agora em harmonia. 355
- Ouvia às vezes, como que a chover da altura,  
A voz da cotovia;  
Às vezes toda a passarada em seu gorjear,  
Gorjear que parecia encher o céu e o mar 360  
Com doce melodia!
- E ora lembrava alguma flauta solitária,  
Ora instrumentos agrupados;  
Mais tarde se tornava um canto angelical,  
Que os céus ouvem calados.
- Cessou... Mas no velame, até o meio-dia, 365  
segue um murmúrio ameno,  
Igual ao do regato no frondoso junho,  
Que, oculto no terreno,  
Embala a noite inteira os bosques a dormir,  
Com seu canto sereno. 370

O Espírito solitário do pólo sul leva o navio até a linha do equador, em obediência à legião angélica, mas ainda exige vingança

Até o meio-dia o navegar foi calmo...  
Mas sem nenhuma brisa:  
impelido por baixo, lenta e livremente  
Nosso navio desliza.

Nove braças ao fundo, sob a sua quilha, 375  
Do lar de névoa e neve  
O Espírito se esgueira; é quem empurra o barco  
Num movimento leve.  
O canto do velame pára ao meio-dia,  
E o navio parar deve. 380

A pico sobre o mastro, o Sol o havia cravado  
Naquele oceano manso;  
Mas num minuto ele voltou a se mover,  
Num breve e duro avanço...  
À frente e atrás, não mais que o meio de seu casco,  
Num breve e duro avanço. 385

Então, como um cavalo escarvador que é solto,  
Saltou inesperado;  
Fez que o sangue à cabeça me subisse,  
E caí desmaiado. 390

As entidades-companheiras do espírito polar, os habitantes invisíveis do elemento, compartilham sua indignação; e dois deles relatam, um para o outro, que longa e dura penitência havia sido imposta ao velho marinheiro pelo Espírito Polar, que retorna ao sul.

Quanto tempo durou o desfalecimento  
Eu não sei afirmar;  
Mas, antes de vivente vida novamente,  
Eu pude ouvir e discernir em minha mente  
Um par de vozes no ar. 395

“Este?” disse a primeira, “O homem então é este?  
Por Cristo, que morreu por nós!  
Sua mão funesta é que prostrou com uma besta  
O inocente Albatroz.

O Espírito, que habita inteiramente só 400  
O lar de névoa e neve,  
Amava aquele pássaro que amava este homem  
Que o mataria em breve.”

A segunda, entretanto, era uma voz mais doce, 405  
Doce quanto o maná;  
Disse ela: “Este homem fez bastante penitência,  
E muito mais fará”.

## PARTE VI

### PRIMEIRA VOZ

“Mas diz-me, diz-me! Narra mais, e continua  
Teu doce replicar... 410  
Por que veleja tão veloz esse navio?  
Que está fazendo o mar?”

### SEGUNDA VOZ

“A mar, imóvel como o escravo ante o senhor,  
Sopro algum tumultua; 415  
Seu grande olho brilhante imerso no silêncio  
Volta ele para a Lua

Para o caminho descobrir, pois ela o guia  
Em bonança e procela.  
Eis ali, meu irmão! Quanta benevolência 420  
Lhe transmite o olhar dela.”

O Marinheiro foi lançado num transe hipnótico; pois o poder angélico faz a embarcação rumar para o norte mais depressa do que a vida humana pode suportar.

### PRIMEIRA VOZ

“Porém o que, sem vento ou vaga, a esse navio  
Ir tão depressa faz?”

### SEGUNDA VOZ

“Fendem-se à frente os ares para a sua passagem,  
E fecham-se por trás. 425

Mas não nos retardemos! Cada vez mais alto,  
Foge, irmão - como eu fujo!  
Sempre mais devagar irá navio andar, 430  
Despertado o Marujo.”

O movimento sobrenatural é retardado; o Marinheiro desperta, e sua penitência recomeça

Voltei a mim, e, como quando o tempo é calmo,  
Seguia o barco avante;  
Plácida a noite, era alta a lua; e vi reunidos  
Os mortos nesse instante. 435

Todos de pé lá no convés, que deveria  
Ossário se chamar;  
Todos em mim fixavam seu olhar de pedra,  
Que brilhava ao luar.

Jamais havia passado a angústia de sua morte - 440  
A dor, a maldição;  
Meus olhos de seus olhos não podia tirar  
E erguer em oração.

|   |   |     |
|---|---|-----|
| A maldição é finalmente expiada.                    | E eis que me é dado ver de novo o oceano verde...<br>Rompera-se a magia;<br>Perscrutei o horizonte, mas eu vi bem pouco<br>Do que ver se podia...   | 445 |
|   | Era eu como quem vai, com medo e com temor,<br>Por deserto lugar,<br>E, tendo olhado à pressa para trás, prossegue<br>Sem nunca mais olhar<br>Porque bem sabe que um demônio assustador<br>Pisa em seu calcanhar. | 450 |
|   | Entanto, logo sopra um vento sobre mim,<br>Sem moção, sem barulho;<br>O seu caminho não passava pelo oceano,<br>Na sombra ou no marulho.  | 455 |
|   | Agitou-me os cabelos, abanou-me a face,<br>Como a aura faz na primavera...<br>Mesmo a mesclar-se estranhamente aos meus temores,<br>De boas vindas era.   | 460 |
|   | Veloz, veloz voava a nave - suavemente<br>Velejando porém;<br>E branda, branda a brisa para mim soprava -<br>Para mim, mais ninguém.  | 465 |
| E o velho Marinheiro com-<br>templa seu país natal. | Ó sonho jubiloso! É o topo do farol<br>O que avisto afinal?<br>Aquilo é promontório? Aquilo é mesmo a igreja?<br>É o meu país natal?  |     |
|   | Cruzando a barra, entrávamos no porto; e, em pranto,<br>A Deus orei assim:<br>Senhor, desperta a mim agora, ou então dá-me...<br>Dá-me o sono sem fim!  | 470 |
|   | A baía brilhava como um claro espelho,<br>Tão lisa a face sua!<br>E por sobre a baía o luar se distendia,<br>E o reflexo da Lua.  | 475 |
|   | Cintilava o penhasco - e assim a igreja no alto,<br>Que é seu coroamento;<br>E o plenilúnio mergulhava na quietude<br>O imóvel catavento.   | 480 |

|   |  |     |
|---|--|-----|
| Os espíritos angélicos deixam os corpos dos mortos, | E toda aquela alvura à muda luz fulgura;<br>E da luz vêm por fim<br>Vultos variados, que eram sombras, ostentando<br>As cores do carmim.   | 485 |
| E aparecem em suas próprias formas de luz.          | As sombras de carmim se apressam rumo à proa,<br>E se postam ali;<br>Nesse instante voltei os olhos ao convés...<br>Cristo meu! O que vi!  |     |
|   | Cada corpo, estirado... exânime e estirado;<br>E - pela santa cruz!<br>Por sobre cada corpo havia um serafim,<br>Um homem todo luz.  | 490 |
|   | Com as mãos acenando, o seráfico bando<br>Era visão superna!<br>Sinaliza para a terra em seu fulgor,<br>Cada um, uma lanterna.   | 495 |
|   | E o seráfico bando as mãos ia acenando<br>Em silêncio perfeito...<br>Em silêncio; mas ó! caía este silêncio<br>Qual música em meu peito.   | 500 |
|   | Nisto, o bater de remos e o brado do Piloto<br>Fazem que me alvorote...<br>Fui forçado a lançar os olhos para o mar,<br>E vi surgir um bote.   | 505 |
|   | O Piloto, a seguir - com o ajudante seu -<br>Ouvi se aproximar;<br>Era alegria - ó Deus do Céu! - que nem os mortos<br>Podiam arruinar.  |     |
|   | E lá vi um terceiro: era o Ermitão piedoso!<br>Escutei sua voz,<br>A alta voz com que entoa os seus hinos de loa<br>Que nos bosques compôs.<br>Ela há de me absolver, ele há de me lavar<br>Do sangue do Albatroz. | 510 |
|   |  | 515 |

## PARTE VII

- O Eremita do Bosque,  
 Vive o Ermitão piedoso nesse bosque anoso  
 Que desce para o mar.  
 Quão doce eleva a sua voz altissonante!  
 Com marinheiros vindos de qualquer quadrante  
 Ele ama conversar. 520
- De manhã se ajoelha, e ao meio-dia, e à tarde...  
 Tem fofo travesseiro:  
 O velho e apodrecido toco de carvalho  
 Que o musgo envolve inteiro.
- O bote aproximou-se; e ouvi as suas vozes: 525  
 “Ora, é estranho, é irreal!  
 As belas luzes onde estão, que ainda há pouco  
 Nos faziam sinal?”
- Aproxima-se do navio com  
 espanto.  
 “Estranho, à fé!” disse o Eremita... “Nem resposta  
 Deram a nosso brado! 530  
 A tabica empenada! e vede o seu velame  
 Ressequido e esgarçado!  
 Nunca vi nada igual em minha vida, a menos  
 Que seja comparado
- Aos espectros das folhas mortas, essa turba 535  
 Que ao leito do regato entope e rouba,  
 Quando na moita de hera a neve se demora  
 E o mocho pia para o lobo que devora  
 Os filhotes da loba.”
- “Meu Deus! Meu Deus! Como é sinistro seu aspecto...” 540  
 (É do outro a voz aflita.)  
 “Estou morto de medo...” - “Avante, avante!” clama  
 Animado o Eremita.
- O bote veio e se encostou junto ao navio:  
 Eu não falei nem me movi. 545  
 O bote veio e se encostou sob o navio;  
 E um som súbito ouvi.
- Subitamente o navio afunda.  
 N’água um surdo rumor, sempre mais alto e horrível,  
 O abismo todo inunda;  
 Ele corta a baía, ele alcança o navio, 550  
 Que como chumbo afunda.



O velho Marinheiro é salvo  
pelo bote do Piloto.

Aturdido deixou-me o som alto e medonho,  
Que sacudiu o oceano e o céu;  
Como afogado há sete dias (eu suponho)  
Boiou o corpo meu; 555  
Porém, com o Piloto, rápido qual sonho,  
No bote vejo-me eu.

No redemoinho do naufrágio o bote gira  
Ao redor, ao redor;  
Depois, silêncio... Exceto o monte, que defronte 560  
Repetia o fragor.

Movi meus lábios... O Piloto deu um grito  
E tombou desmaiado;  
O Ermitão santo ergueu os olhos e rezou,  
Ali mesmo, a seu lado. 565

Tomei os remos: o ajudante do Piloto  
Se pôs a delirar;  
Longo tempo arrastou ruidosa uma risada,  
Os olhos a rolar;  
“Ha! Ha!” disse ao cabo, “agora sei que o Diabo 570  
Também sabe remar.”

E por fim eis-me ali, pisando em terra firme  
Na própria terra minha!  
Quando o Ermitão depois abandonou o bote,  
De pé mal se sustinha. 575

O velho Marinheiro sincera-  
mente suplica ao Eremita que  
o absolva; e sobre ele recai a  
penitência para a vida.

“Absolve-me, santo homem!” E o sinal da cruz  
O Eremita me fez.  
“Diz me depressa,” inquiriu ele, “diz, te peço:  
Que espécie de homem és?”  
Esta carcassa desde então foi torturada 580  
Por atroz agonia;  
E apenas quando eu relatava a minha história  
Livre dela me via.

E para todo o sempre em  
sua vida futura uma agonia o  
compele a errar de terra em  
terra;

Sempre aquela agonia - e sempre em hora incerta -  
Retorna desde então; 585  
E enquanto a minha história tétrica não conto,  
Queima-me o coração.

Tenho um estranho dom do verbo; e, como a noite,  
Errar de terra em terra é meu destino;  
No momento em que vejo um rosto num lugar, 590  
Eu sei que é o homem que precisa me escutar,  
E meu caso lhe ensino.

Quem suporta o clamor que jorra aquela porta!?  
Os comensais lá estão;  
Mas no jardim a noiva e as damas de honra cantam **595**  
Sob o camaranchão;  
Ó, escuta o humilde sino do ângelus que agora  
Me convida à oração!

Convidado Nupcial! Esta alma esteve só,  
Num largo, largo mar... **600**  
Era tão vasto e tão vazio, que o próprio Deus  
Lá não devia estar.

Ó, bem mais doce do que as bodas para mim -  
Porque a maior doçura - **605**  
É encaminhar-me em companhia para a igreja,  
Na devoção mais pura!

É encaminhar-me em companhia para a igreja  
E orar à luz das velas,  
Enquanto cada qual ao Pai dobra os joelhos - **610**  
Bons amigos, crianças, jovens, velhos  
e as alegres donzelas!

E a ensinar através do próprio exemplo, o amor e a reverência por todas as coisas que Deus criou e ama

Adeus, adeus! Porém... acrescentar convém,  
Convidado Nupcial:  
somente reza bem aquele que ama bem **615**  
Homem, ave e animal.

Somente ora melhor quem sabe amar melhor  
A tudo, grande e miúdo;  
Pois o bondoso Deus, que tem amor por nós,  
Ele fez e ama tudo.

E foi-se o Marinheiro - cintilante o olhar **620**  
E a barba branca e vasta;  
E das portas do noivo o Convidado agora  
Lentamente se afasta.

Caminhou como alguém a cujo senso aturdem  
Desvario e ressábio... **625**  
E, na manhã seguinte, levantou-se um homem  
Mais sombrio e mais sábio.



**Página intencionalmente deixada em branco**



Samuel Taylor Coleridge nasceu em 21 de outubro de 1772, em Devonshire, Inglaterra. Ele é considerado um dos precursores do movimento romântico na poesia inglesa e se distingue entre os poetas da sua geração pelo seu verso inovador e pelo alcance e influência do seu pensamento. Seus poemas são de espírito meditativo, especulativo e são estranhamente oraculares, muitas vezes em diálogo com o movimento gótico que o precedeu. Em 1798, Coleridge e seu amigo William Wordsworth escreveram uma coletânea de poemas intitulada *Lyrical Ballads*, que é considerado o primeiro grande livro do Romantismo inglês e contém o famoso poema de Coleridge, “A balada do velho marinheiro”. Em 1817, Coleridge publica o livro *Biographia Literaria*, a obra mais significativa de crítica literária produzida no período romântico inglês. Ele morreu em Londres em 25 de julho de 1834.

